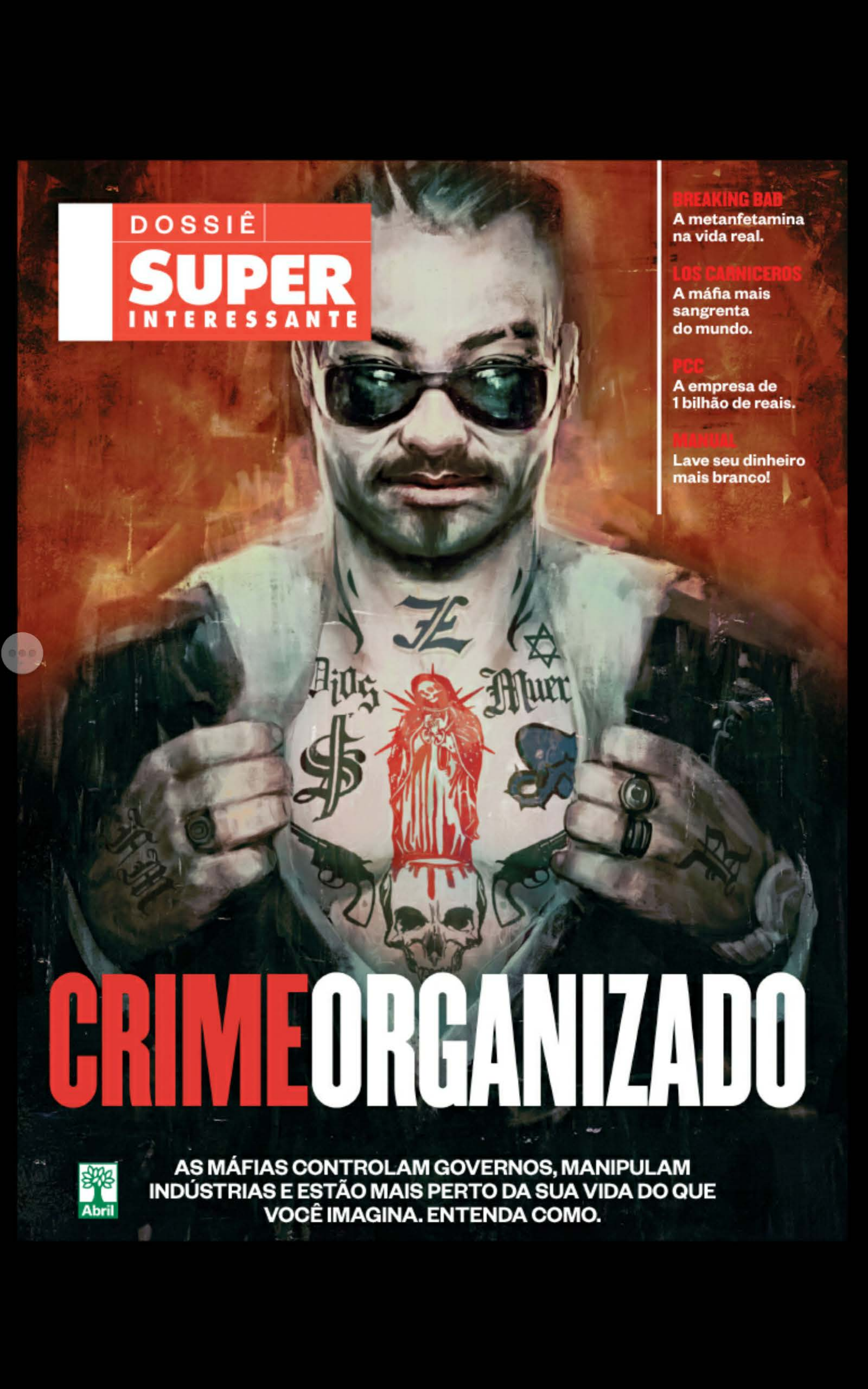


A man with a mustache and sunglasses, wearing a white shirt with various tattoos. The tattoos include a large 'FZ' at the top, a Star of David on the right, a red figure in the center, a dollar sign on the left, and a skull at the bottom. He is holding two handguns, one in each hand. The background is a textured, reddish-brown color.

DOSSIÊ

SUPER
INTERESSANTE

BREAKING BAD

A metanfetamina na vida real.

LOS CARNICEROS

A máfia mais sangrenta do mundo.

PCC

A empresa de 1 bilhão de reais.

MANUAL

Lave seu dinheiro mais branco!

CRIME ORGANIZADO



AS MÁFIAS CONTROLAM GOVERNOS, MANIPULAM
INDÚSTRIAS E ESTÃO MAIS PERTO DA SUA VIDA DO QUE
VOCÊ IMAGINA. ENTENDA COMO.

EFEITO COLATERAL

Um ano divide a história do crime organizado: 1991. Antes, ele era dominado por máfias territoriais – como a Cosa Nostra, que atuava na Sicília – e por grupos especializados em um só mercado, como os cartéis colombianos. Até que a Guerra Fria por fim acabou e, junto ao comunismo, derrubou as barreiras para o comércio internacional. Isso enriqueceu tremendamente a economia mundial – tanto a lícita quanto a ilícita.

Italianos se uniram a sul-americanos, africanos e balcânicos. Sofisticadas redes criminosas na África Ocidental prosperaram em meio à fragilidade das instituições em seus países. O extraordinário crescimento da China abriu espaço para a produção de

→ | Arraste para ler

MAURÍCIO HORTA
Editor



SUMÁRIO CRIME ORGANIZADO

MÁFIAS

Ricos, influentes e globalizados: conheça os grupos criminosos que mais crescem no Brasil e no mundo.



CARTÉIS MEXICANOS



MÁFIA ITALIANA



REDES AFRICANAS



PCC

comércio internacional. Isso enriqueceu tremendamente a economia mundial – tanto a lícita quanto a ilícita.

Italianos se uniram a sul-americanos, africanos e balcânicos. Sofisticadas redes criminosas na África Ocidental prosperaram em meio à fragilidade das instituições em seus países. O extraordinário crescimento da China abriu espaço para a produção de falsificados numa escala inédita. O tráfico de recursos minerais alimentou conflitos sangrentos nos países mais pobres do planeta – e forneceu matéria-prima para a indústria eletrônica.

A ironia é que o combate ao crime organizado pode ter efeitos contraditórios. Com os cartéis colombianos derrubados pelos EUA, fortaleceram-se os sanguinários cartéis mexicanos. Não há brecha imune aos tentáculos das novas máfias.

→ | Arraste para ler

Boa leitura – e boa sorte,

MAURÍCIO HORTA
Editor



SUMÁRIO

CRIME ORGANIZADO

MÁFIAS

Ricos, influentes e globalizados: conheça os grupos criminosos que mais crescem no Brasil e no mundo.



CARTÉIS MEXICANOS



MÁFIA ITALIANA



REDES AFRICANAS



PCC



Vitrine de agência de veículos atacada por integrantes do PCC nos atentados à cidade de São Paulo em 2006.

© Alex Brito/Valeparaibano/AE

NEGÓCIOS

Metade do lucro do crime está no tráfico de drogas. Mas a economia ilegal vai além: pode chegar até ao restaurante onde você come.

- MAPA DAS DROGAS
- DROGAS SINTÉTICAS
- TRÁFICO DE PESSOAS
- HEROÍNA E KROKODIL
- MINÉRIOS DE SANGUE
- PIRATAS DA SOMÁLIA
- COCAÍNA E CRACK
- FALSIFICAÇÃO
- LAVAGEM DE DINHEIRO

MÁFIAS



OS GRUPOS

Nas últimas duas décadas, o crime organizado deixou de ser uma Cosa Nostra e virou uma economia global paralela. Ele produz nos países pobres e emergentes, rompe fronteiras, usa o sistema financeiro mundial para estocar seus ganhos e depois se infiltra na economia lícita. Veja quem ganhou e quem perdeu com essa mudança.

É uma teia de gangues sanguinárias centradas no porto de Nápoles. Ela ganha novos membros entre jovens pobres ao ostentar riqueza e poder. Sem um chefão, as gangues vivem em conflito entre si.

CAMORRA
ITÁLIA

O enfraquecimento dos cartéis colombianos fortaleceu o tráfico via América Central e México, alimentando sanguinários cartéis locais.

LOS ZETAS E OUTROS
MÉXICO

Tornou-se a maior máfia da Itália ao globalizar suas parcerias, principalmente no tráfico de cocaína, e ao se infiltrar na economia lícita.

'NDRANGHETA
ITÁLIA

Depois de se formar em 1993 em reação ao massacre do Carandiru e ganhar notoriedade com os ataques a São Paulo em 2006, o PCC controla quase todos os presos do Estado e media disputas no mundo do crime.

PCC
BRASIL

A globalização significou maiores oportunidades para fraudadores nigerianos. Sua diáspora foi usada como tentáculos internacionais do crime e países frágeis da África Ocidental viraram porto seguro para o tráfico de cocaína.

GANGUES NIGERIANAS
ÁFRICA

CARTÉIS MEXICANOS

OPUERTO
AS NEGRAS
MONTERREY

LOS CARNICEROS

O combate americano ao tráfico de cocaína sufocou os cartéis colombianos. Em vez de acabar com a droga, isso abriu espaço para os sangrentos cartéis mexicanos, cujas disputas já mataram 60 mil pessoas desde 2006.

Por Pedro Ivo Dubra



ASI ME L...
A TODOS LOS P...
A CALE...
LES VOY A IR P...
EN ALGO L...
Y AI...
PONER EN SU N...
AHI ESTA...
CARROS BOM...
TODO P...
JOTO DEL TUB...
MEJA PARTU...
AHI ANE...
AL COMANDAN...
PUROS VERG...
AHORA AHI A...
ESTA BUENIC...
OTROS SE MI...
CHINGAR A...
VEMU...

As 4 horas da manhã de um domingo, a Polícia Federal mexicana encontrou os corpos de 43 homens e seis mulheres, entre 20 e 25 anos, nus em uma fossa clandestina próximo a Monterrey, uma das cidades mais prósperas do México, na estrada que segue em direção à fronteira com os EUA. Eles já estavam em decomposição por ao menos 48 horas, mas não existia queixa alguma dos desaparecimentos.

Só havia uma forma de identificá-los: pelo exame de DNA. Afinal, os assassinos tinham arrancado as cabeças, as mãos e os pés de todos.

Passado mais de um ano, o caso continua sem solução. Mas a suspeita recai sobre o cartel Los Zetas – a mais sanguinária organização criminosa do México, formada por ex-militares treinados pelas Forças Armadas dos EUA na infame Escola das Américas. Ficou claro para os médicos legistas que a profanação dos cadáveres servia para dificultar a identificação das vítimas. Mas essa não era a única razão. Ao desmembrar corpos, os Zetas alimentam uma mística diabólica de terror. Quando não querem deixar rastros, chegam a

Num só dia em 2012, os Zetas mataram 23 desafetos em Nuevo Laredo, na fronteira com o Texas. Foram 14 decapitados largados próximo à prefeitura e nove enforcados num viaduto.

dissolver mortos em ácido. Já quando o negócio é fazer estardalhaço, costumam pendurar desafetos em pontes. Qualquer semelhança com as cenas mais violentas de *Breaking Bad* é mera inspiração.

Para morrer nas mãos dos Zetas não é necessário estar diretamente envolvido no crime. No começo de 2013, mais uma carnificina espetacular foi atribuída ao grupo. Treze integrantes de uma banda de *vallenato* (estilo de música folclórica colombiana) foram assassinados e jogados num poço em Mina, pequenina cidade também nas cercanias de Monterrey – pelo crime de animar festas em território de rivais.

Essas amostras de violência explícita valem como cartão de visita do estilo Zeta de ser, extremamente brutal até mesmo para os padrões de seus rivais ou para a conflituosa história do México. Os Zetas são a face mais macabra de uma guerra que já matou 60 mil pessoas desde 2006.



TRAIDORES

A história dos Zetas começou no final dos anos 90, quando membros do Exército mexicano decidiram desertar e prestar serviços como matadores e guarda-costas para o Cartel do Golfo. Esse poderoso sindicato do crime tem origens que remontam à década de 1930, quando contrabandeava bebida para os EUA no período da Lei Seca, mas foi apenas na

década de 1970 que se especializou no narcotráfico no nordeste do México. Nos anos 90, os EUA perseguiram os cartéis colombianos, que na época dominavam o tráfico de cocaína. Foi essa a deixa para que o Cartel do Golfo se expandisse – e percebesse que precisava de novos braços fortes.

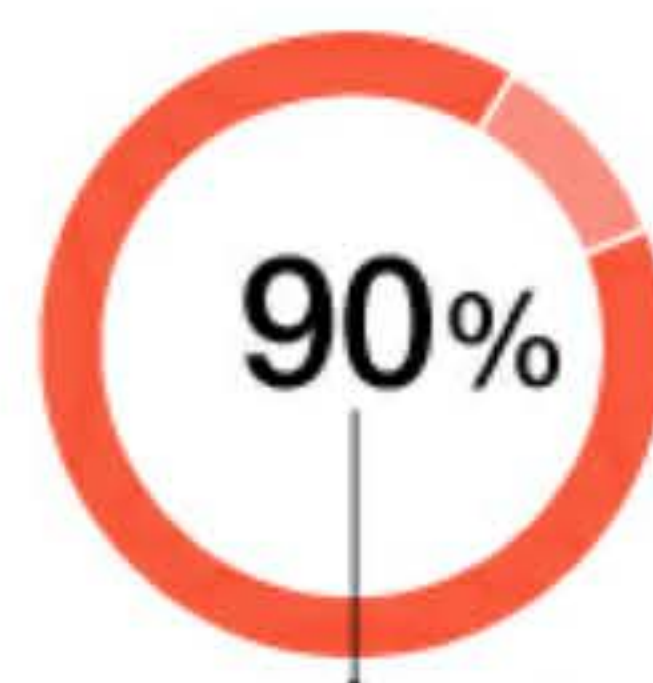
Entre os militares convertidos ao narcotráfico estavam os membros do Corpo de Forças

**O TACO
DOS
CARTEIS**

Grupos do México lucram até

US\$ 29 BILHÕES

por ano com drogas, sem contar
tráfico de imigrantes, extorsão...



da cocaína vendida
nos EUA atravessam
a fronteira com o México

UN REGALO PARA LOS PANOCCHUDOS Y CHA



Material de trabalho dos Zetas confiscado pela polícia ao prender dez de seus membros em Monterrey, México, em 2012.

HEROÍNA 0,18
OPIO 1,46
COCAÍNA 3

Em 2012,
o México
apreendeu
(em toneladas)

OS EUA
FORNECEM

90%

DAS ARMAS

apreendidas no México.

Fontes Departamento de Estado dos EUA, Serviço de Pesquisa do Congresso americano

METANFETAMINA 30



Especiais do México, que haviam reprimido a Revolta de Chiapas (1994), um levante popular no sul do México. Bem treinados e implacáveis, os soldados que virariam bandidos haviam recebido instruções de contrainsurgência das Forças Armadas americanas. Como aconteceu com Bin Laden, Saddam Hussein e os Taliban, os EUA municiavam seus futuros adversários de guerra.

Os Zetas permaneceram aliados ao Cartel do Golfo até 2010. Ao longo do período de cooperação, os antigos capangas se fortaleceram muito, ao passo que, entre prisões e disputas internas, os velhos chefões do Golfo perdiam poder.

Inevitavelmente, a relação entre os dois foi estremecendo. Era como se o cartel fosse um país cujas Forças Armadas tivessem crescido muito mais que o governo civil e, de tão fortes, sentissem o golpe militar como um passo natural. Os dois grupos se tornaram inimigos figadais, lutando pelo controle do nordeste mexicano. Já no oeste, os Zetas se batem contra o Cartel de Sinaloa, cujo líder, Joaquín “El Chapo” Guzmán, é hoje o criminoso mais procurado do país.

Corpos na região metropolitana de Monterrey. Uma mensagem dos Zetas avisa: “Isso é o que acontecerá com todos os civis e policiais que colaborarem com o (rival) Cartel do Golfo.”

Z DE ZETA

A origem do nome “Los Zetas” não tem segredo – vem da última letra do alfabeto, que em espanhol é “zeta”. No país, virou uma marca registrada forte, sinônimo de sadismo. Nos lugares onde pessoas temem mencionar o nome do grupo, elas gesticulam um “z” no ar – o mesmo “z” que os criminosos marcam nos corpos e nas roupas de suas vítimas, tal como um Zorro às avessas. A escolha da marca, no entanto, não tem nada a ver com Zorro. Ela é, na verdade, uma referência ao passado militar de Arturo Guzmán Decena, o fundador do grupo, morto em 2002. A letra “z” era um código militar de rádio destinado a comandantes.

Ainda na época em que servia ao grupo de elite das Forças Armadas mexicanas, Guzmán, o Z-1, começou a aceitar subornos do Cartel do Golfo, até aderir totalmente ao crime. Foi um grande recrutador de colegas fardados. Os salários no Exército eram baixos e as oportunidades no narcotráfico mexicano eram grandes. Afinal, os cartéis colombianos de Cali e Medellín haviam sido desmantelados e Pablo Escobar, morto em 1993.

Com ou sem Escobar, a demanda do mercado americano manteve a costumeira voracidade. Os cartéis mexicanos souberam realizar a transição para os novos tempos, disputando entre si o controle das rotas de passagem da cocaína vinda da Colômbia, do Peru e da Bolívia. Ademais, o México é atualmente o maior exportador mundial de maconha e o maior fornecedor de metanfetamina para os EUA.

As drogas, porém, estão longe de ser a única fonte de renda dos Zetas – e, nisso, eles se distinguem dos outros rivais. Cerca de metade dos seus lucros acaba vindo de atividades variadas, como extorsão, sequestro e roubo de combustível. Outra marca distintiva é a estrutura descentralizada, que permite agir de forma ágil e capilarizada. Com equipe já estimada em 10 mil homens, os Zetas dão vazão a um grande apetite por território, estendendo tentáculos por países da América Central, como a Guatemala, que mantém uma porosa fronteira com o México e faz parte do corredor de entrada de 90% da cocaína vendida nos EUA. Também estabelecem alianças, como a que hoje mantêm com o Cartel de Juárez e com os Sureños, do sul da Califórnia, por exemplo.

Para além da guerra travada entre os cartéis, os Zetas ganharam fama por atacar seus compatriotas civis e imigrantes, sobretudo os centro-americanos rumo aos EUA via México. Os

membros. Em agosto de 2010, nas cercanias da cidade de San Fernando, a cerca de 150 quilômetros da fronteira americana, foram descobertos num rancho os corpos de 72 imigrantes. Quatro eram brasileiros – um casal do Pará e dois mineiros. Um sobrevivente equatoriano narrou que quem se negasse a entrar para a facção recebia um tiro na nuca. Passados oito meses, a conta seria ainda maior. Em outro rancho, começaram a ser desenterrados os restos de 193 pessoas, sobretudo mexicanas, retiradas à força de ônibus que circulavam pela estrada federal 101. Os dois eventos ficaram conhecidos como os Massacres de San Fernando.

Segundo a entrevista de um traficante anônimo ao jornal *Houston Chronicle*, em 2011, seriam práticas comuns entre os Zetas a matança instantânea de velhos, o estupro de mulheres e a montagem de um sádico clube de gladiadores, onde homens saudáveis disputam a sobrevivência atacando um ao outro com martelos, porretes e facões, num jogo intitulado “Quem vai ser o próximo matador?”.

A rede de trens de carga conhecida como La Bestia tornou-se um dos alvos prediletos da organização. Imigrantes da América Central à procura do eldorado americano trepam nos tetos dos vagões para atravessar o México numa viagem terrível, que pode incluir estupro, quedas mortais ou mutiladoras para os que adormecem e, sempre, muito pedágio no meio do caminho. Para criar um clima ainda maior de desconfiança entre os passageiros, infiltrados buscam dados pessoais e nomes de parentes de potenciais sequestrados. Outra vítima da guerra dos cartéis foi a imprensa. Acuadas por assassinatos de jornalistas, publicações mexicanas chegaram a deixar de publicar 90% dos crimes ligados a esses grupos.

Classificado pelo Departamento de Estado dos EUA como o “cartel mais perigoso e sofisticado do México”, os Zetas permanecem no imaginário mundial como modelo de crueldade extrema. Mas já há quem considere que seu reinado de medo anda com os dias contados. O presidente Enrique Peña Nieto teve um grande êxito contra o grupo logo ainda no primeiro ano de mandato. Em julho passado, Miguel Ángel Treviño Morales, apelidado de Z-40,

↑ | Arraste para ler

TOP 5, CARTEIS

Os maiores nomes no suprimento de drogas aos EUA.

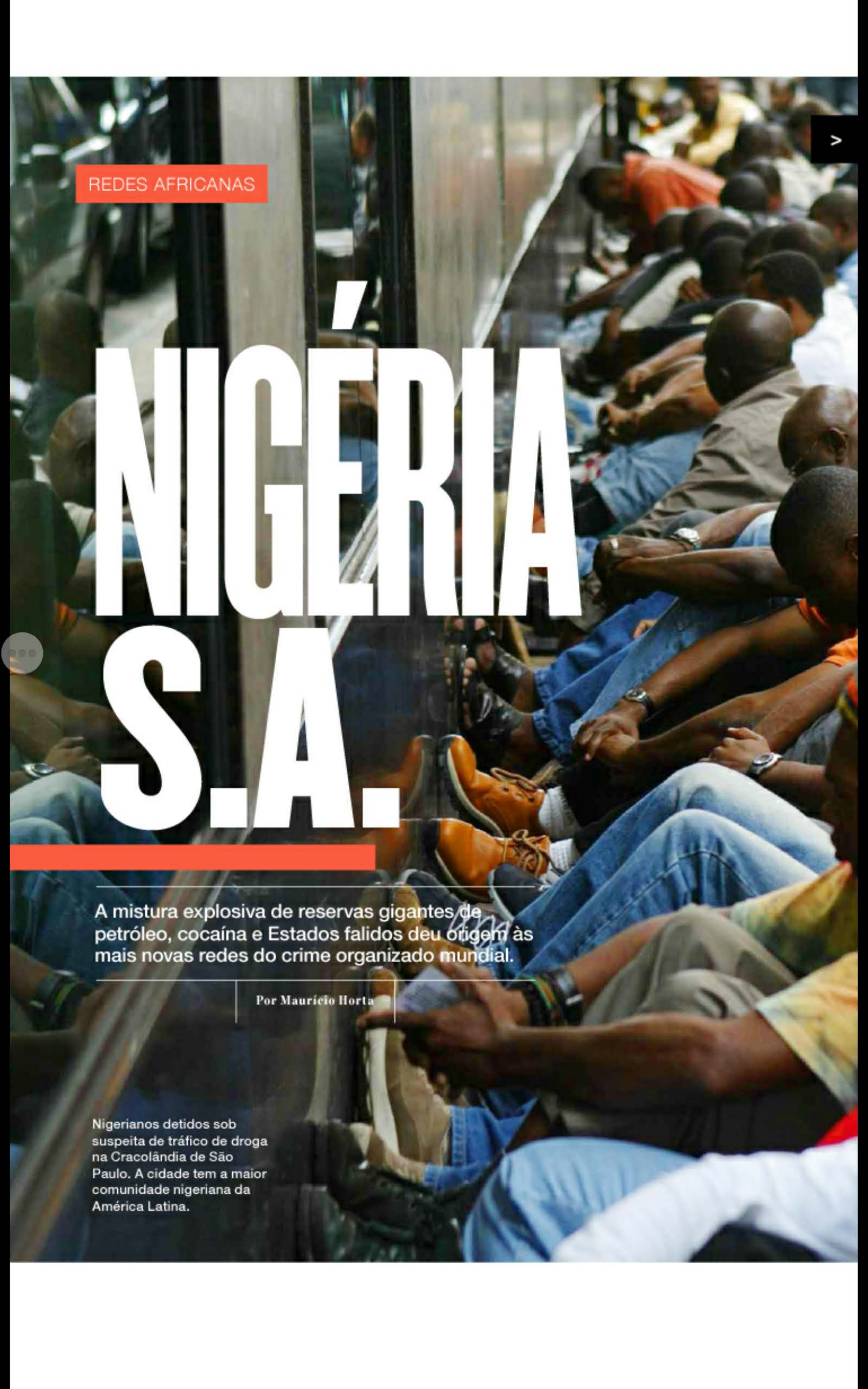
CARTEL DO GOLFO: é sediado na cidade de Matamoros, no nordeste do México, onde faz fronteira com o Texas. É o mais antigo dos cartéis do país, formado nos tempos em que Al Capone mandava em Chicago.

CARTEL DE JUÁREZ: disputa com o Cartel de Sinaloa pelo controle da Cidade de Juárez, no Estado de Chihuahua, onde faz fronteira com o Novo México, EUA.

LOS ZETAS: composto por ex-membros da elite militar mexicana, começou com capangas do Cartel do Golfo e se tornou depois independente. Domina toda a costa do Golfo do México e disputa a fronteira do nordeste do país.

CARTEL DE SINALOA: com base no Estado de Sonora, ele domina o tráfico no noroeste do México. Por anos foi o maior distribuidor de cocaína para os EUA.

CARTEL DE TIJUANA: sua sede fica no extremo-noroeste do país, na fronteira com a Califórnia. Foi debilitado pela prisão e extradição de vários membros-chave.



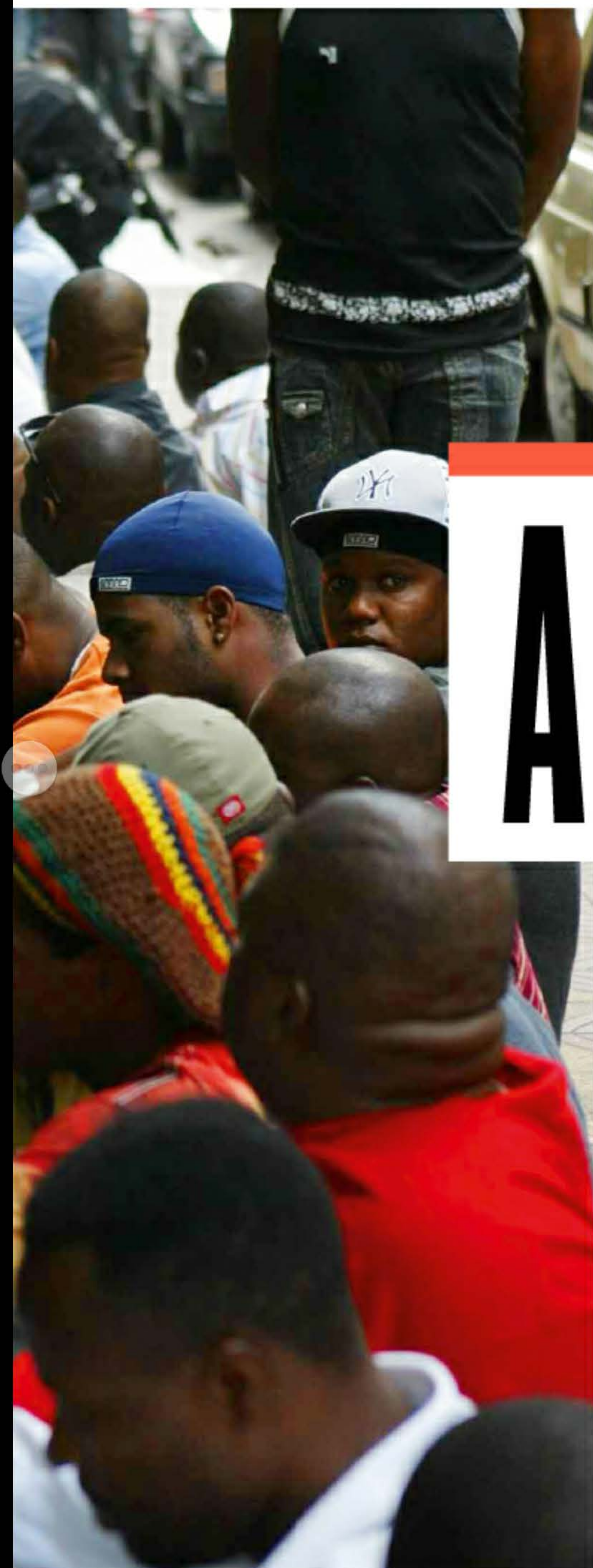
REDES AFRICANAS

NIGÉRIA S.A.

A mistura explosiva de reservas gigantes de petróleo, cocaína e Estados falidos deu origem às mais novas redes do crime organizado mundial.

Por Maurício Horta

Nigerianos detidos sob suspeita de tráfico de droga na Cracolândia de São Paulo. A cidade tem a maior comunidade nigeriana da América Latina.



A mensagem chegou da Nigéria via fax – era 1995. Um certo Tafida Williams, diretor de orçamento e planejamento do Ministério de Aviação da Nigéria, tinha uma oferta imperdível para Nelson Sakagushi, o então diretor internacional do antigo banco Noroeste, em São Paulo. Investir US\$ 50 milhões na construção do aeroporto da nova capital do país. Não era dos investimentos mais seguros, dada a alta corrupção na Nigéria. Mas a taxa de retorno parecia compensar bem o risco. E depois do aeroporto haveria outras obras. Animado com a oferta, Sakagushi foi a Londres encontrar a delegação nigeriana – que incluía o internacionalmente respeitado diretor do Banco Central da Nigéria, Paul Ogwuma. Os senhores fecharam o acordo. Mas com um detalhe. Ogwuma era, na verdade, Emmanuel Nwude, e Williams era Bless Okereke. Por três anos, os dois vigaristas conduziram Sakagushi ao maior 419 da história da Nigéria.

Sim, 419 é a versão nigeriana do código 171 brasileiro. Estelionato. Durante esse período, Sakagushi acabou transferindo US\$ 242 milhões do banco para diferentes países – Cayman, Suíça, Reino Unido, EUA – até chegarem aos falsos funcionários públicos. Em vez

de construir a infraestrutura de seu país, gastaram a grana em imóveis na Nigéria, na Califórnia e em Londres.

Como o retorno prometido não aparecia, o brasileiro entrou em desespero. Recorreu à sua mãe de santo, que cobrou cerca de US\$ 10 milhões para o sacrifício de 120 mil pombos em sua proteção. Mas não funcionou. Quando o banco foi vendido ao espanhol Santander, Sakagushi se viu contra a parede e teve de explicar como US\$ 242 milhões desapareceram sob sua responsabilidade. Foi preso por dois anos.

Fraude financeira, tráfico de drogas, tráfico de pessoas, tráfico de armas, fraude de medicamentos, pirataria marítima. Escolha um negócio digno do crime organizado internacional e ele provavelmente estará no portfólio nigeriano. Uma das razões para o país ter se tornado um dos principais palcos do crime do mundo é exatamente a cultura de fraude financeira. A outra razão é o Estado de fachada – apesar de a Nigéria ter todas as instituições de um Estado democrático, elas não funcionam. No ranking que mede o grau de bagunça estatal pelo mundo do Fund for Peace, um instituto americano, 10 dos 16 países da África Ocidental estão entre os 35 mais mal avaliados do mundo. A Nigéria fica em 16º. Bem feio para o país mais populoso da África, com 170 milhões de habitantes.

Essa região só se tornou importante para o crime organizado no final da década de 1980, época em que o comunismo desmoronava e Ronald Reagan e Margaret Thatcher lideraram a globalização. A mesma abertura das fronteiras financeiras nacionais que fortaleceu empresas multinacionais e expandiu mercados consumidores pelo planeta também serviu ao crime organizado. Estados falidos como a ex-União Soviética, a ex-Iugoslávia e a Nigéria serviram de base para grupos criminosos atuarem em escala internacional.

A Nigéria tinha algumas vantagens. Uma era a tradição mercantil do grupo étnico iqbo, que por séculos dominou as rotas de comércio que ligam a Nigéria à África do Sul e à Arábia Saudita. Outra era a grande diáspora espalhada pelo planeta. Os imigrantes moravam principalmente no Reino Unido e nos EUA, mas se espalharam também para Tailândia, Malásia, Índia, África do Sul, China e, aos poucos, Brasil. Com um Estado fraco, uma comunidade nas portas de entrada dos maiores mercados globais, conhecimento mercantil e

O TRÁFICO AFRICANO EM NÚMEROS

Nacionalidade de presos por tráfico:
(Portugal, Itália, Suíça e Alemanha)

169

romenos

321

dominicanos

331

turcos

1.449

albaneses

1.624

africanos
do Norte

1.902

africanos
ocidentais

Ache o erro: em rua do Benim, criança vende gasolina feita em refinaria clandestina com petróleo roubado por piratas na Nigéria.



experiência com fraude financeira, grupos criminosos da África Ocidental conseguiram estabelecer rotas de tráfico de drogas, pessoas e produtos falsos por todo o globo, além de esquemas de crime eletrônico.

SÓ O PÓ

Nos anos 2000, os EUA colocaram em prática o “Plano Colômbia”, que diminuiu o tráfico de cocaína para o mercado americano. Resultado? Parte dessa cocaína foi para a Europa. O caminho mais óbvio para traficantes sul-americanos seria levar a cocaína diretamente à Espanha pelo mar. Mas não demorou

As estimativas de petróleo roubado na Nigéria chegam a

400 MIL

barris por dia.

Isso daria **US\$ 1,2 bilhão** por mês.



Fontes: Ministério das Finanças da Nigéria, UNODC.
© Latinstock/Jason Florio/Corbis

Quanto **MULAS** nigerianos foram presos na Malásia por tráfico de metanfetamina:



Refinaria ilegal é destruída no delta do rio Níger, na Nigéria. Na região, criminosos perfuram oleodutos e refinam o óleo em instalações improvisadas.

para que as agências antidrogas europeias percebessem esse fluxo e fortalecessem a fiscalização. Os cartéis sul-americanos, então, começaram a pensar em opções.

Nigerianos já lideravam o tráfico de cocaína do Brasil para a África do Sul. Agora, com a crescente demanda europeia, surgiu uma inusitada sinergia entre o crime organizado da América do Sul, da África Ocidental e da Europa. Para levar a cocaína até os vários países da África Ocidental, cartéis sul-americanos passaram a trazer cocaína colombiana a partir da Venezuela em contêineres ou em aviões particulares. Já criminosos nigerianos exploram a comunidade de contrabandistas em São Paulo para aliciar mulas, que fazem o transporte em voos comerciais. Até dentro de frango assado já encontraram droga.



Chegando à África Ocidental, não é necessário pudor para transportar a cocaína de uma fronteira para outra. Os Estados são tão frágeis que, com ajuda de propina, governos fazem vista grossa aos traficantes. Ou fazem parte do próprio tráfico. Resta apenas mandar a droga para a Europa, o que é feito por mulas em voos comerciais ou em navios de carga e barcos de pesca, com destino a portos na Itália (opa, que surpresa) ou na Espanha.

Em 2007, o número de apreensões de cocaína traficada via África atingiu seu pico – 47 toneladas, em comparação com as 3 toneladas de 2003. Desde então, o número caiu, mas não está claro se o que houve foi a queda do tráfico ou a melhora dos métodos dos traficantes para não serem detectados.

Seja qual for o motivo da queda, os traficantes da região já encontraram uma atividade econômica para complementar a renda da cocaína: a produção e o tráfico de metanfetamina.

Conseguir ingredientes é fácil – a regulamentação farmacêutica é frágil na região. A técnica de produção não exige nenhuma tecnologia avançada. E o mais difícil os criminosos já têm: a cadeia de transporte e distribuição de drogas pelo mundo. Em 2010 (dado mais recente), a ONU estimou em 3 mil os mulas que levaram metanfetamina de avião para Japão, Coreia, Malásia e Tailândia. É, nada mais importante do que diversificar o portfólio.

CHAFARIZ DE ÓLEO

É claro que a Nigéria não vive do crime. O país tem uma economia grande, pouco maior do que a do Egito. Mas quase toda ela está centrada no enorme setor petrolífero. O país é o décimo maior produtor de óleo do mundo. Mas, com a economia distorcida pela dependência do óleo, restam poucas alternativas para prosperar, senão pôr a mão nele. E todos fazem isso. O Estado, que tira do óleo 80% de sua receita, as empresas estrangeiras, que lucram explorando suas reservas, os políticos em busca de financiamento de campanha eleitoral, milícias étnicas em busca de grana para armamento e, claro, a população pobre, que quer sobreviver. Para pegar seu quinhão, pessoas simplesmente perfuram oleodutos que atravessam o delta do rio Níger e coletam o que conseguirem desse

© AFP/Pius Utomi Ekpei



chafariz (o resto cai no chão e fica por lá, contaminando o solo). Parte vai parar em vilarejos, onde é usada para fazer querosene e gasolina em refinarias clandestinas. Outra parte é vendida por grupos criminosos para outros países da África Ocidental, Índia, China e outros.

Isso é o que fazem os pequenos. Agora, coisa grande mesmo fica nas mãos dos piratas do Golfo da Guiné. Enquanto o negócio dos piratas somalis é sequestrar a tripulação de navios em alto-mar e cobrar a grana de resgate, os colegas nigerianos são especializados em roubar petróleo em navios ancorados. O óleo é transferido para pequenas barcas, que por sua vez alimentam outros petroleiros com destino a refinarias estrangeiras.

No início, o roubo de petróleo servia para financiar milícias separatistas, como o Movimento para a Emancipação do Delta do Níger. Mas, como já tinha acontecido com o narcotráfico colombiano, a separação entre o ativismo político e o crime organizado foi se dissolvendo com o tempo. Da fronteira nigeriana, o crime se expandiu para toda a região, que vai do Gabão até a Libéria, conectando-se a outras redes criminosas. E o petróleo virava uma nova cocaína.

Quando o brasileiro Nelson Sakagushi caiu no conto do vigário nigeriano, talvez a imagem do país ainda não fosse tão associada ao crime. Passadas quase duas décadas, investidores estrangeiros aprenderam a lição e relutam em colocar seu dinheiro lá. O que restou ao governo fazer? Criar um slogan bonito. Em 2009, a então ministra da Informação Dora Akunyili lançou a campanha *Nigeria: Good People, Great Nation* (“Nigéria: bom povo, grande nação”). Bastante otimista para uma ex-diretora geral da Vigilância Sanitária que quase levara um tiro na cabeça por combater a falsificação de medicamentos. Mas, aparentemente, seu slogan não surtiu grande efeito.

MÁFIA ITALIANA

TUTTI BUONA GENTE

Depois de virarem as maiores organizações criminosas da Europa, a Camorra e a 'Ndrangheta usam a crise econômica para se infiltrar na economia lícita.

Por Maurício Horta

Protesto contra a Camorra em Nápoles em novembro de 2013. A máfia mantém aterros clandestinos de lixo tóxico próximos à cidade.

MALEDETTA
CAMOR



“**E**ra uma satisfação ouvi-lo gritar. *Mamma mia*, como ele gritava. Mas eu não dava a mínima”, disse num telefonema Simone Pepe, um mafioso de 24 anos que acabava de espancar seu desafeto Francesco Raccosta com uma barra de ferro e entregá-lo a porcos para ser comido vivo. “Alguém disse que restou um pedaço dele, mas não vi nada. Para mim, não restou nada. Como esses porcos comem!”

O acerto de contas divulgado em novembro de 2013 mostra que, em um século e meio de existência, a máfia italiana mantém-se fiel à sua crueldade. O autor do crime e sua vítima não são da Cosa Nostra, mas da 'Ndrangheta. Enquanto os grupos mais tradicionais baixaram o tom de voz nas últimas décadas, eles deram espaço a jovens mais globalizados – e mais sanguinários.

Isso não aconteceu de uma hora para outra. Na década de 1980, o juiz antimáfia Giovanni Falconi iniciou uma batalha contra a tradicionalíssima Cosa Nostra. Isso levou, em 1987, ao maior processo criminal da história italiana, com 360 mafiosos condenados a 2.600 anos de prisão. Desde então, a Cosa Nostra se viu numa espiral

de perseguição, que custou a liberdade do *capo di tutti capi* Salvatore Riina em 1993. Não dava mais. A Cosa Nostra precisava mudar de estratégia, e a alternativa foi seguir no crime *pianíssimo*, sem estardalhaço.

Mas, ao mesmo tempo, surgia na Europa uma oportunidade histórica para o crime organizado: a queda do comunismo, no início dos anos 90. Enquanto policiais e promotores perseguiram os sicilianos, o espólio da URSS e dos Bálcãs dava cria a inúmeros fornecedores de mulheres para exploração sexual, armamento soviético e heroína afegã.

Com a Cosa Nostra na defensiva, o espaço ficou aberto para duas outras enormes máfias. Na Calábria, a 'Ndrangheta saiu de uma guerra interna e se fortaleceu dominando cidades da região e estabelecendo suas "colônias" em outras áreas onde moram migrantes calabreses – diferentemente da Cosa Nostra, centrada na Sicília.

Se a 'Ndrangueta virou provavelmente a maior máfia italiana, o verdadeiro fato novo desse novo capítulo do crime foi a Camorra, centrada em Nápoles. Enquanto os calabreses mantêm uma hierarquia rígida semelhante à da Cosa Nostra, a Camorra é uma rede anárquica de clãs que, em vez de fazer alianças diplomáticas estáveis, operam em comitês de negócios momentâneos. A falta de um poderoso chefe que determine uma estratégia comum diminui a força da Camorra, mas isso só faz dela ainda mais perigosa: ela vive em disputa entre clãs. E o pior dos cenários no crime organizado é quando ele se desorganiza.

ANTIESTADO

Tráfico de drogas, jogos, corrupção política, extorsão de comerciantes, taxa de proteção, sequestro, fraude, falsificação, assassinatos e tráfico de armas. A mais tradicional organização criminosa da história trabalha com praticamente qualquer atividade ilegal – e também legal. Não adianta ter dinheiro se não pode ser utilizado legalmente. É necessário lavá-lo. E, nesse ponto, os cinco anos de crise econômica vieram em boa hora: não faltam comerciantes à beira da falência buscando empréstimos nem imóveis na bacia das almas. Ao entrar na economia lícita, as máfias minam o livre mercado. Afinal, ela não precisa buscar margem de lucro quando lava dinheiro. Segundo a Europol, a Cosa Nostra e a 'Ndrangheta já estão investindo até em energia solar e eólica.

O CRIME ITALIANO
FATURA
POR ANO

US\$ 190 BILHÕES →



Mas o inimigo da máfia não é o mercado. Seu verdadeiro alvo é o Estado. Desde os tempos romanos, a Sicília foi a periferia de potências invasoras. Por lá já passaram romanos, vândalos, ostrogodos, bizantinos, árabes, normandos e espanhóis. Mas, enquanto o resto da Europa Ocidental recebia os benefícios dos Estados – como infraestrutura, Justiça e rede de proteção social –, a ilha era simplesmente invadida e tributada. A única instituição em que os sicilianos podiam confiar era a família (e, mais tarde, a Igreja Católica). Pertencer a um clã e manter a fidelidade a ele importava mais que obedecer leis vindas de fora.

Do sentimento de sujeição externa vieram os valores mais caros à máfia siciliana: honra, obediência, respeito às tradições, desconfiança contra o Estado e tolerância zero à traição. Quando a Itália se unificou em 1861 e virou um Estado moderno, a Sicília já era dominada por milícias divididas por clãs. Em 1865, elas foram chamadas pela primeira vez de “máfia” – algo como “provocadores” no dialeto siciliano.

Esse histórico de ódio ao Estado significou para as máfias não uma simples sede por dinheiro, mas, principalmente, uma sede pelo poder. Elas manipulam eleições e colocam seus representantes em cargos administrativos mesmo fora de seus territórios. Ao se infiltrar no Estado, elas o corrompem. Apropriam-se de seus recursos e enfraquecem sua ação para poder agir no seu território como um Estado paralelo. Têm sua Justiça, sua arrecadação de impostos via extorsão, sua Previdência e seu controle sobre as atividades econômicas.

A Europol tem cadastrados 3.600 grupos criminosos ativos hoje na Europa. Mas nenhum deles ganha das máfias italianas. Enquanto uma gangue busca apenas dominar um mercado ilícito em um território, a máfia domina o próprio território.

Mas desde a década de 1990 os Estados não são mais os mesmos. Fronteiras foram derrubadas e corporações se tornaram maiores do que muitas economias nacionais. Enquanto a Cosa Nostra parou no tempo, as outras máfias se adaptaram para virar corporações criminosas mundiais. Elas não são mais apenas inimigas do Estado. São inimigas do mundo.

AS MÁFIAS TÊM

25 MIL
MEMBROS

250 MIL
AFILIADOS

Infográfico Eduardo Asta

Presença
no mundo

Roma

Camorra



Falsificação



Contrabando
de cigarro



Tráfico
de pessoas



Tráfico
de drogas



Despejo
de lixo ilícito

1

'Ndrangheta



Tráfico
de cocaína



Tráfico
de armas



Crime
ambiental



Extorsão



Fraude

2

3

Cosa Nostra



Tráfico
de heroína



Lavagem
de dinheiro



Corrupção
política



Tráfico
de armas

TOP 3 MÁFIAS

As mais tradicionais franquias
criminosas da Itália.

📏 Tamanho ① Presença ② Negócios

1

CAMORRA Nápoles

👤 100 clãs, 7 mil membros

📍 Espanha, França, Holanda, Alemanha, Suíça, Leste Europeu, EUA e América Latina.

③ falsificação, contrabando de cigarro, tráfico de pessoas e de drogas e despejo ilícito de lixo.

É a máfia com mais membros, mas com menos organização. A Camorra é uma vasta rede horizontal de clãs e famílias sem comando unificado. Isso a torna

↑ | Arraste para ler

2

'NDRANGHETA Calábria

👤 160 clãs, 6 mil membros

📍 Espanha, França, Bélgica, Holanda, Alemanha, Suíça, Canadá, EUA, Colômbia e Austrália.

③ tráfico de cocaína e de armas, fraude, extorsão e crime ambiental.

O nome complicado faz desta a menos conhecida das grandes máfias italianas. Mas a 'Ndrangheta é a maior e mais rica. Em parte, isso se deve à sorte. Na década de 1970, quando a droga mais lucrativa

↑ | Arraste para ler

3

COSA NOSTRA Sicília

👤 desconhecido

📍 Espanha, França, Alemanha, EUA, Canadá, Venezuela e África do Sul.

③ tráfico de heroína, lavagem de dinheiro, corrupção política e tráfico de armas militares.

É a mais antiga e tradicional das máfias sicilianas. Sua hierarquia é extremamente rígida, com um organograma semelhante ao de uma empresa: chefe, diretor executivo, conselheiro,

↑ | Arraste para ler

PCC



© AFP/Mauricio Lima

Prisioneiros no presídio do Carandiru em 2001, um ano antes de ser desativado.
O PCC surgiu em resposta ao Massacre do Carandiru (1992), no qual 111 presos morreram.

O PODER PARALELO

O Primeiro Comando da Capital se tornou a maior organização criminosa do Brasil ao aplicar ao submundo paulista o princípio mais básico do Estado: a lei é melhor do que a guerra.

Por Breno Costa e Felipe Seligman

Em fevereiro de 2011, o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, sorria de orelha a orelha. Não era para menos: entre 1998 e 2008, a taxa de homicídios do Estado tinha caído brusca-mente: de 35 para 10 mortos anuais a cada 100 mil habitantes. Assim, São Paulo deixava de ser o quinto Estado mais violento do Brasil para se tornar o terceiro mais seguro. A razão, segundo o governo, era simples: ação eficiente do Estado, com investimentos na compra de equipamentos, treinamento de policiais e foco na prevenção.

Ao chegar à penitenciária 2 de Presidente Venceslau (SP), a notícia não foi bem digerida. Um de seus moradores ilustres, Marco Willians Herbas Camacho – o Marcola, líder máximo do Primeiro Comando da Capital (PCC) – tinha outra explicação para aqueles dados. Em uma conversa

telefônica gravada na noite do dia 2 de março daquele ano, Marcola fez um desabafo a um comparsa:

“Ô irmão, sabe o que que é pior? Há dez anos todo mundo matava todo mundo por nada. Hoje, pra matar alguém é a maior burocracia. Quer dizer, os homicídios caem não sei quantos por cento, aí eu vejo o governador chegar lá e falar que foi ele”, disse Marcola.

A pacificação seria obra do próprio PCC – um bando com mais de 10 mil integrantes ativos, segundo cálculos do Ministério Público de São Paulo. E, de uma forma perversa, a afirmação de Marcola faz sentido. A chave para entender não só isso, mas toda sua organização, está em uma palavra sua: *burocracia*.

Antes do PCC, as facções criminosas de São Paulo viviam em estado natural: competindo livremente entre si por recursos. O problema é que essa competição estimula a agressão – uma facção se beneficia eliminando a outra do mercado. Quando uma facção percebe que a outra pode ter exatamente a mesma ideia, sua primeira estratégia é o ataque preventivo. O problema é que isso levaria todos a se matarem mutuamente. Para evitar isso, surge outra estratégia: a dissuasão. As facções entram em uma corrida para se armar e para demonstrar maior requinte de crueldade. Assim, provam que têm meios e sangue-frio suficientes para aniquilar a outra no caso de qualquer ataque. Igualzinho às duas superpotências da Guerra Fria. Um equilíbrio tenso, com conflitos recorrentes.

Marcola no presídio Presidente Bernardes em 2006, meses depois da onda de atentados em São Paulo.



© AP/Paulo Liebert/AE

No século 17, o filósofo inglês Thomas Hobbes trouxe uma solução para o dilema de segurança: o *Leviatã*. Com o monopólio do uso da força, somente o Leviatã pode aplicar penas a agressores. Isso eliminaria o estímulo à agressão, ao ataque preventivo e à demonstração de força. No mundo social, o Leviatã é a figura do Estado. Foi ele que derrubou a taxa de homicídios de 524 mortos por 100 mil pessoas em sociedades nômades para a atual média mundial de 8,8 por 100 mil. Já no

QUAL A AMEAÇA

INTEGRANTES



6000
presos em SP



1800
soltos em SP



2400
em outros Estados

Arrecadação anual

R\$ 27 MI + R\$ 96 MI

com rifas e pagamento de mensalidade*

com o tráfico de drogas.

* R\$ 1.250 é a contribuição mensal que cada integrante em liberdade tem de pagar para a facção.

submundo antissocial paulista, o Leviatã é o PCC. Com uma Constituição própria, ele se tornou o paradigma de Estado. Só que paralelo.

No PCC, a vingança impera e o erro se paga com pena de morte. Mas ninguém mata sem autorização. Desde 2006, quando a facção comandou os maiores atentados a alvos civis e militares da história do Estado, o PCC evoluiu muito em estratégia, em negócios, em organização e em metas – desde a realização de rifas com premiação de carros e imóveis de alto padrão até planos de patrocinar candidatos a deputado.

Hoje tudo é comandado por uma espécie de comitê central formado por oito integrantes. É a cúpula do PCC, chamada internamente de Sintonia Fina Geral. Esse comitê burocrático, para usar o termo de Marcola, aprovou diretamente ordens para mais de cem assassinatos, somente em 2012, segundo o Ministério Público (MP). Desses, mais de 40% dos alvos eram policiais ou agentes penitenciários.

O maestro da Sintonia é Marcola. Na avaliação de promotores do Ministério Público, um criminoso pragmático, distinto do estereótipo de bandidos cruéis. Ele quer eficiência, fala pouco ao telefone, comunica-se essencialmente por bilhetes que entram e saem da penitenciária nos órgãos genitais de mulheres ou mesmo em pastas de advogados associados ao crime.

As sentenças de morte do PCC não envolvem a pirotecnia adotada pelo Comando Vermelho e pelos cartéis mexicanos. São disparos de armas de fogo, execuções sumárias e ocultação de cadáveres. O que importa na organização que Marcola chefia desde 2002 não é terror, mas o sucesso dos negócios – essencialmente o tráfico de drogas e de armas – e o respeito no sistema prisional. Para isso, a palavra de ordem é disciplina e respeito à hierarquia. Como uma grande empresa, exige de seus funcionários eficiência e cumprimento de metas.

Cautela também é regra. Para trazer aos presídios seu principal meio de comunicação, os celulares, o PCC comprou detectores de metal. O objetivo era testar fórmulas indetectáveis, como envolver os telefones em folhas de carbono. Já o dinheiro é protegido nos “minerais”

PRISÕES
São Paulo

Controle
do **PCC**

152 → **137**

AS DEMAIS PRISÕES SÃO DISPUTADAS PELOS SEGUINTE GRUPOS

TCC
Terceiro
Comando
da Capital
Formado por
dissidentes do
PCC.

SS
Seita Satânica
Mais antigo
que o PCC,
quis disputar
poder, mas hoje
o foco é o culto
religioso.

ADA
Amigos
dos Amigos
A facção
carioca agora
tem também
um braço
paulista.

CRBC + **CDL**
Comando **Comissão**
Revolucionário **Democrática**
Brasileiro da **da Liberdade**
Criminalidade

Os dois nasceram como
oposição ao PCC.

– imóveis comprados pelo PCC que escondem, cada um, pelo menos R\$ 1 milhão em espécie enterrado, segundo o MP. Outra ordem recente de Marcola é o uso ativo de apenas 20% do arsenal. Os outros 80% devem ficar escondidos, idealmente cinco fuzis em cada local.

Embora seja monitorada de perto pelas autoridades, a teia do PCC é cada vez maior. Já são mais de 2.400 membros espalhados por outros Estados. A capilaridade internacional também é intensa, especialmente para garantir um fluxo constante de drogas e armas para o Brasil.

Hoje, a facção controla 137 presídios – nada menos que 90% do sistema prisional de São Paulo – e fatura R\$ 123 milhões por ano com tráfico de drogas, rifas e mensalidades. Nada mal: esse faturamento equivale ao de empresas com valor de mercado de R\$ 1 bilhão na bolsa de valores.

PM apreende armamento atribuído ao PCC após o ataque de 2006.



A BUROCRACIA DO COMANDO

O PCC distribui seu poder e suas atribuições num organograma equivalente ao de uma grande empresa.

Diretoria

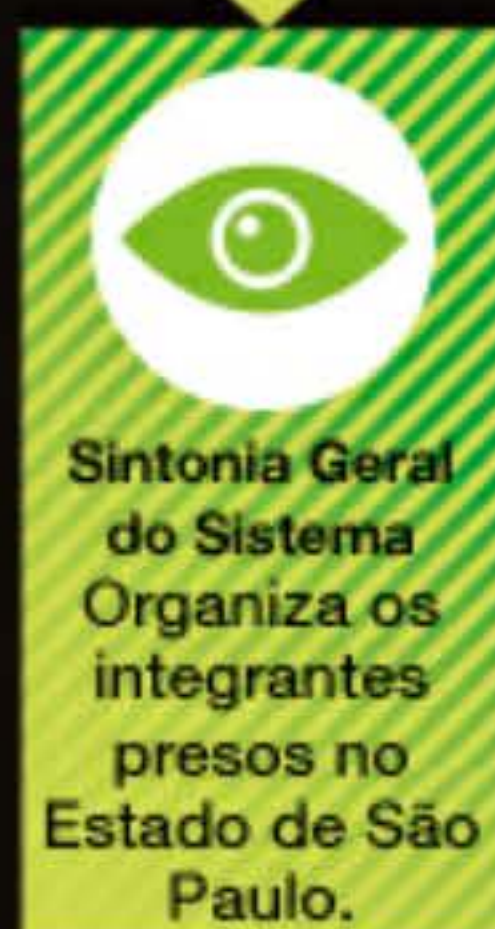
Sintonia Fina Geral
É a cúpula do PCC, que opera na Penitenciária 2 de Presidente Venceslau, SP.

Marcola
Líder máximo

* 7 conselheiros

Jurídico

Administração



Reservas

Despesas



Financeiro



Sintonia do Financeiro
Administra as finanças do PCC, garantindo arrecadações e controlando despesas.

Arrecadações



Progresso Tráfico de drogas, que é a principal fonte de receita da facção.



Progresso FM Pontos de venda de drogas.



Progresso 100% Interno Comércio de drogas dentro do sistema prisional.



Sintonia da Cebola Arrecada a "cebola", taxa mensal obrigatória para integrantes do PCC soltos.



Sintonia das Rifas Controla a venda de rifas. A cada dois meses, prêmios como carros e imóveis são sorteados.



Sintonia dos Cigarros Compra e revende cigarros dentro dos presídios.

Se reunirmos todas as atividades criminosas, elas movimentarão 3,6% do PIB do planeta. Isso dá somente as atividades típicas do crime organizado transnacional, a estimativa é de 1,5% do PIB.

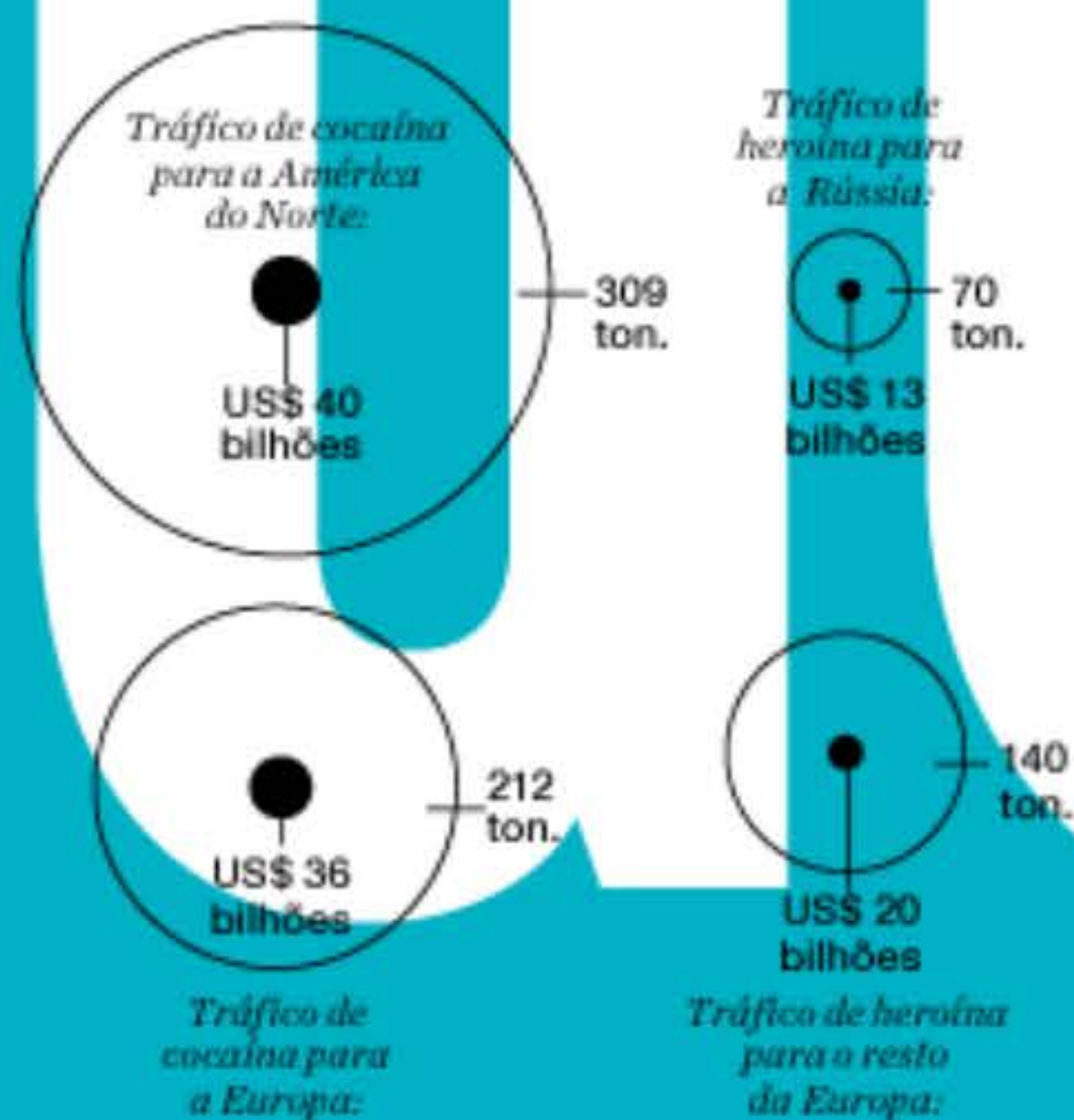
**O DINHEIRO
DO CRIME
ORGANIZADO
TRANSNACIONAL VEM DE:**

**50%
DROGAS**

Estima-se entre
**167 E 315
MILHOES**

o número de adultos
que usaram alguma
droga ilícita nos
últimos 12 meses.

Isso dá entre 3,6%
e 6,9% da população.



US\$ 2,6 trilhões ao ano, ou pouco mais que toda a economia do Brasil. Se selecionarmos
Ou seja, US\$ 1 trilhão – quase uma Coreia do Sul inteira.



Artigos falsificados da Ásia para a Europa:

2 bilhões de artigos **US\$ 8,2 bilhões**

Tráfico de imigrantes latino-americanos para a América do Norte:

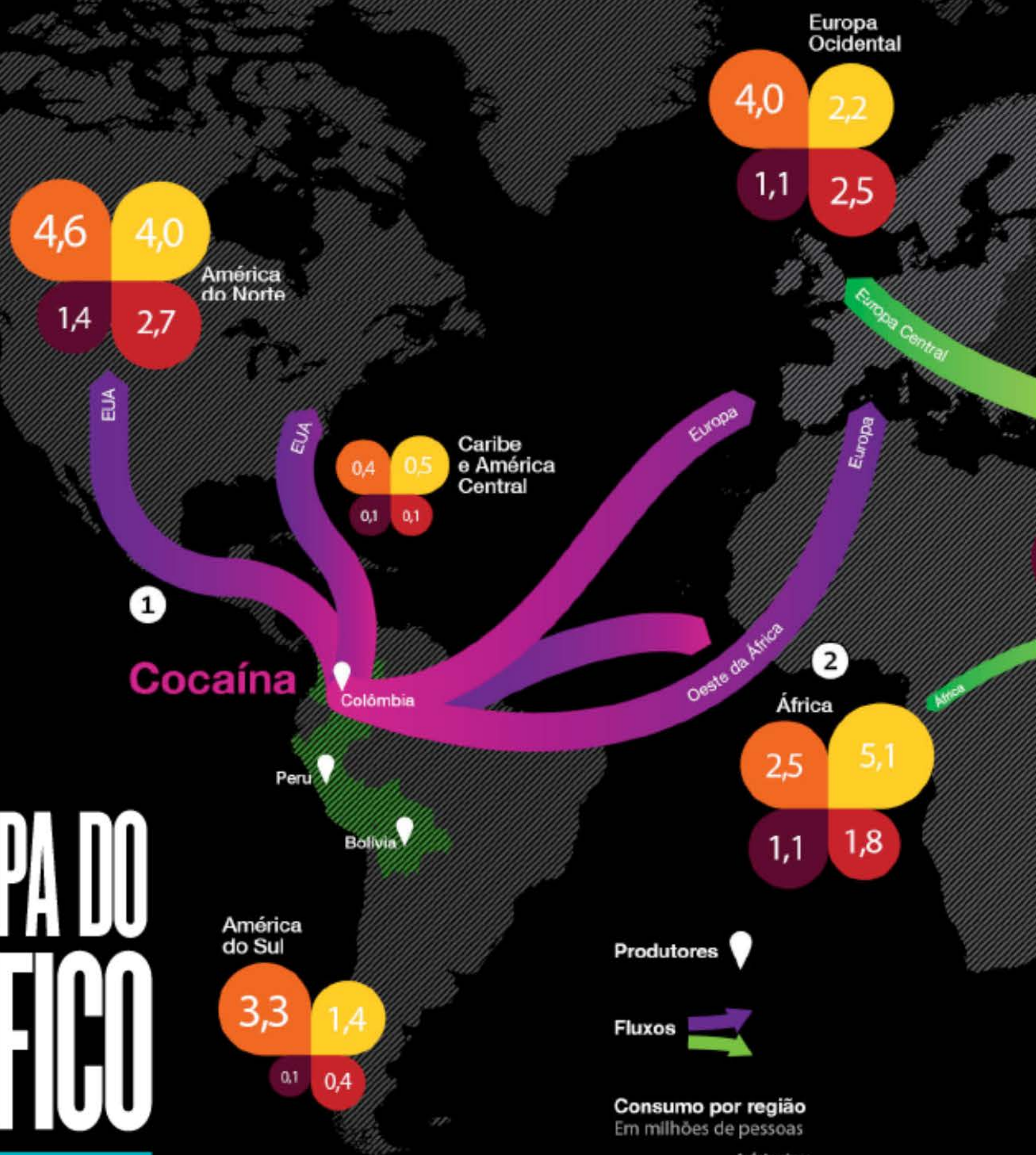
3 milhões de vítimas **US\$ 6,6 bilhões**

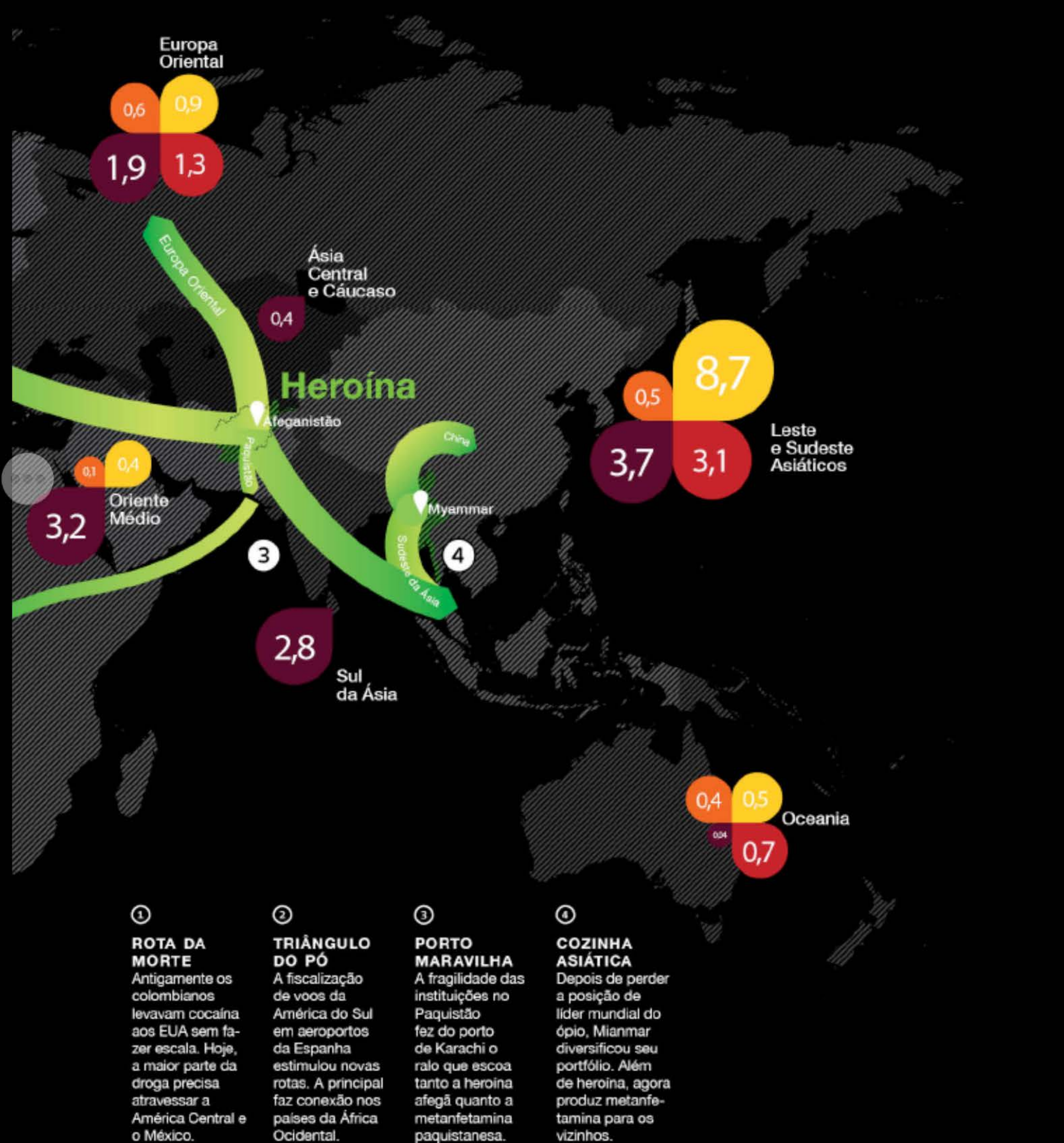
Tráfico de pessoas para exploração sexual na Europa:

140 mil vítimas **US\$ 3 bilhões**

O MAPA DO TRÁFICO

Nenhum crime é mais lucrativo do que o comércio das drogas ilícitas. São cultivadas tradicionalmente em territórios tomados por insurgências. Depois, espalham corrupção e violência nos países de trânsito e põem usuários em risco de saúde.





HEROÍNA E KROKODIL

A DROGA DO APOCALIPSE

Como a política russa de combate à heroína levou a sua população mais pobre a injetar *krokodil*, um substituto barato que apodrece o corpo.

Por Maurício Horta

A photograph of a man in military camouflage gear, holding a rocket launcher. He is standing in a field of tall green grass and pink poppies. The background is slightly blurred, focusing on the soldier and the flowers in the foreground.

Soldado afegão destrói campo de papoulas. O Afeganistão produz 95% da heroína do mundo.

Os comprimidos de analgésico com codeína são comprados em qualquer farmácia. Na Rússia, não precisa nem de receita. Depois de macerados, são dissolvidos em gasolina. Então, recebem soda cáustica e uma solução de ácido clorídrico. Na parte de baixo sobra uma fase aquosa. Ela é separada para receber uma carga de químicos baratos, como fósforo e iodo. Passada mais uma série de processos e está pronta a desomorfina. Ou melhor, o *krokodil*, como é conhecida na Rússia essa mistura suja obtida de forma amadora e depois injetada na veia.

Nenhum país no mundo consome tanta heroína quanto a Rússia: estimativas da ONU chegam a 2,4 milhões de pessoas. Só que a heroína é uma droga cara – de US\$ 40 a US\$ 100 o grama, conforme a região. Isso é grana demais para jovens usuários sem emprego em áreas estagnadas como as antigas cidades industriais soviéticas na Sibéria. É aí que entra a única vantagem do *krokodil*: ele sai por um décimo do preço da heroína.

De resto, faz jus à fama de droga do apocalipse. Embora seu efeito se pareça com o da heroína – euforia e sedação –, ele dura menos. Então, são necessárias mais injeções, o que aumenta o risco de infecções, inclusive pelo HIV, que já infectou mais de 1 milhão de russos. Não bastasse isso, a miríade de impurezas do krokodil causa danos a tecidos. Por exemplo, a forte concentração de iodo pode lesionar a tireoide e os músculos; já o fósforo pode prejudicar cartilagens. Danificados, esses tecidos ficam suscetíveis a infecções. Surgem as inflamações. Os abscessos. E a morte de tecidos. Dependendo do estado, a carne simplesmente apodrece e se solta do corpo.

Apesar de todo o furor que a imagem de usuários de krokodil com os ossos à mostra tem causado na internet, ele é apenas a face mais abjeta da epidemia de heroína na Rússia. E, como tantos outros problemas no país, o abuso de drogas ilícitas começou logo com a queda da União Soviética em dois fronts: o da produção e o do consumo. Vamos começar pela primeira.

Na época em que Janis Joplin (1943-1970) e Jim Morrison (1943-1971) morreram de overdose, quase toda heroína do mundo vinha de dois lugares: Turquia e o Triângulo Dourado (Mianmar, Tailândia e Laos). Hoje, 95% dela vem do Afeganistão [veja linha do tempo]. A razão para essa mudança foi uma só: a Guerra Fria.

Entre 1979 e 1989, a União Soviética e os EUA montaram no Afeganistão o último palco da disputa. De um lado, a URSS instaurou um regime comunista no Afeganistão em 1978. Os EUA, a Arábia Saudita e o Paquistão não gostaram nem um pouco que seu inimigo soviético se aproximasse do Oriente Médio. Então decidiram financiar, armar e mobilizar rebeldes islâmicos anticomunistas para lutar contra os soviéticos – entre eles, Osama bin Laden. Assim começou a Guerra Afegã-Soviética, que matou 1,5 milhão de afegãos e produziu 6 milhões de refugiados para o Paquistão e o Irã. Do lado soviético, foram quase 15 mil mortos e uma derrota militar vergonhosa.

O ÓPIO E O TEMPO

1948-1970

A máfia da Córsega cria a Conexão Francesa: importa ópio cultivado na Turquia, transforma em heroína em Marselha (França) e exporta para os EUA.

anos 50

Para barrar o avanço maoísta no Sudeste Asiático, EUA e França financiam tribos produtoras de ópio no Triângulo Dourado (Birmânia, Tailândia e Laos).

1965-1975

O envio de soldados americanos para o Vietnã estabelece o fluxo de heroína produzida no Triângulo Dourado para os EUA.

1971

EUA têm 750 mil usuários de heroína e 37 mil soldados viciados lutando no Vietnã. Richard Nixon declara guerra às drogas.

1972

Turquia proíbe a venda de ópio. Com isso, o Triângulo Dourado passa a monopolizar a produção de ópio ilícito.

A Rússia tem o maior número de usuários de heroína no mundo

2,4 MILHÕES

Quando os soviéticos saíram do Afeganistão em 1989, restou um problema: o país estava dividido em diferentes grupos armados que começaram a lutar entre si. Sem os bilhões de dólares americanos, encontraram outra fonte de renda para seguir em frente com uma guerra civil. O cultivo de papoula – da qual se extrai o ópio, base para a heroína. Assim, a antiga agricultura de subsistência destruída pela guerra deu espaço à próspera economia da heroína. Sob o governo do Taliban, iniciado em 1996, a produção aumentou. E, depois da invasão liderada pelos EUA em 2001, explodiu até chegar, em 2013, a seu recorde histórico: 209 mil hectares – mais do que uma cidade de São Paulo inteira.

Mercado consumidor para a heroína não faltou. Por um lado, havia a Europa. A heroína podia ser transportada pelo Irã ou pelo Cáucaso até a Turquia, de onde seria assumida pelas inúmeras máfias que surgiam conforme os regimes comunistas caíam nos Bálcãs. Mas havia outro mercado apetitoso. A nascente Federação Russa.

Diferentemente do álcool e do cigarro, drogas ilícitas praticamente não existiam na URSS. Mas, ao voltarem da guerra afegã, soldados soviéticos já chegaram viciados. Tal como os veteranos do Vietnã nos EUA, eles foram o primeiro mercado consumidor de heroína na Rússia.

1979

Combatentes afegãos começam a produzir ópio para se financiar na Guerra Afegã-Soviética (1979-1989).

1995

Durante sua guerra civil, o Afeganistão ultrapassa o Triângulo Dourado como o maior produtor de heroína.

2001

EUA invadem o Afeganistão e derrubam o Taliban. A produção de ópio, que havia caído em 2001, volta a crescer.

2003

Artigo científico relata pela primeira vez uso da desomorfina (chamada de krokodil) como um substituto barato da heroína na Rússia.

2011

Com o número de chineses usuários de heroína batendo 1,24 milhão, Mianmar pode ressuscitar os tempos do Triângulo Dourado.

2013

O Afeganistão atinge seu recorde de área cultivada: 209 mil hectares de papoula. O porto de Karachi (Paquistão) consolida-se como escoador de drogas.



Policial apresenta à imprensa dois suspeitos de tráfico e 25 quilos de heroína apreendidos em Jalalabad, no Afeganistão.

© AFP/Noorullah Shirzada

Com a queda da URSS, os controles da ditadura comunista também foram derrubados, ao mesmo tempo em que sua população jovem descobria as sensações do livre mercado. Refrigerantes. Fast food. Rock. Filmes. Moda. E drogas também. A heroína apenas preencheu um vazio existencial deixado pelo fim do comunismo.

O caminho para as drogas chegarem à Rússia era muito mais fácil do que a Rota dos Bálcãs. É a Rota do Norte. Do Afeganistão, ela atravessa os países da Ásia Central – todos esparsamente habitados e listados pela Transparência Internacional entre os mais corruptos do planeta. Para chegar à Rússia, os traficantes podem escolher o ponto que preferirem nos 6,8 mil quilômetros de fronteira porosa e desabitada entre a Rússia e o Cazaquistão. “Mulas” não faltam, dada a pobreza da população afegã e da maioria dos países centro-asiáticos. E a coleta de inteligência para combater o tráfico é quase impossível: esses grupos são formados por familiares, sem abertura para forasteiros, e geralmente pertencem a grupos étnicos com barreiras linguísticas, como tadjiques, azeris e ciganos russos. E, segundo o Escritório da ONU para Drogas e Crime, geralmente dispostos a trabalhar com grupos terroristas internacionais.

TRAINSPOTTING SIBERIANO

Na década de 1990, a Europa passou pela transição da indústria para os setores de serviços e finanças. Bairros inteiros em metrópoles europeias foram abandonados e, neles, surgiram os bolsões de heroína. Parques, praças e estações de trem viraram o equivalente às crackolândias brasileiras.

Passados 20 anos, o consumo de heroína caiu na Europa. Opiácios são uma droga depressora. Mas a nova geração de jovens se seduziu por outro tipo de efeito. Drogas estimulantes, de balada. Ecstasy. Cocaína. Enquanto isso, quem já usava heroína teve acesso a programas de redução de danos. Ia até centros de assistência social e conseguia seringas descartáveis. Para que usuários abandonassem a heroína, governos passaram a fornecer drogas mais leves, como metadona e buprenorfina. E o número de usuários caiu, estacionado na geração hoje entre seus 40 e 50 anos de idade.

O caso da Rússia é bem diferente do europeu. Depois da transição econômica, a Rússia permanece com enormes áreas economicamente marginalizadas. E jovens sem perspectiva de futuro são o mercado ideal da heroína. O governo russo estima que usuários gastem anualmente US\$ 17 bilhões comprando heroína nas ruas. Todo ano, 30 mil pessoas morrem de overdose. Dos anos 90 para os anos 2000, a idade média com que pessoas experimentam a heroína caiu de 17 para 14 anos. Algumas organizações tentam combater a epidemia de HIV que atinge 1,2 milhão de russos distribuindo seringas descartáveis e informando sobre drogas substitutas, como a metadona. Mas o governo nacionalista de Vladimir Putin combate qualquer iniciativa assim, acusando essas organizações de fazer propaganda a favor das drogas.

Isso em si já seria uma catástrofe. Mas ela é ainda pior. O combate ao tráfico de heroína diminuiu sua disponibilidade no mercado. E o crescimento de outros mercados como a China também. O resultado é óbvio: o preço subiu. Sem grana, restou aos usuários substituir a heroína por uma alternativa barata. O *krokodil*.

CRACK E COCAÍNA

PEDRA LÍQUIDA

Para diversificar sua clientela, traficantes ressuscitaram um produto de segunda linha especial para mercados emergentes. Assim o Brasil se tornou o maior consumidor de crack do mundo. Por Maurício Horta

Usuários na região central de São Paulo. Nas cracolândias, o crack tem a liquidez de pão quentinho. A pedra pode até ser barata, mas a demanda grande e a qualquer hora garante o lucro.



BRASIL, O CRACKISTÃO

O usuário típico é homem nordestino de 30 anos.

As capitais brasileiras têm pouco mais de

370 MIL

usuários frequentes* de crack.

* uso por ao menos 25 dias nos últimos 6 meses

29,6%
Sudeste



Onde
eles
estão

38,7%
Nordeste

8,6%
Norte

9,7%
Sul

13,3%
Centro-Oeste

Some o preço de um Gol, um Uno, um Fiesta, um Onix e um HB20. Dá por volta de R\$ 150 mil – o mesmo preço de uma BMW 320 GT. Agora, responda. O que dá para vender mais rápido – 20 carros populares ou um sedã de luxo alemão? Em economês, a resposta é que carros populares têm maior liquidez. E é a liquidez que está por trás da epidemia de crack no Brasil, o maior consumidor da pedra em todo o mundo.

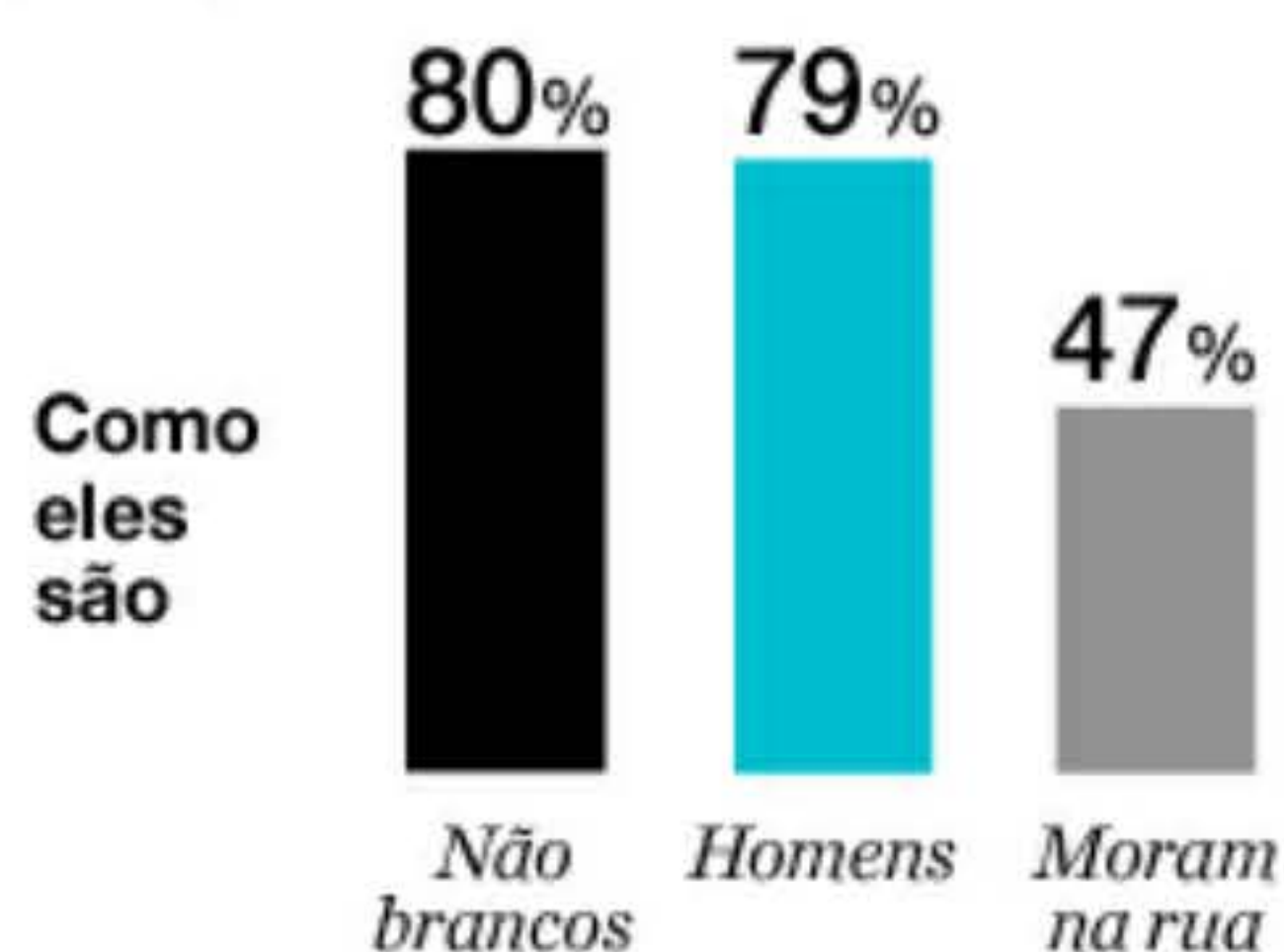
Para entender o porquê, vamos voltar um pouco no tempo. Há décadas, a demanda mundial de cocaína tem sido dominada por dois mercados: os EUA, supridos pelos cartéis colombianos, e a Europa, servida por vários grupos. Mas eis que a guerra às drogas enfraqueceu o fornecimento de cocaína e levou os traficantes dos EUA a buscar um substituto menos problemático. Assim, a metanfetamina se tornou o estimulante preferido por lá. De metade do mercado mundial de cocaína em 2004, os EUA caíram para um quarto. O consumo na Europa cresceu, mas já se estabilizou.

O efeito colateral foi enorme. Os cartéis colombianos deram lugar às máfias mexicanas, ainda mais violentas. As rotas de tráfico europeias passaram a fazer conexão na África Ocidental. Grande parte do cultivo de coca mudou da Colômbia para o Peru e a Bolívia. E, por fim, produtores bolivianos que antes mandavam folhas de coca para o refino na Colômbia fortaleceram a parceria com organizações criminosas brasileiras.

Com menos demanda americana, traficantes buscaram novos mercados consumidores dentro das próprias rotas do tráfico. Hoje, metade do mercado de cocaína está na América Latina, África e, em menor grau, Ásia e Leste Europeu. E o Brasil virou o segundo maior mercado mundial de cocaína e derivados.

Mas, claro, o mercado brasileiro não é tão rico quanto o americano; além do mais, jovens de classe média vinham trocando o pó por drogas sintéticas. Era necessário “tropicalizar” esse produto para emplacá-lo no mercado. A solução veio dos guetos americanos dos anos 80. O crack – um derivado

© Ayrton Vignola/AE



↑ | Arraste para ler

Some o preço de um Gol, um Uno, um Fiesta, um Onix e um HB20. Dá por volta de R\$ 150 mil – o mesmo preço de uma BMW 320 GT. Agora, responda. O que dá para vender mais rápido – 20 carros populares ou um sedã de luxo alemão? Em economês, a resposta é que carros populares têm maior liquidez. E é a liquidez que está por trás da epidemia de crack no Brasil, o maior consumidor da pedra em todo o mundo.

Para entender o porquê, vamos voltar um pouco no tempo. Há décadas, a demanda mundial de cocaína tem sido dominada por dois mercados: os EUA, supridos pelos cartéis colombianos, e a Europa, servida por vários grupos. Mas eis que a guerra às drogas enfraqueceu o fornecimento de cocaína e levou os traficantes dos EUA a buscar um substituto menos problemático. Assim, a metanfetamina se tornou o estimulante preferido por lá. De metade do mercado mundial de cocaína em 2004, os EUA caíram para um quarto. O consumo na Europa cresceu, mas já se estabilizou.

por drogas sintéticas. Era necessário “tropicalizar” esse produto para emplacá-lo no mercado. A solução veio dos guetos americanos dos anos 80. O crack – um derivado barato e altamente viciante.

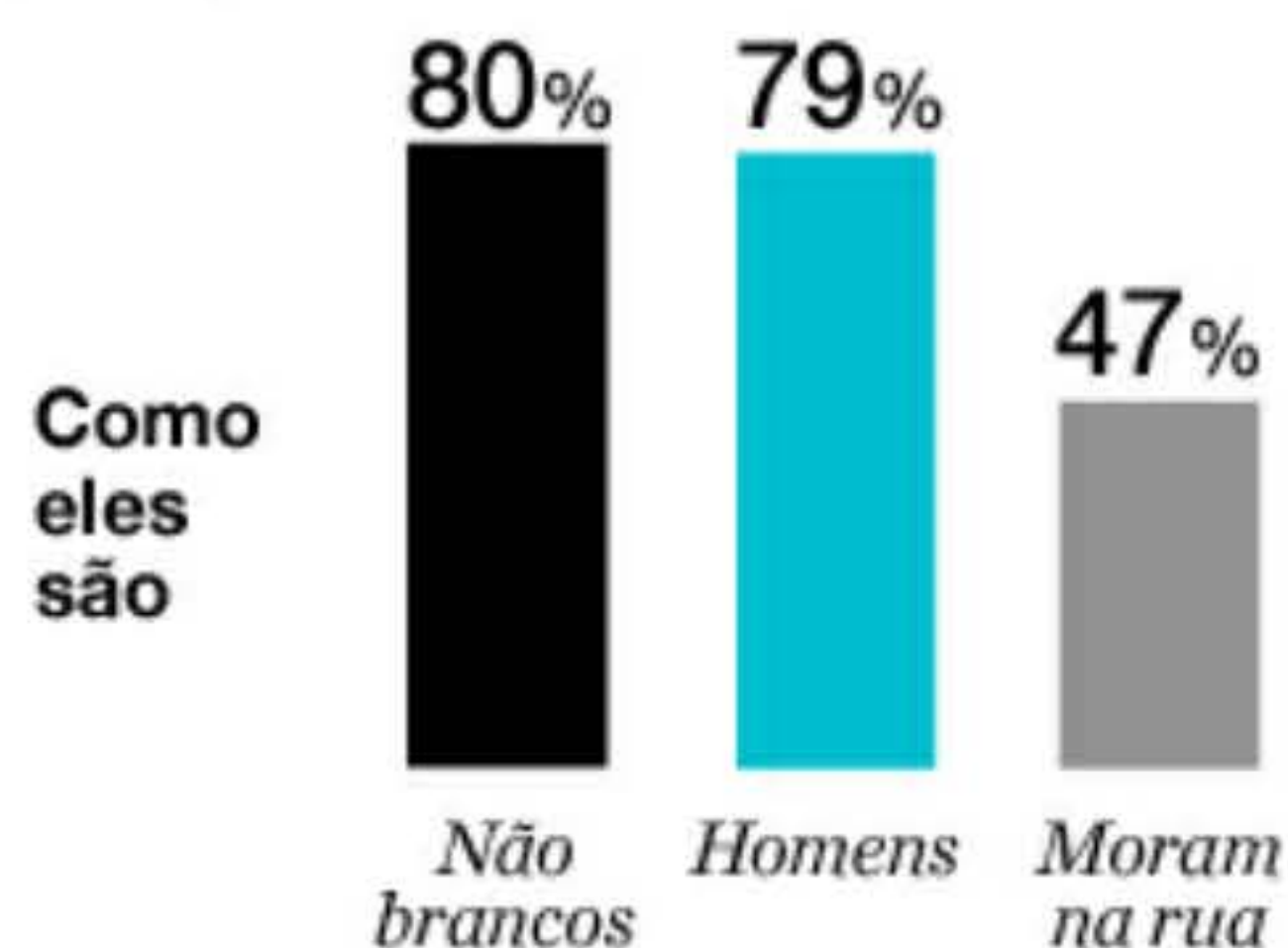
Enquanto a cocaína é absorvida lentamente pela mucosa nasal, o crack é absorvido pelos alvéolos pulmonares. É fulminante. Mas o efeito que vem rápido também acaba rápido. Depois de 5 a 15 minutos, o crack perde efeito e deixa o usuário fissurado por mais.

Aí está uma grande diferença em relação à cocaína. A demanda por pó aumenta na sexta-feira para depois cair durante a semana. Afinal, é uma droga de balada. Já o crack mantém a mesma demanda o tempo todo. Ou seja, tem mais liquidez do que a cocaína. Por mais que a margem de lucro de uma pedra seja menor do que a do pó, basta ela chegar às cracolândias espalhadas por todo o País para se transformar em dinheiro. Assim como com os carros populares, a sua clientela é muito mais ampla. É o consumidor do dia a dia, não aquele que pega a BMW para passear no final de semana.

↑ | Arraste para ler



© Ayrton Vignola/AE



Infográfico Eduardo Asta

Roma

Camorra



1

Presença
no mundo

CAMORRA Nápoles

100 clãs, 7 mil membros

1 Espanha, França, Holanda, Alemanha, Suíça, Leste Europeu, EUA e América Latina.

2 falsificação, contrabando de cigarro, tráfico de pessoas e de drogas e despejo ilícito de lixo.

É a máfia com mais membros, mas com menos organização. A Camorra é uma vasta rede horizontal de clãs e famílias sem comando unificado. Isso a torna especialmente sangrenta, instável e imprevisível. Os camorristas levam um estilo de vida extravagante e fazem questão de mostrar seu poder. Mansões luxuosas, roupas de marca, mulheres, carros – o que serve de inspiração para jovens pobres aliciados ao crime. Sua atividade mais característica é a venda de produtos falsificados – tanto importados quanto feitos em oficinas camorristas na própria Itália, com trabalho forçado de chineses traficados.

'NDRANGHETA Calábria

160 clãs, 6 mil membros

1 Espanha, França, Bélgica, Holanda, Alemanha, Suíça, Canadá, EUA, Colômbia e Austrália.

2 tráfico de cocaína e de armas, fraude, extorsão e crime ambiental.

O nome complicado faz desta a menos conhecida das grandes máfias italianas. Mas a 'Ndrangheta é a maior e mais rica. Em parte, isso se deve à sorte. Na década de 1970, quando a droga mais lucrativa na Europa era a heroína, os sicilianos só lhe permitiam comercializar cocaína, até então pouco lucrativa. Quando o mercado se inverteu, os calabreses já tinham uma relação íntima com os produtores colombianos. Ela tem uma estrutura bastante hierarquizada e usa sua riqueza para influenciar a política italiana. Diferentemente dos sicilianos, a 'Ndrangheta é expansionista e usa migrantes para colonizar áreas na Itália e no mundo.

COSA NOSTRA Sicília

desconhecido

1 Espanha, França, Alemanha, EUA, Canadá, Venezuela e África do Sul.

2 tráfico de heroína, lavagem de dinheiro, corrupção política e tráfico de armas militares.

É a mais antiga e tradicional das máfias sicilianas. Sua hierarquia é extremamente rígida, com um organograma semelhante ao de uma empresa: chefe, diretor executivo, conselheiro, gerentes, soldados e parceiros. A Cosa Nostra foca suas ações na Sicília, mas deixa seus membros atuarem em outros cantos do mundo. Desde a prisão de seu capo, Salvatore Riina, em 1993, ela se tornou uma organização silenciosa, sem demonstrações espalhafatosas de violência. Mas isso não trouxe a paz à Sicília. O crime violento foi assumido por outras máfias locais, como a Stidda e os clãs Cursotti e Laudani.

↑ | Arraste para ler

↑ | Arraste para ler

↑ | Arraste para ler

e facções, num jogo intitulado “Quem vai ser o próximo matador?”.

A rede de trens de carga conhecida como La Bestia tornou-se um dos alvos prediletos da organização. Imigrantes da América Central à procura do eldorado americano trepam nos tetos dos vagões para atravessar o México numa viagem terrível, que pode incluir estupro, quedas mortais ou mutiladoras para os que adormecem e, sempre, muito pedágio no meio do caminho. Para criar um clima ainda maior de desconfiança entre os passageiros, infiltrados buscam dados pessoais e nomes de parentes de potenciais sequestrados. Outra vítima da guerra dos cartéis foi a imprensa. Acuadas por assassinatos de jornalistas, publicações mexicanas chegaram a deixar de publicar 90% dos crimes ligados a esses grupos.

Classificado pelo Departamento de Estado dos EUA como o “cartel mais perigoso e sofisticado do México”, os Zetas permanecem no imaginário mundial como modelo de crueldade extrema. Mas já há quem considere que seu reinado de medo anda com os dias contados. O presidente Enrique Peña Nieto teve um grande êxito contra o grupo logo ainda no primeiro ano de mandato. Em julho passado, Miguel Ángel Treviño Morales, apelidado de Z-40, foi preso em uma operação da Marinha. Era simplesmente o chefe do bando. A facção já havia perdido seu capo anterior, Heriberto “El Lazca” Lazcano, morto em outubro do ano passado. Quando capturaram Treviño, a revista britânica *The Economist* estampou a triunfante manchete *Zeta zeroed* (“Zeta zerado”), afirmando que a organização poderia estar se desmantelando.

Talvez não seja para tanto. O próprio semanário ponderou que os líderes do Cartel de Sinaloa e do Cartel do Golfo provavelmente tentarão ocupar o eventual vácuo de poder deixado pelos rivais. Se isso acontecer, a violência deve aumentar consideravelmente entre gangues em lugares como Nuevo Laredo, importante cidade à beira do Rio Grande, na fronteira com o Texas. Outro efeito colateral possível é a fragmentação dos próprios Zetas em células menores. Para alguns analistas, os últimos revezes, se não terminaram com os Zetas, talvez os levem a um jeito menos espetaculoso de ser.

↑ | Arraste para ler

TOP 5, CARTEIS

Os maiores nomes no suprimento de drogas aos EUA.

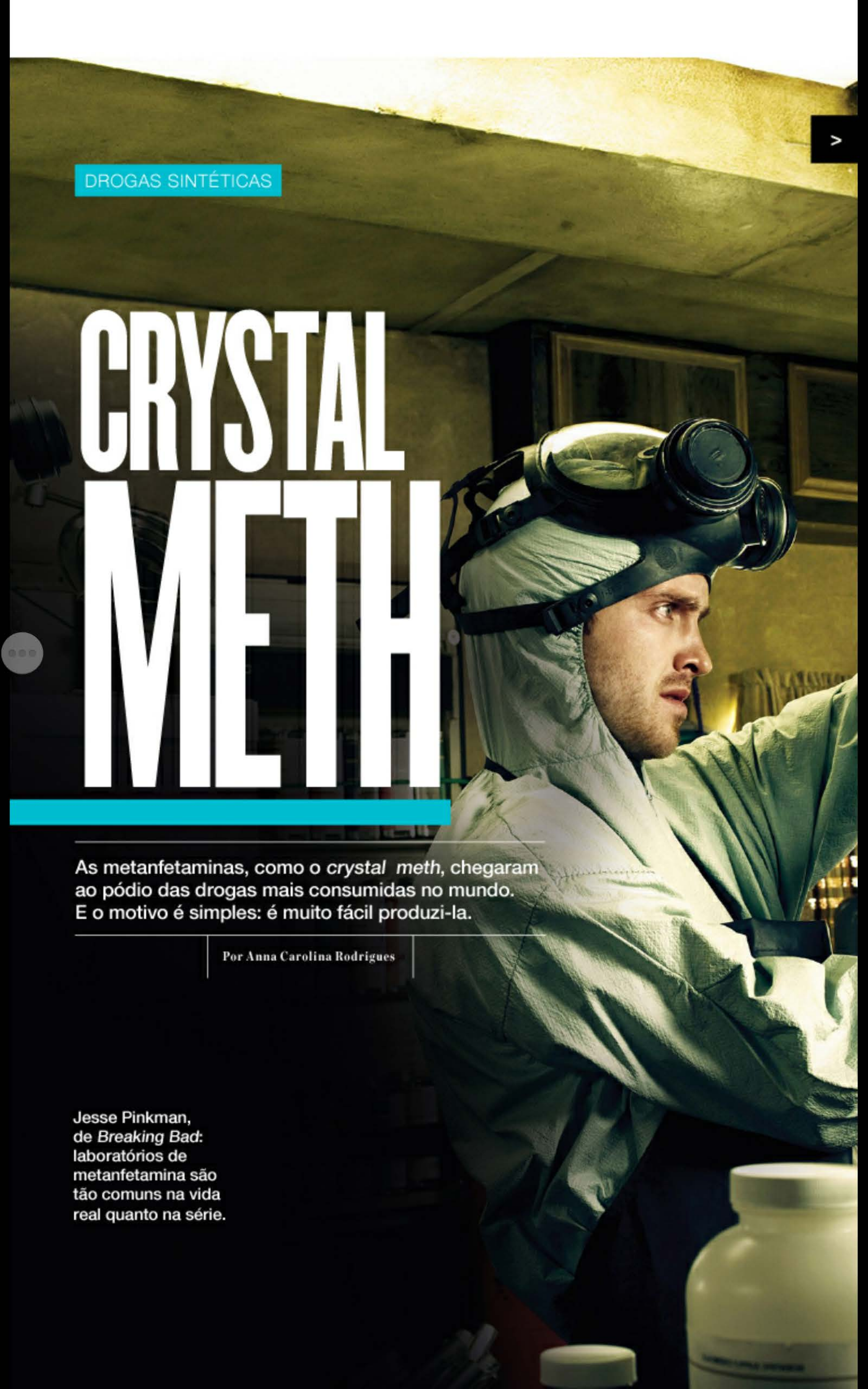
CARTEL DO GOLFO: é sediado na cidade de Matamoros, no nordeste do México, onde faz fronteira com o Texas. É o mais antigo dos cartéis do país, formado nos tempos em que Al Capone mandava em Chicago.

CARTEL DE JUÁREZ: disputa com o Cartel de Sinaloa pelo controle da Cidade de Juárez, no Estado de Chihuahua, onde faz fronteira com o Novo México, EUA.

LOS ZETAS: composto por ex-membros da elite militar mexicana, começou com capangas do Cartel do Golfo e se tornou depois independente. Domina toda a costa do Golfo do México e disputa a fronteira do nordeste do país.

CARTEL DE SINALOA: com base no Estado de Sonora, ele domina o tráfico no noroeste do México. Por anos foi o maior distribuidor de cocaína para os EUA.

CARTEL DE TIJUANA: sua sede fica no extremo-noroeste do país, na fronteira com a Califórnia. Foi debilitado pela prisão e extradição de vários membros-chave.

A full-page background image of Jesse Pinkman from the TV series Breaking Bad. He is wearing a white hazmat suit with a hood and goggles, looking off to the side with a serious expression. The setting appears to be a laboratory or a workshop with shelves in the background.

DROGAS SINTÉTICAS

CRYSTAL METH

As metanfetaminas, como o *crystal meth*, chegaram ao pódio das drogas mais consumidas no mundo. E o motivo é simples: é muito fácil produzi-la.

Por Anna Carolina Rodrigues

Jesse Pinkman, de *Breaking Bad*: laboratórios de metanfetamina são tão comuns na vida real quanto na série.



Primeiro, surgiu um cheiro estranho no ar naquela noite de domingo de setembro. O odor era meio ácido, químico – nada comum no tranquilo subúrbio de Bardon Ridge, a 30 quilômetros de Sydney, Austrália. Então veio a explosão. Labaredas subiram de dentro da garagem, no quintal de uma das casas. Rob Cutelli, 40, e um parente correram gritando. Pularam na piscina. Eles tentavam

apagar as chamas que se espalhavam por seus corpos. No hospital, sentiam tanta dor que precisaram ser colocados em coma induzido. Enquanto isso, policiais vestidos com trajes de proteção química e máscaras de gás entravam na garagem. O que encontraram lá surpreendeu os moradores da área. O bom vizinho Cutelli mantinha um laboratório clandestino de metanfetamina.

Esse foi apenas um dos muitos laboratórios clandestinos descobertos nos últimos anos. Na Oceania, foram encontrados 109 em 2011, ano do último dado disponível. México e Canadá tiveram, respectivamente, 159 e 35 laboratórios desmantelados.

Na Europa, foram 350 – 338 deles apenas na República Tcheca. Mas tudo isso é coisa pequena perto dos 11 mil laboratórios encontrados em 2011 nos EUA.

O número de laboratórios descobertos nos EUA quadruplicou de 2010 para 2011. E esse aumento é indício de uma recente mudança de padrão no tráfico de drogas, segundo dados do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC). Enquanto o consumo de narcóticos tradicionais, como heroína e cocaína, ficou estável nos últimos anos, tem aumentado de maneira preocupante o consumo de “estimulantes do tipo anfetamínico” – os ATS, na sigla em inglês, que incluem o ecstasy, a anfetamina e a metanfetamina, mais conhecida no Ocidente como *crystal meth*.

Em 2011, os ATS foram o segundo tipo de droga mais consumido no mundo, atrás só da cannabis (maconha, haxixe etc.). São quase 34 milhões de usuários por ano – sem contar os 19,4 milhões de usuários de ecstasy, que o UNODC conta à parte. O problema se estende a todas as regiões do globo. A África Ocidental, que até então era mais conhecida como rota de tráfico de cocaína e heroína, passou a produzir ATS e exportar para o Sudeste Asiático, onde a apreensão de comprimidos subiu de 32 milhões de unidades em 2008 para 133 milhões em 2010. O Crescente Dourado, região formada por Irã, Afeganistão e Paquistão, também decidiu ampliar seu portfólio. E fábricas que produziam heroína em Mianmar mudaram para a *yaba* – metanfetamina em forma de comprimidos, que é exportada para China, Tailândia, Laos, Camboja e Vietnã.

Não é difícil entender a razão para esse crescimento. A primeira causa está em como os ATS são produzidos. A papoula e a coca só crescem em regiões com condições de clima e de solo favoráveis. Isso complica tremendamente a logística da droga: desde a região produtora, ela atravessa outros países e passa pelas mãos de diferentes intermediários até chegar às ruas. É uma cadeia ruim para o traficante, que está exposto a apreensões, prisões e brigas com os intermediários, mas também para o usuário, já que a droga tende a ser adulterada ao longo do caminho. Já as drogas sintéticas precisam apenas de um pequeno laboratório amador e de insumos baratos, comprados no supermercado mesmo.

MAIORES APREENSÕES DE DROGA SINTÉTICA

Em 2011, foram
apreendidas no
mundo inteiro

88 TON
de metanfetamina.

Disso,
54
toneladas
foram
apreendidas
na América
do Norte.

METANFETAMINAS

(em toneladas) ● 2010 ● 2011



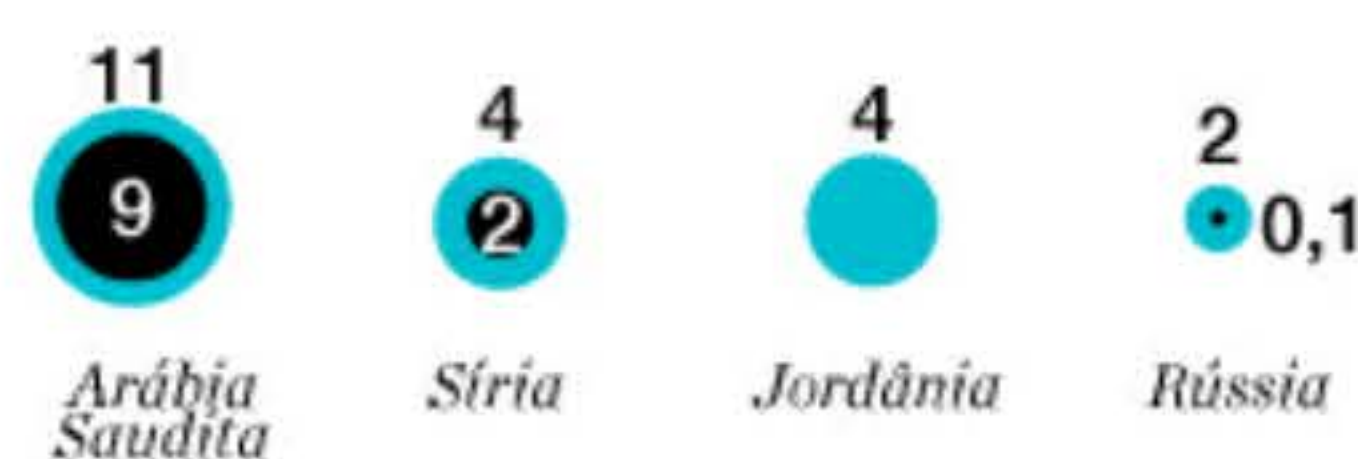
Há poucas décadas, o crystal meth era um desconhecido. No fim dos anos 70, gangues de motociclistas como os Hell Angels começaram a vender os cristais na costa oeste dos EUA. Até que um certo químico Steve Preisler publicou o livro *Secrets of Methamphetamine Manufacture* (“Segredos da Produção de Metanfetamina”) sob o pseudônimo de Uncle Fester (em carinhosa homenagem ao Tio Funério, da Família Adams). No autointitulado “melhor livro já escrito sobre química clandestina”, Preisler explicou em linguagem científica como produzir a droga, com inúmeras variações usando sempre ingredientes lícitos. Com a receita facilmente disponível, laboratórios clandestinos começaram a pipocar pelos EUA.

Mas produzir drogas sintéticas é como dominar a alta cozinha. Você pode pegar uma receita de *soufflé* de queijo, mas, sem ter intimidade com a técnica de preparo, acabará assando uma massa compacta emborrachada – vai encher a barriga, mas o barato não será o mesmo. Como em *Breaking Bad*, vários pequenos produtores passaram a sintetizar cristais com pouca quantidade de metanfetamina. Aí está uma diferença importante entre a impureza da cocaína e a da metanfetamina. Enquanto traficantes adicionam talco, pó de vidro e outras impurezas para dar volume na cocaína, o cristal com pouca metanfetamina é resultado de pura barbeiragem no laboratório. Os Jesse Pinkman que surgiram por aí simplesmente não tinham conhecimento técnico para conduzir bem as reações químicas.

Bastou o mercado de metanfetamina crescer para isso mudar. Traficantes buscaram não apenas mão de obra qualificada como também investiram em infraestrutura. Em 2002, o Cartel de Sinaloa começou a abrir no México superlaboratórios de nível farmacêutico, capazes de produzir cristais com pureza de 95% ou mais – e em escala industrial. Cristais de origem asiática também surgiram no mercado. Depois, os mexicanos passaram a abrir superlaboratórios nos próprios EUA.

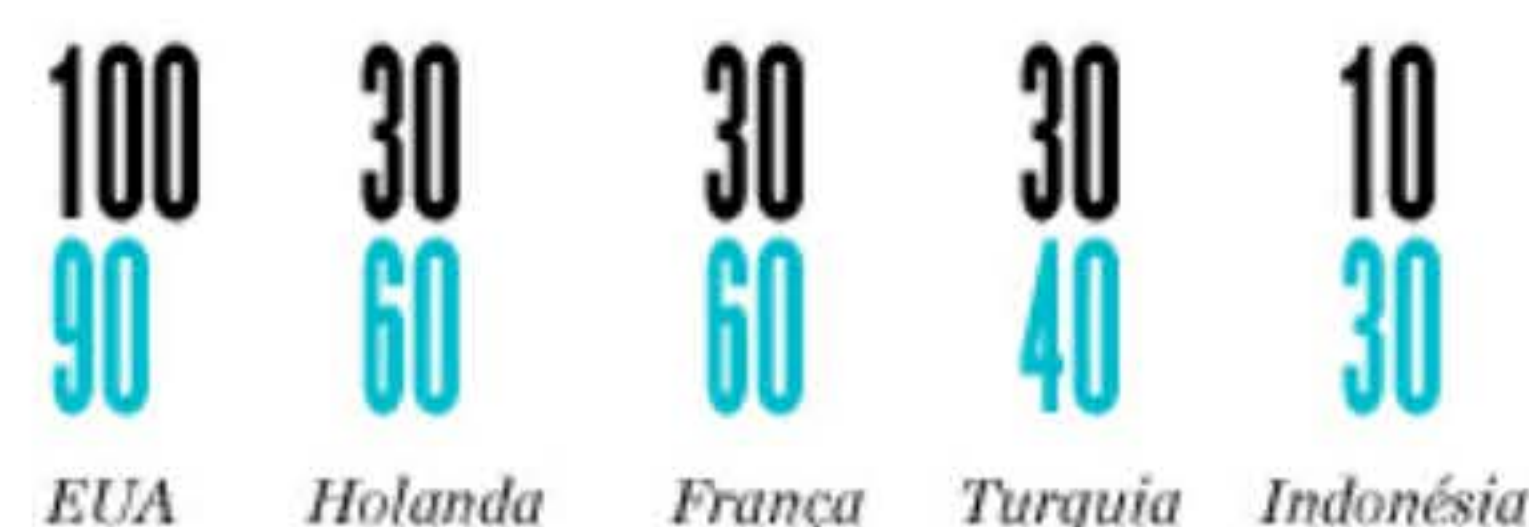
ANFETAMINAS

(em toneladas) ● 2010 ● 2011



ECSTASY

(em milhares de comprimidos) ● 2010 ● 2011



Escala e mão de obra especializada fazem toda a diferença. Enquanto produtores pequenos dependem de *smurfs* (vários indivíduos que comprem em pequenas quantidades ingredientes como comprimidos com pseudoefedrina), grandes traficantes têm profissionais com conhecimento técnico e equipamentos suficientes para produzir precursores equivalentes a partir de substâncias facilmente disponíveis no mercado legal. Tudo é uma questão de domínio da química – e de um bom laboratório.

ICE, ICE BABY

A anfetamina foi sintetizada pela primeira vez na década de 1890 no Japão. Mas seus efeitos biológicos só seriam testados mesmo em 1929 pelo químico americano George Alles. Ele buscava um novo remédio para o tratamento de asma e congestão nasal. Resolveu então pesquisar a tal anfetamina, que era parecida com a efedrina, uma substância presente em um arbusto usado tradicionalmente na medicina chinesa para o mesmo propósito. Ele a testou em animais, nele mesmo – procedimento considerado normal na época – e em amigos. Descobriu que não curava asma coisa nenhuma, mas era estimulante: causava aumento na pressão arterial, insônia, agitação e sensação de bem-estar. Além disso, também inibia o apetite, aumentava o estado de alerta, a autoconfiança, diminuía a dor e melhorava o desempenho em testes de QI. Tudo muito parecido com os efeitos causados por um de nossos hormônios: a adrenalina.

Já a metanfetamina é um derivado da anfetamina com efeitos semelhantes, porém mais duradouros e intensos, e com risco muito maior de vício. As duas logo viraram remédios para depressão, mas também eram usadas para emagrecer. No entanto, o consumo só disparou mesmo com a 2ª Guerra. Americanos, ingleses, japoneses, alemães, não importa. Todos os soldados tomavam estimulantes. Só entre abril e julho de 1940, as Forças Armadas alemãs receberam 35 milhões de comprimidos de metanfetamina.

Quanto mais gente usou as drogas, porém, mais evidente ficou que elas não eram tão boas assim. O uso em excesso causava crises de ansiedade, dependência e quadros psicóticos. Embora continue sendo base de remédios para emagrecer e para o tratamento de déficit de atenção e hiperatividade, sua venda hoje é controlada.

Mas onde há barreira para drogas surge imediatamente um mercado ilícito. E foi o que aconteceu com os ATS por todo o planeta. Para se ter uma ideia do tamanho do negócio, foram apreendidas 60 toneladas de ATS no mundo em 2005. Passados seis anos, isso subiu para 123 toneladas – das quais 71% eram de metanfetamina.

Laboratório clandestino no México. Entre as apreensões estão 50 mil litros de efedrina, matéria-prima da metanfetamina.



O MÉXICO DA CHINA

Como a Coreia do Norte virou exportadora de metanfetamina.

No início da década de 1990, o governo chinês registrava 44 viciados na cidade de Yinli. Passados 20 anos, já eram 2,1 mil, a maioria de usuários de *bingdu* – cristais de metanfetamina. A razão estava no outro lado da fronteira. Com o fim da União Soviética, grande financiador do comunismo, o mundo paralelo da dinastia Kim entrou em colapso. A produção de alimentos caiu e cerca de 5% da população morreu de fome. Para sobreviver, cientistas começaram a produzir metanfetamina no complexo químico-industrial da cidade de Hamhung. Como o governo havia aberto um pouco a economia para que o contrabando ao menos trouxesse um pouco de comida para o país, abriu

↑ | Arraste para ler





© AFP/Secretaria de Marina

20 anos, já eram 2,1 mil, a maioria de usuários de *bingdu* – cristais de metanfetamina. A razão estava no outro lado da fronteira. Com o fim da União Soviética, grande financiador do comunismo, o mundo paralelo da dinastia Kim entrou em colapso. A produção de alimentos caiu e cerca de 5% da população morreu de fome. Para sobreviver, cientistas começaram a produzir metanfetamina no complexo químico-industrial da cidade de Hamhung. Como o governo havia aberto um pouco a economia para que o contrabando ao menos trouxesse um pouco de comida para o país, abriu também espaço para o contrabando da metanfetamina para a China. Já em casa, a droga virou um remédio para quaisquer males. Na Coreia do Norte faltam medicamentos, e, como a metanfetamina é um estimulante, o uso se disseminou entre pessoas com quaisquer doenças crônicas. Até câncer.

↑ | Arraste para ler

SOB MEDIDA

A definição de substâncias ilícitas é um exercício tautológico: são ilícitas aquelas substâncias que forem definidas como ilícitas pela ONU. Se uma substância não estiver lá, ela é legal (com exceção aos EUA, onde todas substâncias são ilegais até que se prove o contrário). Isso significa que, por mais que uma substância nova seja semelhante à proibida, ela será automaticamente legal. Eis a brecha que deu origem às *designer drugs* – drogas com estrutura molecular minimamente modificada para poderem ser vendidas legalmente. Só em 2012, os países membros do Escritório da ONU para Drogas e Crimes relataram 251 novas substâncias apreendidas e identificadas. Para se ter noção de como esse número é impressionante, a tal listinha da ONU que determina o que é ilegal traz 234 substâncias no total. Ou seja, num único ano, o número de novas substâncias que não são controladas por convenções internacionais ultrapassou o da lista existente. Diferentemente da metanfetamina, que costuma ser traficada regionalmente, as *designer drugs* atravessam o mundo até os clientes finais. Produzidas principalmente

↑ | Arraste para ler

Nos EUA, no Sudeste Asiático e na Austrália, a metanfetamina está entre as drogas com mais usuários. Na Tailândia e vizinhos, ela é ingerida em comprimidos chamados *yaba*, enquanto nos EUA é mais comum fumar seu sal cristalino – o *crystal meth*, crack das metanfetaminas.

Já o Oriente Médio é mais afeito aos comprimidos de anfetamina – a Arábia Saudita sozinha, que tem menos de 1% da população do planeta, responde a 37% de todas as apreensões de anfetamina. A droga é vendida com o nome de *captagon* – originalmente um medicamento contra déficit de atenção que foi banido em quase todos os países do mundo em 1986. Passados 20 anos, quando Israel e o grupo libanês Hezbollah entraram em guerra, o *captagon* começou a surgir na região – só que agora com uma fórmula pirata de anfetamina com cafeína e outros aditivos. A suspeita é que fosse vendida para financiar o Hezbollah.

Desde então, a coisa só aumentou. Apenas em agosto de 2013, as autoridades libanesas apreenderam o equivalente a US\$ 200 milhões em *captagon* destinados para Dubai e Arábia Saudita. Possivelmente essa droga financia as partes envolvidas na guerra civil em curso na Síria.

Agora, mercado em potencial mesmo é o chinês. Em 2004, a China tinha apreendido 2,7 toneladas de metanfetamina – ou *bingdu*, como é chamado lá o *crystal meth*. Em 2011, isso subiu extraordinariamente para 14 toneladas, vindas predominantemente de Mianmar e da Coreia do Norte.

E não é apenas no consumo que a China participa da cadeia dos ATS. Ela é um grande exportadora de matéria-prima dessas substâncias. Em janeiro de 2013, a marinha mexicana apreendeu na Costa do Pacífico um navio chinês que continha 12 contêineres lotados de barris com 195 toneladas de metilamina

SOB MEDIDA

com estrutura molecular minimamente modificada para poderem ser vendidas legalmente. Só em 2012, os países membros do Escritório da ONU para Drogas e Crimes relataram 251 novas substâncias apreendidas e identificadas. Para se ter noção de como esse número é impressionante, a tal listinha da ONU que determina o que é ilegal traz 234 substâncias no total. Ou seja, num único ano, o número de novas substâncias que não são controladas por convenções internacionais ultrapassou o da lista existente. Diferentemente da metanfetamina, que costuma ser traficada regionalmente, as *designer drugs* atravessam o mundo até os clientes finais. Produzidas principalmente em laboratórios do leste e sudeste asiáticos, elas vão parar nos mercados norte-americano e europeu. Na Irlanda, por exemplo, o uso de novas substâncias psicoativas cresceu tanto que só perde para a cannabis. Lá, quase 10% dos jovens de 15 a 24 anos usam. O maior problema é que essas drogas surgem muito rapidamente. Como são substâncias desconhecidas, não se sabe quais riscos o seu consumo representa.

↑ | Arraste para ler

Nos EUA, no Sudeste Asiático e na Austrália, a metanfetamina está entre as drogas com mais usuários. Na Tailândia e vizinhos, ela é ingerida em comprimidos chamados *yaba*, enquanto nos EUA é mais comum fumar seu sal cristalino – o crystal meth, crack das metanfetaminas.

Já o Oriente Médio é mais afeito aos comprimidos de anfetamina – a Arábia Saudita sozinha, que tem menos de 1% da população do planeta, responde a 37% de todas as apreensões de anfetamina. A droga é vendida com o nome de *captagon* – originalmente um medicamento contra déficit de atenção que foi banido em quase todos os países do mundo em 1986. Passados 20 anos, quando Israel e o grupo libanês Hezbollah entraram em guerra, o captagon começou a surgir na região – só que agora com uma fórmula pirata de anfetamina com cafeína e outros aditivos. A suspeita é que fosse vendida para financiar o Hezbollah.

Desde então, a coisa só aumentou. Apenas em agosto de 2013, as autoridades libanesas apreenderam o equivalente a US\$ 200 milhões em captagon destinados para Dubai e Arábia Saudita. Possivelmente essa droga financia as partes envolvidas na guerra civil em curso na Síria.

Agora, mercado em potencial mesmo é o chinês. Em 2004, a China tinha apreendido 2,7 toneladas de metanfetamina – ou *bingdu*, como é chamado lá o crystal meth. Em 2011, isso subiu extraordinariamente para 14 toneladas, vindas predominantemente de Mianmar e da Coreia do Norte.

E não é apenas no consumo que a China participa da cadeia dos ATS. Ela é um grande exportadora de matéria-prima dessas substâncias. Em janeiro de 2013, a marinha mexicana apreendeu na Costa do Pacífico um navio chinês que continha 12 contêineres lotados de barris com 195 toneladas de metilamina

– substância que nos EUA é controlada por servir de matéria-prima na produção de metanfetamina. Eles iam para a Guatemala e Nicarágua, lugares para onde o cartel mexicano estaria expandindo a produção de drogas, segundo as autoridades americanas. O governo dos EUA estima que 80% da metanfetamina consumida no país vem do México, com ingredientes vindos da China.

SHAKE BOOM

A metanfetamina tem uma alternativa mais barata. É o *shake and bake* – algo como “chacoalhar e assar”, um método rudimentar e explosivo que gera cristais extremamente impuros, mas baratos.

Em 2011, uma mulher de 45 anos entrou num Walmart de Oklahoma. Depois de seis horas dentro da loja, saiu com o carrinho e foi para os fundos. Dentro de uma garrafa pet, começou a misturar alguns ingredientes: remédios para resfriado, nitrato de amônio, fluido de isqueiro, lítio retirado de uma pilha e água – até que a polícia chegou. Estava fazendo o *shake and bake*. No ano seguinte, pipocaram outros casos em lojas Walmart de diferentes Estados americanos. Em Missouri, uma mulher começou a misturar os ingredientes numa garrafa de 600 ml quando já tinha sido detida pelos seguranças numa salinha. No Alabama, foram encontrados apenas os restos do processo numa cabine do banheiro feminino – ao fazer isso dentro da loja, não foi preciso nem passar pelo caixa.

↑ | Arraste para ler

A UNIÃO
EUROPEIA
TEM

2,9

MILHÕES

de usuários de designer drugs
entre 15 e 24 anos.

REINO UNIDO
23%

POLÔNIA
17%

ALEMANHA
12%

FRANÇA
14%

ESPAÑA
8%

mart de Oklahoma. Depois de seis horas dentro da loja, saiu com o carrinho e foi para os fundos. Dentro de uma garrafa pet, começou a misturar alguns ingredientes: remédios para resfriado, nitrato de amônio, fluido de isqueiro, lítio retirado de uma pilha e água – até que a polícia chegou. Estava fazendo o shake and bake. No ano seguinte, pipocaram outros casos em lojas Walmart de diferentes Estados americanos. Em Missouri, uma mulher começou a misturar os ingredientes numa garrafa de 600 ml quando já tinha sido detida pelos seguranças numa salinha. No Alabama, foram encontrados apenas os restos do processo numa cabine do banheiro feminino – ao fazer isso dentro da loja, não foi preciso nem passar pelo caixa.

A receita do shake and bake é fácil e os ingredientes estão disponíveis em qualquer supermercado americano. Só que há um pequeno problema. Ele explode. A mistura, que leva fluido de isqueiro e solventes, é altamente inflamável e pode causar queimaduras graves. E tudo indica que tem bastante usuário chacoalhando e assando no desespero. Queimaduras causadas pelo shake and bake já representam um terço do total de vítimas de queimaduras no país. Para piorar, a maioria não tem seguro saúde, e o custo médio diário para o tratamento é de US\$ 6 mil.

↑ | Arraste para ler

A UNIÃO
EUROPEIA
TEM

2,9

MILHÕES

de usuários de designer drugs
entre 15 e 24 anos.

REINO UNIDO
23%

POLÔNIA
17%

ALEMANHA
12%

FRANÇA
14%

ESPAÑA
8%

MINÉRIOS DE CONFLITO

CELULARES DE SANGUE

Por quase duas décadas, o crime organizado alimenta conflitos no centro da África para roubar recursos minerais. Parte deles para na indústria de eletrônicos.

Por Maurício Horta



Ex-rebeldes trabalham em mina artesanal de ouro na República Democrática do Congo. A guerra acabou, mas sua fonte de financiamento, não.

Em 2010, um grupo de pelo menos 200 homens armados com fuzis, granadas e facões estuprou 300 mulheres, 55 meninas, 23 homens e 9 meninos durante quatro dias na cidade de Walikale, no leste da República Democrática do Congo. Isso aconteceu a 30 quilômetros de uma base da ONU, que mantém no país um quinto de todas as suas forças de paz. Além disso, 923 casas e 42 lojas foram saqueadas e 116 civis foram postos em trabalho forçado. Os responsáveis pelo crime em massa foi uma coalizão de três grupos armados – o Mai Mai Sheka, as Forças Democráticas de Libertação de Ruanda e um grupo de desertores do Exército congolês. Seu objetivo não era defender uma ideologia nem expulsar a população. Era apenas aterrorizar para, assim, garantir o controle na exploração do território com um dos maiores depósitos de estanho e ouro da RD Congo.

O país é o maior da África Subsaariana. Metade de sua área é uma floresta equatorial

AS GUERRAS AFRICANAS

Desde a 2ª Guerra Mundial, nenhuma região do mundo testemunhou tanto derramamento de sangue quanto a área dos Grandes Lagos Africanos, na fronteira entre o leste da República Democrática do Congo, Uganda, Ruanda e Burundi. Em 1994, quase um milhão de pessoas – em sua maioria da etnia tutsi – foram mortas por genocidas da etnia hutu em Ruanda. Em seguida, os tutsis tomaram o poder no país. Com medo de retaliação, mais de um milhão de hutus ruandenses migraram para a atual RD Congo (na época, Zaire). Só que lá também vivia uma grande população tutsi. Para proteger seus irmãos, o governo de Ruanda armou esses tutsis. Assim começou em 1996 a Primeira Guerra do Congo, com Uganda, Ruanda e Angola apoiando uma rebelião tutsi local liderada por Laurent Kabila de um lado e o ditador zaireense Mobutu Sese Seko apoiando os hutus. Kabila atravessou o país com seus rebeldes até chegar à capital e derrubar Mobutu.

↑ | Arraste para ler

densa cortada pelo rio Congo, cujo potencial hidrelétrico bastaria para acender o continente inteiro. Outra metade faz parte da savana africana, com potencial agrícola e uma enorme biodiversidade. E, no subsolo do leste do país, há estimados US\$ 24 trilhões escondidos em minerais essenciais para a indústria eletrônica. Para processadores, há o ouro. Para fios, o cobre. Para soldas, o estanho. E, para condutores usados em celulares, laptops e consoles, há a columbita-tantalita – mais conhecida como *coltan*.

Apesar de toda essa riqueza, a RD Congo tem o pior índice de desenvolvimento humano do planeta. O governo até consegue controlar a capital Kinshasa, na pontinha ocidental do país, mas no imenso interior do país funciona um modelo perfeito de anarquia. Tudo fica ainda pior no leste, onde as quatro províncias mais voláteis têm uma área três vezes maior que a da Alemanha e 20 diferentes grupos rebeldes.

O país foi destruído por 15 anos de guerras que, oficialmente, acabaram em 2003. Durante esse período, todos os países envolvidos contrabandearam minerais do leste para financiar sua participação (ou entraram no conflito para ganhar dinheiro). Esse tipo de atividade

ilegal é comum em países em conflito. Nos tempos de guerra civil, rebeldes de Angola contrabandearam diamantes para companhias mineradoras sul-africanas, da mesma forma como rebeldes em Mianmar vendem madeiras nobres, as Farc vendem cocaína na Colômbia e comandantes de diferentes grupos étnicos vendem ópio no Afeganistão.

Mas, terminada a guerra, surge um problema: o que fazer com o contrabando. Na RD Congo, a lei continuou distante do interior do país e as fronteiras continuaram incontroláveis. Por outro lado, a imensa riqueza mineral do leste

AS GUERRAS AFRICANAS

Ruanda e Angola apoiando uma rebelião tutsi local liderada por Laurent Kabila de um lado e o ditador zaireense Mobutu Sese Seko apoiando os hutus. Kabila atravessou o país com seus rebeldes até chegar à capital e derrubar Mobutu. Assumiu a presidência e mudou o nome do país para RD Congo. Só que os militares ruandeses continuaram no leste, onde os hutus genocidas seguiam como uma ameaça e o ouro e os diamantes permaneciam como recompensa. Kabila decidiu expulsar o exército de Ruanda do país. Um erro. Ruanda, Uganda e Burundi apoiaram outro grupo rebelde em 1998, que rapidamente dominou o leste. Já o presidente Kabila recebeu o apoio de Angola, Zimbábue, Namíbia e de uma série de milícias inimigas de Ruanda e de Uganda – entre eles o sanguinário Exército de Resistência do Senhor, do psicopata Joseph Kony. Começava assim a 2ª Guerra Mundial da África, que em cinco anos matou 5,4 milhões.

↑ | Arraste para ler

densa cortada pelo rio Congo, cujo potencial hidrelétrico bastaria para acender o continente inteiro. Outra metade faz parte da savana africana, com potencial agrícola e uma enorme biodiversidade. E, no subsolo do leste do país, há estimados US\$ 24 trilhões escondidos em minerais essenciais para a indústria eletrônica. Para processadores, há o ouro. Para fios, o cobre. Para soldas, o estanho. E, para condutores usados em celulares, laptops e consoles, há a columbita-tantalita – mais conhecida como *coltan*.

Apesar de toda essa riqueza, a RD Congo tem o pior índice de desenvolvimento humano do planeta. O governo até consegue controlar a capital Kinshasa, na pontinha ocidental do país, mas no imenso interior do país funciona um modelo perfeito de anarquia. Tudo fica ainda pior no leste, onde as quatro províncias mais voláteis têm uma área três vezes maior que a da Alemanha e 20 diferentes grupos rebeldes.

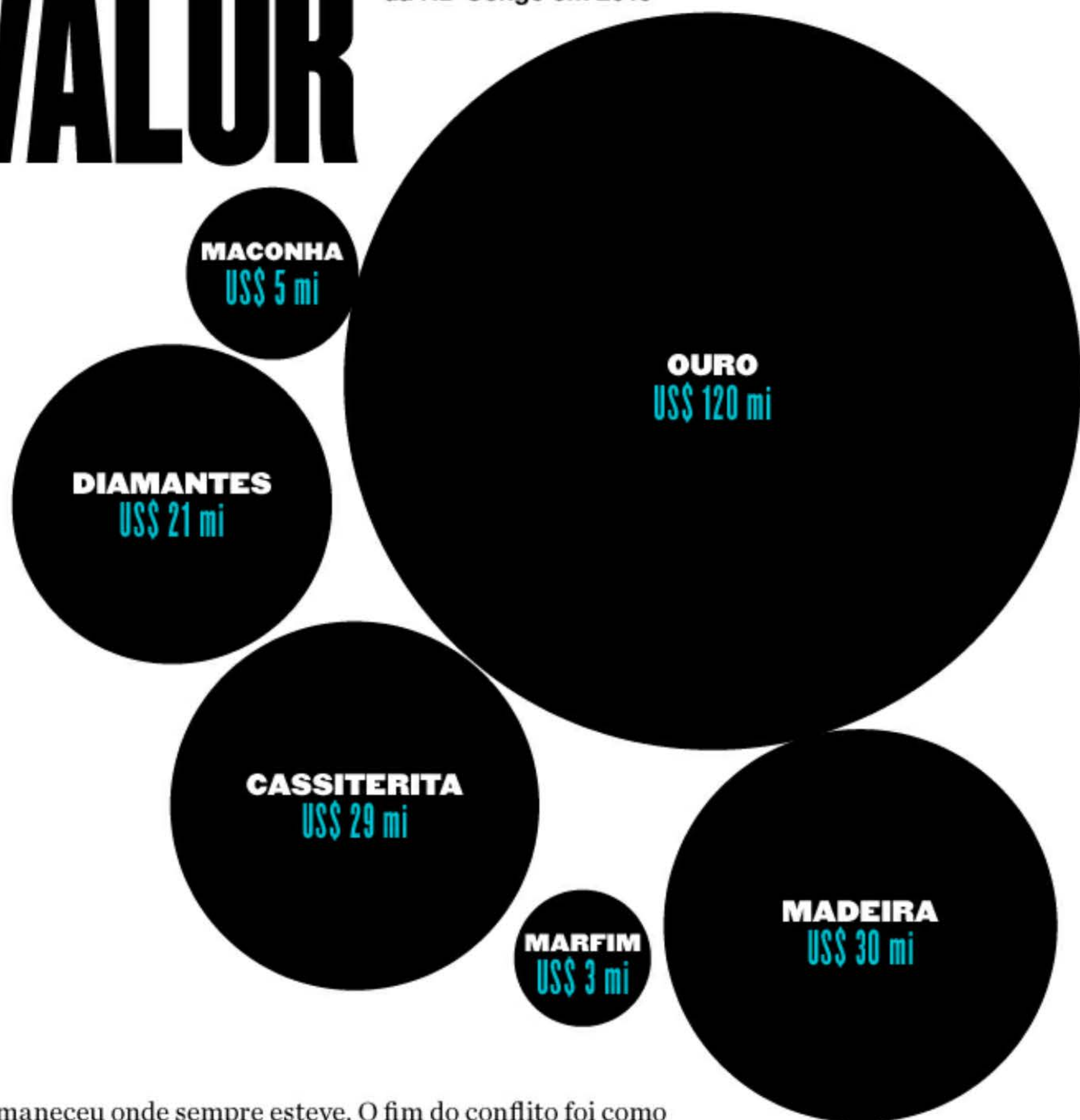
O país foi destruído por 15 anos de guerras que, oficialmente, acabaram em 2003. Durante esse período, todos os países envolvidos contrabandearam minerais do leste para financiar sua participação (ou entraram no conflito para ganhar dinheiro). Esse tipo de atividade

ilegal é comum em países em conflito. Nos tempos de guerra civil, rebeldes de Angola contrabandearam diamantes para companhias mineradoras sul-africanas, da mesma forma como rebeldes em Mianmar vendem madeiras nobres, as Farc vendem cocaína na Colômbia e comandantes de diferentes grupos étnicos vendem ópio no Afeganistão.

Mas, terminada a guerra, surge um problema: o que fazer com o contrabando. Na RD Congo, a lei continuou distante do interior do país e as fronteiras continuaram incontroláveis. Por outro lado, a imensa riqueza mineral do leste

VALOR

estimado de recursos contrabandeados
da RD Congo em 2010



permaneceu onde sempre esteve. O fim do conflito foi como entregar o ouro ao bandido. Em vez de entregar as armas, os antigos grupos rebeldes continuaram explorando os minerais que os financiavam. Grupos armados que antes se odiavam passaram a se associar para dominar as áreas ricas em recursos minerais e saquear suas populações: grupos armados de tutsis e hutus, bandas podres do Exército congolês e as mais variadas gangues locais, conhecidas genericamente como *Mai Mai*. Assim, de grupos armados políticos, eles se tornaram simplesmente bandos sanguinários que se associam e dissociam conforme os interesses financeiros.

O passado guerreiro fez desses criminosos algo diferente do bandido comum. Para controlar territórios, eles usam as mais sujas armas de guerra: matam, estupram, escravizam e recrutam crianças-soldados. A ONU batizou o leste do Congo de “a capital mundial do estupro”. Kalashnikovs são inseridas em vaginas e disparadas em seguida. Há relatos de grávidas com o ventre aberto para que milicianos servissem o feto a seus amigos. Depois, escoam sua produção pela fronteira com Uganda, Ruanda e Burundi para alimentar a indústria global de eletrônicos, que financia a autodestruição do país. A ONU estima em US\$ 200 milhões o faturamento em contrabando de recursos na RD Congo, explorados por algo entre 6,5 mil e 13 mil membros de grupos armados e por um número desconhecido de militares corruptos.

OS NEGÓCIOS

De todos os minerais explorados na RD Congo, o mais difícil de ser controlado é o ouro. Ele ocupa pouco espaço e pode ser facilmente trocado por dinheiro em qualquer parte do mundo. A RD Congo extrai 12 toneladas de ouro por ano, de forma artesanal. É como se fosse um monte de miniaturas de Serra Pelada espalhadas pelo leste do país. Disso, apenas um décimo é exportado por meios oficiais. O resto da produção é dominado por grupos do Exército e por milícias. Em alguns casos, os próprios grupos fazem a mineração; em outros, eles usam trabalho forçado ou cobram dos mineiros uma taxa de “proteção”. Depois, a maior parte do ouro vai parar em Uganda e, de lá, para os Emirados Árabes.

O estanho, extraído da cassiterita e usado em soldas de eletrônicos, pode não ter o mesmo glamour do ouro. Nem o coltan. Mas os dois minerais são extremamente lucrativos para o crime organizado. A RD Congo detém um terço de todas as reservas de cassiterita do mundo e uma participação desconhecida de coltan (há estimativas entre 64% e 80%, mas nenhuma oficial). Algumas de suas minas são controladas ilegalmente pelo exército corrupto ou por outros grupos armados, que taxam a produção em troca de proteção. Essa produção ilegal é então contrabandeada para os países vizinhos ou levada às capitais provinciais, onde pode ser misturada à produção legítima ou vendida assim mesmo em casas de exportação. Por fim, atravessa o continente para ser exportada para siderúrgicas da Índia, Malásia e Bélgica, no caso do estanho.

Para combater o crime organizado, a resposta instintiva seria não comprar produtos que contenham minerais de origem suspeita. Foi o que já tinha feito

O passado guerreiro fez desses criminosos algo diferente do bandido comum. Para controlar territórios, eles usam as mais sujas armas de guerra: matam, estupram, escravizam e recrutam crianças-soldados. A ONU batizou o leste do Congo de “a capital mundial do estupro”. Kalashnikovs são inseridas em vaginas e disparadas em seguida. Há relatos de grávidas com o ventre aberto para que milicianos servissem o feto a seus amigos. Depois, escoam sua produção pela fronteira com Uganda, Ruanda e Burundi para alimentar a indústria global de eletrônicos, que financia a autodestruição do país. A ONU estima em US\$ 200 milhões o faturamento em contrabando de recursos na RD Congo, explorados por algo entre 6,5 mil e 13 mil membros de grupos armados e por um número desconhecido de militares corruptos.

OS NEGÓCIOS

por outros grupos armados, que taxam a produção em troca de proteção. Essa produção ilegal é então contrabandeada para os países vizinhos ou levada às capitais provinciais, onde pode ser misturada à produção legítima ou vendida assim mesmo em casas de exportação. Por fim, atravessa o continente para ser exportada para siderúrgicas da Índia, Malásia e Bélgica, no caso do estanho.

Para combater o crime organizado, a resposta instintiva seria não comprar produtos que contenham minerais de origem suspeita. Foi o que já tinha feito antes a campanha contra os “diamantes de sangue” no final dos anos 90. Ela levou à implementação, em 2003, do Processo de Kimberley – um sistema de certificação de origem de diamantes que busca evitar a compra de pedra de regiões em conflito.

Os EUA decidiram fazer algo parecido com os minerais de sangue: uma lei que obriga fabricantes a rastrear e informar se os seus produtos usam minerais vindos de minas controladas por grupos armados na RD Congo e região.

Só que isso trouxe um novo problema: empresas já começaram a boicotar minerais do Congo de forma geral, o que, consequentemente, diminuiu o preço dos minerais explorados no país. Isso prejudicou os criminosos, claro. Mas também prejudicou trabalhadores inocentes que vivem da mineração. A venda de commodities que era feita em Goma, a capital da província de Kivu do Norte, diminuiu. O fraco governo local, que se financiava com impostos sobre a mineração, está insolvente – e isso numa região onde o governo quase que não existe. Simplesmente não há solução fácil na mais difícil região do país mais pobre do mundo.



FALSIFICAÇÃO

GLOBALIZADOS INGLÓRIOS

Grandes marcas transferiram sua produção a inúmeros fornecedores anônimos em países em desenvolvimento. Isso aumentou tremendamente os lucros – e a pirataria.

Por Maurício Horta



Farmácia no mercado de Idumota, maior centro comercial dedicado a remédios pirateados de Lagos, na Nigéria.

Para comprar uma bolsa Louis Vuitton, o brasileiro tem à escolha sete lojas espalhadas em São Paulo, Rio e Brasília, que cobram cerca de cinco salários mínimos pelo modelo *Neverfull*. Mas ele pode também ir ao comércio popular de qualquer cidade média e pagar um quinto de salário mínimo pelo modelo “paralelo”. Segundo uma pesquisa do Instituto Data Popular, 56% dos brasileiros compram produtos falsificados. E isso sobe para 63% entre mulheres de renda média e alta.

Pelo menos 2% do comércio mundial é de produtos falsificados, que movimentam US\$ 250 bilhões por ano, segundo a OCDE, um clube de países ricos. A maior parte é de bolsas, óculos, relógios, joias, roupas e calçados – produtos cuja manufatura não exige o domínio de grande tecnologia, mas que, ao pegar carona em marcas, podem ser vendidos por um valor muitas vezes superior a seu custo.

A maior parte desses produtos vem da China (alguma surpresa?). E a grande razão para isso não está na ganância das tríades chinesas nem em malevolentes oficinas de quintal. Ela está na própria economia formal.

Pense em qualquer marca de vestuário, acessórios e equipamentos esportivos. Ou mesmo celulares. Embora elas desenvolvam o design e a estratégia de marketing de seus produtos, não são elas quem os

produz. No máximo, montam peças produzidas por terceiros, controlam a qualidade e embalam a mercadoria com sua etiqueta. Enquanto isso, o grosso da produção acontece em empresas subcontratadas em países com mão de obra barata, como China, Indonésia, Tailândia, Paquistão e Bangladesh.

Essas empresas subcontratadas são fornecedoras para vários clientes. Podem fabricar para uma empresa, para seus concorrentes ou mesmo para alguma empresa desconhecida que, depois, simplesmente adiciona o logo falso de uma marca famosa. Enquanto o tráfico de drogas cria cadeias produtivas próprias, a pirataria simplesmente explora as cadeias produtivas existentes – da mesma forma como um parasita explora o seu hospedeiro. A falsificação não passa de um efeito colateral da terceirização da indústria.

PASSO A PASSO

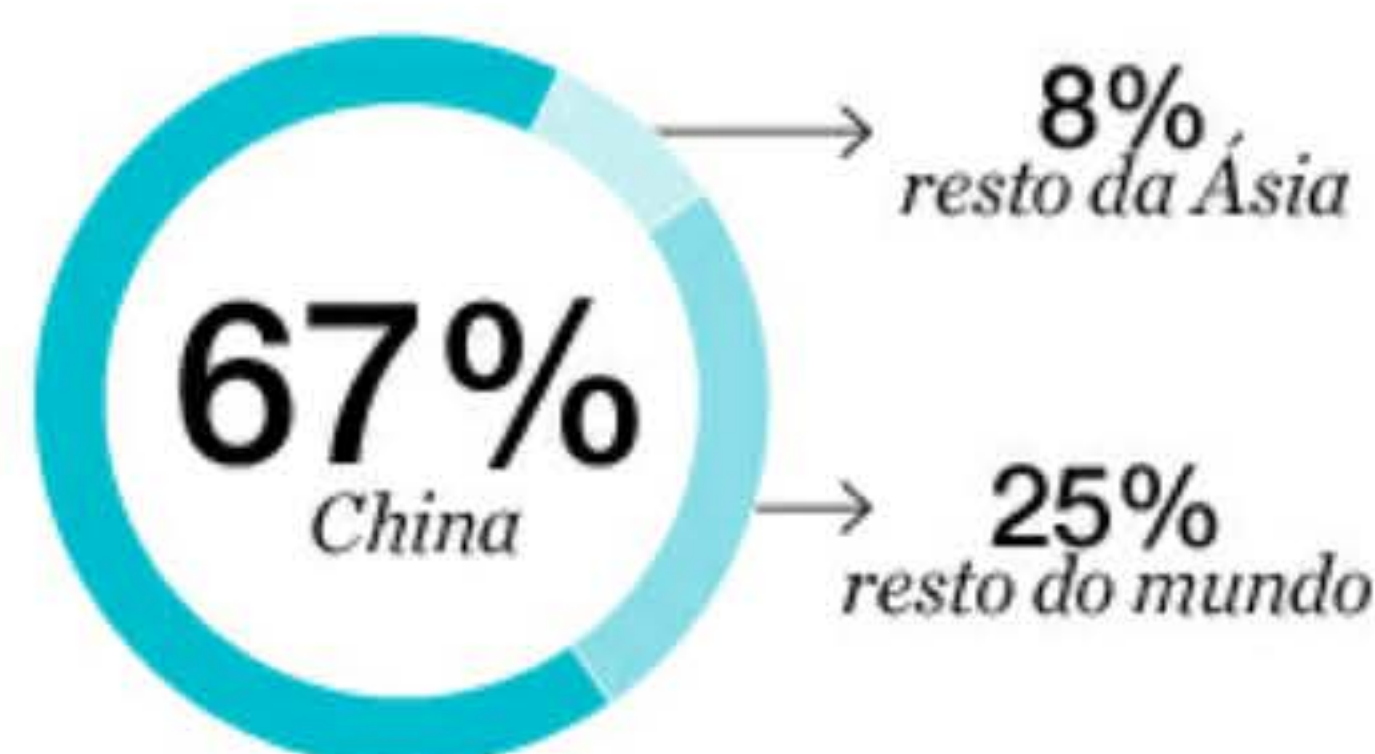
Falsificadores aprenderam uma coisa com a indústria japonesa: produzir somente o necessário, na quantidade necessária e no momento necessário. Nada de fazer estoque. Enquanto o toyotismo adotou essa estratégia para economizar espaço, falsificadores fazem isso para evitar apreensões.

Uma vez produzida, a mercadoria precisa entrar na cadeia de distribuição. Para isso há dois caminhos. Um deles é o correio, no caso de compras feitas pela internet. O outro são contêineres marítimos, usados no caso de venda a atacado.

Para liberar os contêineres nos portos, vale subornar fiscais, misturar produtos lícitos e ilícitos, colocar logos de marcas desconhecidas nos produtos para não acusar a falsificação. Então, eles podem seguir para zonas de livre comércio, como a de Jabel Ali, em Dubai. Com isso, os falsificadores despistam a origem do produto, lavam documentos e até mesmo empacotam novamente o material, desta vez costurando ou colando os logos das marcas. Então, basta descarregar a mercadoria no país de destino e passá-la para redes ilegais de distribuição – em geral compostas por imigrantes exatamente dos países onde os produtos foram feitos.

AS ILEGÍTIMAS

Onde são produzidas as falsificações comercializadas pelo mundo.



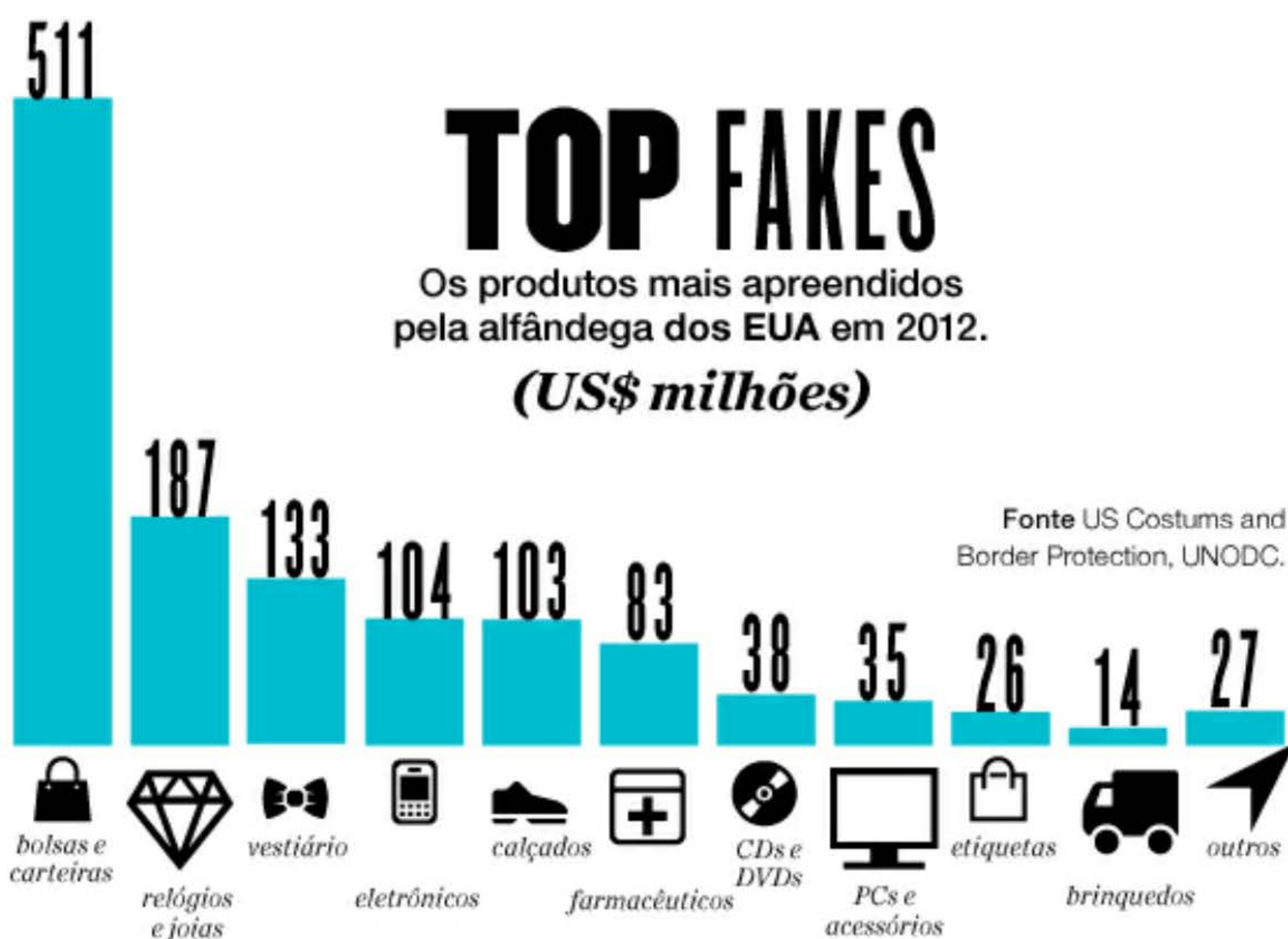
MALÁRIA

Em 1967, a China maoísta descobriu o principal ingrediente para o tratamento da malária: a artemisinina. Em terapias combinadas com outras substâncias, é capaz de eliminar parasitas do plasmódio no sangue de pacientes com malária. Passadas algumas décadas, a China – agora como potência industrial – é o principal fornecedor de artemisinina para a África Subsaariana e o Sudeste Asiático – as regiões mais terrivelmente atacadas pela malária no mundo. Tudo seria ótimo, não fosse o fato de quase metade desse remédio ser falsificada. São US\$ 5 bilhões só em fraude contra doentes nos países mais pobres do mundo.

Remédios são o produto ideal para a falsificação. Seu valor é extremamente alto em relação ao peso e sua demanda tende ao infinito. Além do mais, os ingredientes ativos podem ser baratos, dependendo do substituto usado – ou de não haver ingrediente ativo algum.

Provavelmente todos os tipos de remédio estão sujeitos à fraude, mas mercados diferentes dão espaço a remédios falsificados diferentes. Nos EUA, a fraude é com Viagra; na África Subsaariana e no Sudeste Asiático, é com remédio contra malária. E com o tratamento contra o HIV – em 2012, o governo da Tanzânia descobriu 12 mil frascos de antirretrovirais falsificados.

Segundo Terry Hisey, da consultoria Deloitte, o mercado global de medicamentos falsos deve valer pelo menos US\$ 75 bilhões por ano. É uma fatia enorme do mercado de falsificações. Mas ele funciona de uma forma um pouco diferente. Enquanto criminosos pirateiam bens de consumo pensando nos



Trator destrói
produtos falsificados
na praça Charles
Miller, em São Paulo.



© Folhapress/
Fernando Donato

mercados mais ricos, onde estão as maiores margens de lucro, os remédios são voltados especialmente para países pobres, onde a fraude tem menor risco de detecção.

Nos países desenvolvidos, os remédios falsos são, em geral, aqueles de “estilo de vida” – contra disfunção erétil ou psiquiátricos que acabam sendo usados de forma recreativa. São basicamente comprados pela internet e entregues pelo correio. É claro que essa fraude é prejudicial, mas basta não comprar o V!agra ou V@lium anunciado em spam para não cair no golpe.

Já em países em desenvolvimento, a regulamentação de medicamentos e a aplicação da lei são tão falhas que se abre espaço para a fraude chegar diretamente à farmácia. E, não, aí não estamos falando de ter uma boa noite de sexo ou dormir chapado com ansiolíticos. Segundo a OMS, as falsificações mais apreendidas na Ásia são de antibióticos, anti-hipertensivos, medicamentos cardiovasculares e antidiabéticos. Operações da Interpol também já encontraram anticoncepcionais, vacinas, soro contra tétano e, claro, remédio contra malária.

PLACEBO

Os fraudadores de remédios em geral são pessoas já envolvidas na indústria farmacêutica que sabem que dá para fazer mais dinheiro vendendo remédio fraudulento do que legítimo. Eles têm conhecimento e trânsito suficientes nesse negócio para fazer os mais diferentes modelos de fraude.

A indústria farmacêutica é um ramo complexo, com vários atores. A sua produção é dividida de forma geral em duas etapas. Algumas fábricas são especializadas em produzir

ingredientes ativos. Já outras se ocupam de misturar esses ingredientes e fazer a embalagem.

Um caminho para o fraudador é comprar os princípios ativos de uma empresa e produzir seu próprio remédio. Apesar do risco de haver impurezas e de as proporções estarem erradas, o princípio ativo estará lá.

Mas um fraudador também pode embalar um remédio com princípio ativo parecido com o divulgado na embalagem, porém mais barato. E mais. Se ele tiver contatos quentes, poderá comprar lotes vencidos de remédios e embalá-los com uma nova data de validade. Ou simplesmente embalar talco como se fosse remédio.

A maioria dos laboratórios envolvidos na falsificação de remédio está na China e na Índia, segundo o Pharmaceutical Security Institute, uma associação de companhias farmacêuticas. Não é exatamente uma surpresa, porque os dois países estão entre os maiores produtores de ingredientes ativos e, ao mesmo tempo, têm níveis altos de corrupção. Na lista em que a Transparência Internacional elenca 177 países do menos ao mais corrupto, a China fica em 80º lugar e a Índia, em 94º – piores que o Brasil, na 72ª posição.

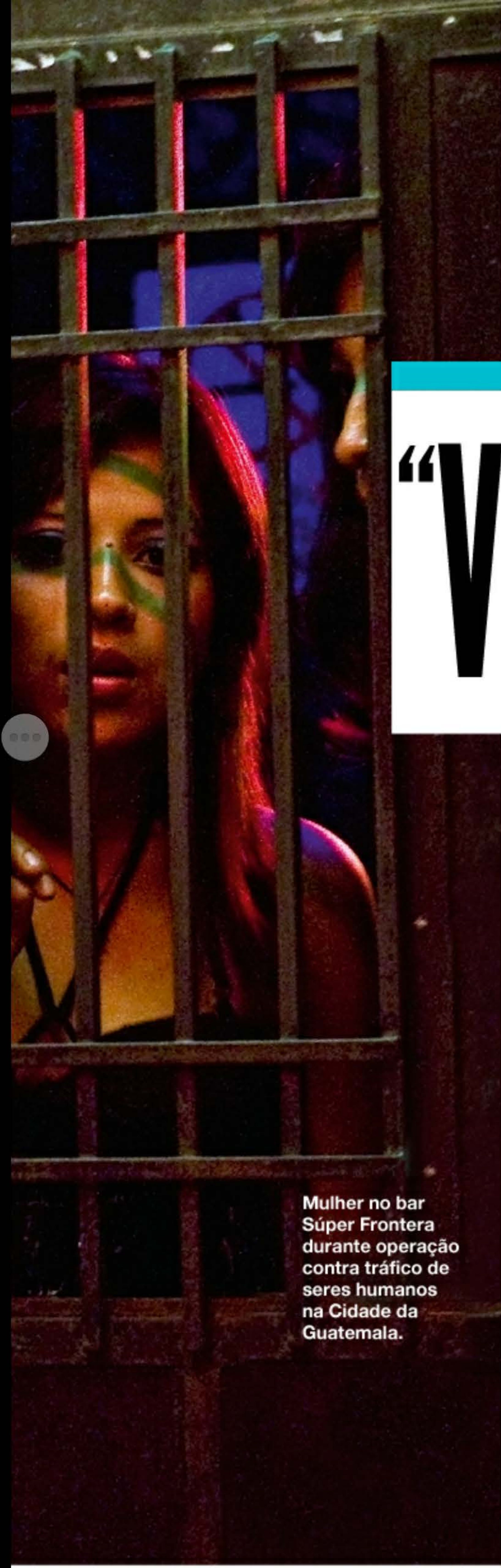
A China tem combatido esse tipo de crime, sim. O ex-chefe da agência de alimentos e drogas do país foi executado em 2007 por receber cerca de US\$ 1 milhão em propinas para que aprovasse centenas de remédios. Em 2011, o governo chinês também encontrou uma rede que produzia 710 diferentes produtos na região autônoma de Guangxi, no sul do país. Mas, assim que o controle fica mais forte na China, os ingredientes ativos começam a ser exportados para países vizinhos, como Mianmar, Coreia do Norte e Vietnã – onde são misturados e embalados para ganhar o mundo.

TRÁFICO DE PESSOAS

MERCADORIA HUMANA

Eles prometem trabalho numa terra onde os salários são altos, mas colocam suas vítimas numa rede de exploração sexual, trabalho forçado e mendicância.

Por Breno Costa e Felipe Seligman



Mulher no bar Súper Frontera durante operação contra tráfico de seres humanos na Cidade da Guatemala.

“Você vai adorar. Consegui um emprego. O trabalho é fácil, o salário é bom e é superdivertido”, disse Victoria, com uma arma apontada na cabeça em Israel. Do outro lado da linha estava sua amiga Ludmila Balbinova, em Tiraspol, na Moldávia. Sol e mar em Israel, trabalhando como garçoneiro. Por que não? A moça topou. Só não sabia que acabava de ser mais um peixe a cair na rede do tráfico de mulheres para prostituição.

Ludmila não precisava preocupar-se com passagens: a amiga passou o contato de uma mulher que resolveria tudo. Ela foi posta num trem até Odessa, na Ucrânia, e, de lá, em outro para Moscou, com outras dez meninas. Quando chegaram, tiveram os passaportes confiscados e foram presas num quarto por uma semana. Foi aí que a ficha começou a cair para Ludmila. Ela e mais três mulheres foram levadas ao aeroporto.

“Você realmente sabe aonde está indo? Tem certeza de que quer fazer isso?”, perguntou-lhe um policial federal antes de carimbar sua saída no passaporte. Não, não tinha certeza. Ainda assim, seu “guarda-costas” não permitiu que “fizesse nenhuma graça”. Em quatro horas de voo, chegariam ao Cairo. No Egito, elas ficaram presas num hotel até serem levadas de jipe a beduínos que as atravessariam pelo deserto até Israel.

Do outro lado da fronteira, as meninas foram entregues aos seus compradores: homens que falavam entre si em hebraico, mas se dirigiam a elas em russo. Eram da máfia russo-israelense.

De 1989 em diante, judeus da ex-URSS puderam arranjar a cidadania israelense. Para criminosos, o novo passaporte serviu de chave para as portas do mundo. E sindicatos russo-judeus desenvolveram a prostituição como seu principal negócio.

Ludmila acabou levada a um bordel em Tel Aviv. Lá, atendia até 20 clientes por noite, sete dias por semana. Quando conseguiu fugir, foi presa como imigrante ilegal. E depois deportada. De volta a seu país, descobriu que era HIV positivo.

O tráfico de pessoas é a atividade criminosa onde o céu e o inferno estão mais próximos um do outro. Esse braço do crime produz um lucro astronômico estimado em US\$ 32 bilhões anuais – equivalente ao rendimento líquido da JBS, a terceira maior empresa do Brasil e maior frigorífico do mundo. E isso só é possível porque as pessoas têm esperança. São poucos os casos em que alguém é de fato levado para algum lugar à força. Pelo contrário. A vítima é seduzida com a venda de sonhos de uma vida melhor, de mais segurança e conforto para sua família. Depois, é traficada como mercadoria por uma rede criminosa espalhada por ao menos 118 países do globo. No destino, torna-se vítima de alguns dos mais odiosos crimes. Exploração sexual de mulheres e crianças. Trabalho análogo à escravidão em todos os setores da economia. Servidão doméstica. Casamento forçado. Exploração de crianças e deficientes físicos para obter esmolas. Formação de exércitos de soldados infantis.

Existem 460 rotas de tráfico de pessoas, seja entre países, seja dentro de regiões diferentes de um mesmo país. São 20,9 milhões de pessoas somente em trabalho forçado, segundo a ONU.

O Departamento de Estado americano também produz anualmente um detalhado relatório sobre o tráfico de pessoas em todo o mundo. Segundo ele, há 20 países com uma alta incidência de tráfico sem que o governo faça nada contra. Embora a maioria seja de países pobres da África e da Ásia, há também alguns gigantes, como China, Rússia e Arábia Saudita.

QUEM SÃO AS VÍTIMAS



De 2007 a 2010,

27%
dos traficados
eram crianças.



O tráfico de crianças é um dos mais dramáticos. No geral, em 2010 (último dado disponível), uma em quatro pessoas traficadas era criança. Mas em algumas regiões, o número de crianças entre as vítimas supera o de adultos – caso da África, dos Andes, do Sudeste Asiático e dos Bálcãs.

Na Arábia Saudita, crianças são traficadas do vizinho Iêmen, com a ajuda de agentes oficiais de fronteira. Elas sofrem dois tipos de tráfico ao mesmo tempo: são usadas para transportar drogas e, chegando lá, podem ser escravizadas sexualmente.

O tráfico voltado à formação de soldados infantis foi registrado no Chade, República Democrática do Congo, Ruanda e no Equador, segundo o relatório da ONU. Mas também há registros atuais de uso de crianças por grupos separatistas no sul da Tailândia.

Mas os maiores casos na atualidade acontecem na RD Congo. Entre janeiro de 2012 e agosto de 2013, a ONU registrou cerca de mil casos de crianças recrutadas por grupos armados congolezes. Em geral, vítimas são sequestradas e forçadas a se juntar a grupos armados. Em outros casos, escolhem entrar com a promessa de dinheiro, estudo ou emprego. Crianças normalmente começam nos conflitos como carteiros, cozinheiros, espiões, escravos sexuais, vigilantes – e, claro, soldados de combate.

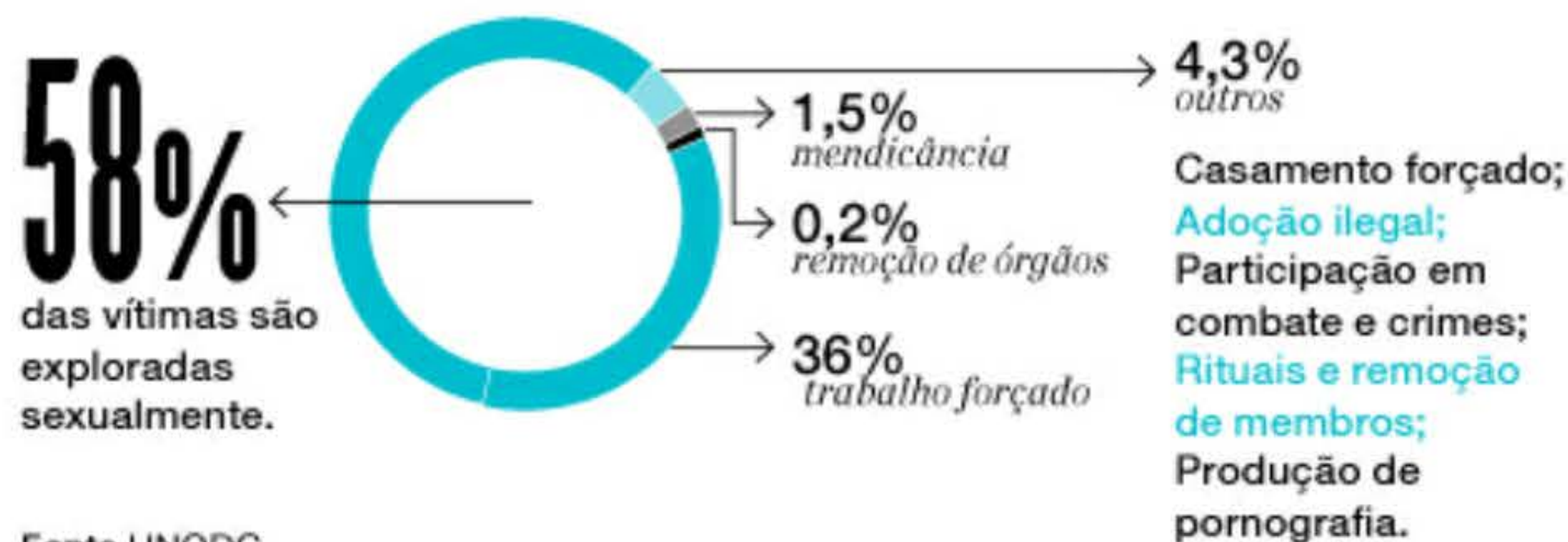
Outro ramo focado em menores de 15 anos é a esmola forçada. Na Mauritânia, garotos locais e outros trazidos de países vizinhos como o Senegal são forçados a pedir esmola nas ruas e precisam pagar cotas diárias para seus “donos”. No Cazaquistão, a lógica é a mesma, com o adicional de que as crianças também acabam sendo coagidas a praticar pequenos crimes e, em casos mais extremos, até mesmo participar de produções pornográficas.

Na Papua Nova Guiné, crianças com até 5 anos são entregues à exploração sexual ou trabalho forçado por seus próprios



↑ | Arraste para ler

OBJETIVOS DO TRÁFICO



parentes, conforme o relatório do Departamento de Estado americano. E líderes tribais chegam a trocar crianças e mulheres por armas e vantagens políticas.

O casamento forçado é outro ramo do tráfico de pessoas, que acaba sumindo em comparação com os dois grandes braços – escravidão sexual e trabalho forçado –, mas que tem impacto significativo na China. Lá, a política de filho único levou ao infanticídio de meninas e à consequente falta de noivas. Como o tráfico de pessoas atinge sempre os mais pobres, foi Mianmar que viu suas mulheres levadas à força para se casar com os vizinhos chineses. Somente em 2010, foram registrados 122 casos, segundo a ONU.

Na Tailândia, uma indústria em alta no Ocidente – a da comida tailandesa – esconde o intenso uso de mão de obra traficada, especialmente de homens. Uma pesquisa feita com 430 trabalhadores dessa indústria, que envolve pescado e cultivos de especiarias, 60% responderam já ter passado por experiências de trabalho forçado.

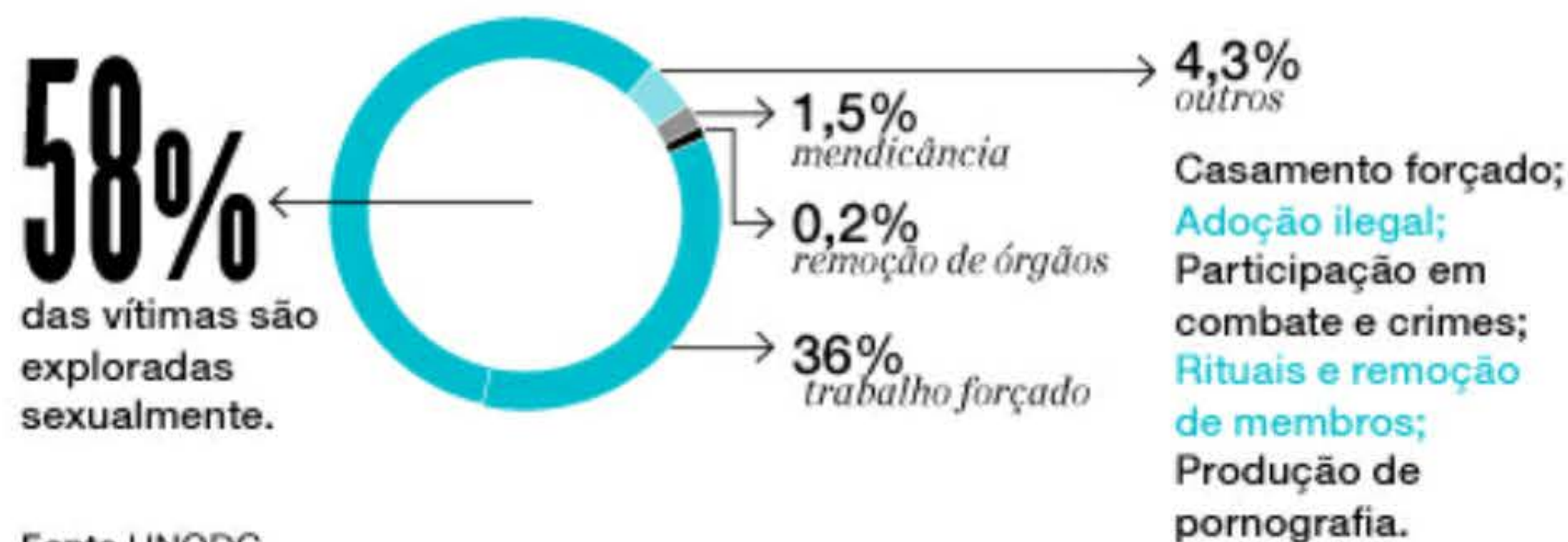
O sistema é medieval: nativos de países da região, especialmente Laos e Camboja, são traficados e levados para alto-mar, onde ficam embarcados por anos a fio, sem qualquer pagamento, forçados a trabalhar na pesca de 18 a 20 horas por dia, sete dias por semana, tendo de lidar com todo tipo de ameaças físicas e psicológicas. Segundo o governo americano, vários daqueles trabalhadores testemunharam capitães matando colegas por estarem doentes ou muito fracos para trabalhar. O cemitério é o mar do Oceano Índico.

Um dos principais desafios para coibir o tráfico de pessoas é como autoridades locais identificam a vítima. As leis locais podem facilmente ver a pessoa traficada não como vítima, mas como imigrante ilegal ou criminoso que merece punição. Assim, uma mulher que é submetida à prostituição, a criança que é usada para coletar esmolas e o trabalhador em condição



↑ | Arraste para ler

OBJETIVOS DO TRÁFICO



Fonte UNODC

que acaba sumindo em comparação com os dois grandes braços – escravidão sexual e trabalho forçado –, mas que tem impacto significativo na China. Lá, a política de filho único levou ao infanticídio de meninas e à consequente falta de noivas. Como o tráfico de pessoas atinge sempre os mais pobres, foi Mianmar que viu suas mulheres levadas à força para se casar com os vizinhos chineses. Somente em 2010, foram registrados 122 casos, segundo a ONU.

Na Tailândia, uma indústria em alta no Ocidente – a da comida tailandesa – esconde o intenso uso de mão de obra traficada, especialmente de homens. Uma pesquisa feita com 430 trabalhadores dessa indústria, que envolve pescado e cultivos de especiarias, 60% responderam já ter passado por experiências de trabalho forçado.

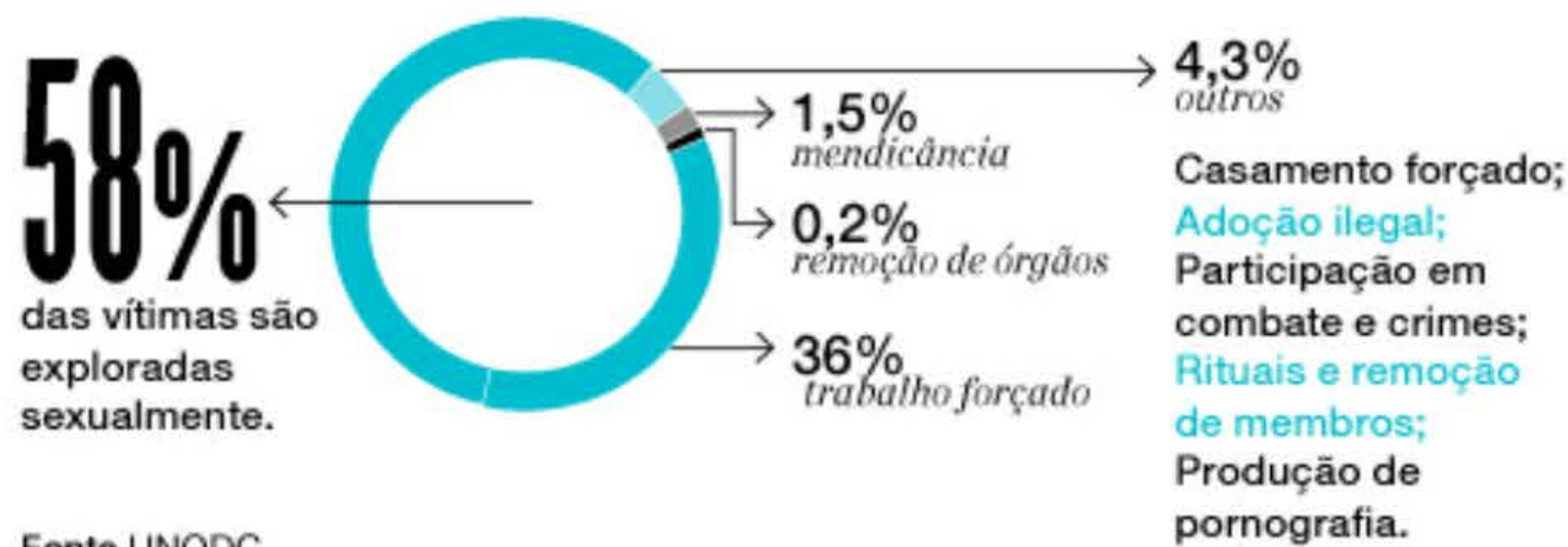
O sistema é medieval: nativos de países da região, especialmente Laos e Camboja, são traficados e levados para alto-mar, onde ficam embarcados por anos a fio, sem qualquer pagamento, forçados a trabalhar na pesca de 18 a 20 horas por dia, sete dias por semana, tendo de lidar com todo tipo de ameaças físicas e psicológicas. Segundo o governo americano, vários daqueles trabalhadores testemunharam capitães matando colegas por estarem doentes ou muito fracos para trabalhar. O cemitério é o mar do Oceano Índico.

Um dos principais desafios para coibir o tráfico de pessoas é como autoridades locais identificam a vítima. As leis locais podem facilmente ver a pessoa traficada não como vítima, mas como imigrante ilegal ou criminoso que merece punição. Assim, uma mulher que é submetida à prostituição, a criança que é usada para coletar esmolas e o trabalhador em condição análoga à escravidão ainda correm o risco de ser presos e deportados. Traficantes de pessoas exploram exatamente esse medo para que as vítimas não busquem ajuda. O medo de se tornar mais uma Ludmila.

↑ | Arraste para ler



OBJETIVOS DO TRÁFICO





© AP/Riccardo Gangale

Soldado em posto militar na República Democrática do Congo. O tráfico de pessoas também alicia crianças para trabalhar em grupos armados.

TRÁFICO DE PESSOAS

ESCRAVOS DA MODA

O trabalho escravo e o tráfico de pessoas podem se esconder na roupa que você usa.

Por Breno Costa e Felipe Seligman

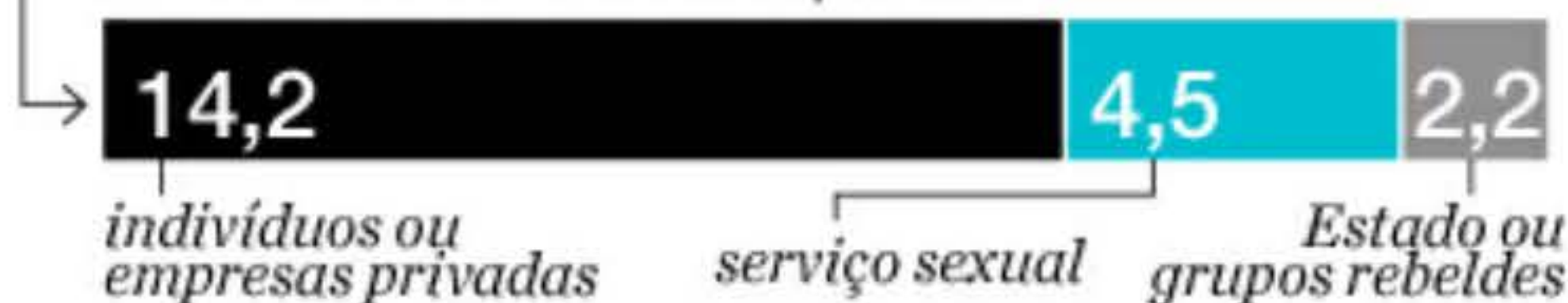
Estudantes uzbeques colhem algodão próximo à fronteira afegã.



COMO OS
ESCRAVOS
SÃO EXPLORADOS

20,9 MILHÕES

de pessoas são vítimas de trabalho forçado em todo o mundo. Elas são exploradas:





© AP/Efrem Lukatsky

Pense num evento nacional desses bem tradicionais. Por exemplo, La Tomatina, na Espanha, em que uns arremessam centenas de tomates nos outros. É um divertido e inofensivo evento anual. Pois bem. No Uzbequistão, o evento anual é a colheita de algodão, chamado localmente de “ouro branco”. Faz parte do calendário oficial do governo, entre setembro e novembro. Com isso, o país arrecada cerca de US\$ 1 bilhão por ano – ou 2% de tudo o que o país produz.

Um milhão de homens e mulheres participam da colheita, segundo um relatório do Departamento de Estado americano de 2013. O problema é que eles não querem. Estão lá à força, ordenados pelo governo local, e precisam cumprir cotas pessoais de até 70 kg diários de algodão. Depois, vendem o material para o Estado a um valor artificialmente baixo, financiando o governo de Islam Karimov, presidente desde o fim da União Soviética.

Quem não quiser ir é ameaçado com perda de emprego, de aposentadoria, prisão, multas e, no caso de adolescentes, expulsão de escola. Só em setembro deste ano, cinco uzbeques morreram em decorrência do trabalho forçado. Recentemente, houve um avanço: crianças com menos de 15 anos não podem mais trabalhar. Mas, antes, até crianças de 9 anos entravam.

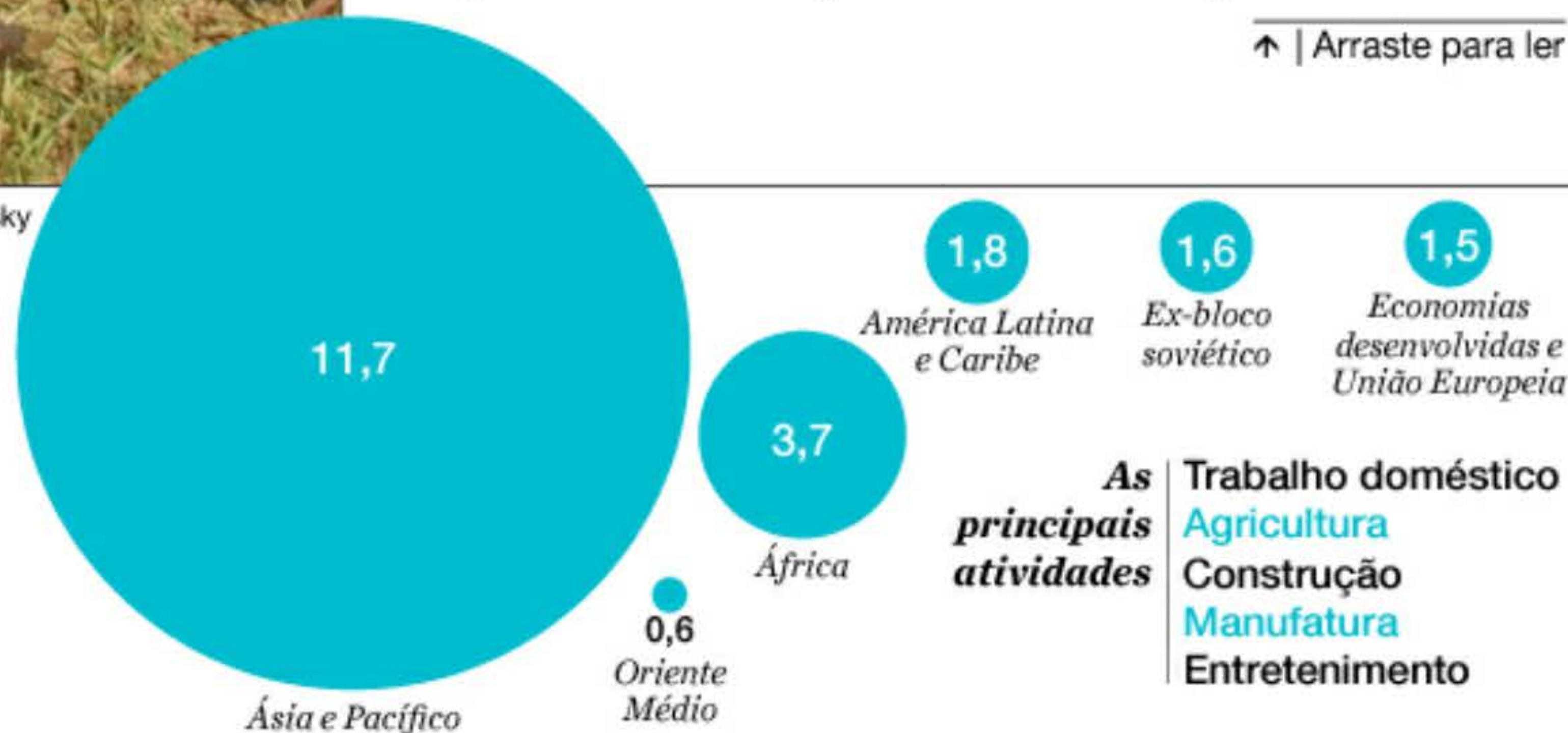
Em 2013, os contratos de funcionários públicos ganharam uma cláusula que obriga servidores a participar da colheita anual, sob pena de demissão. Até nas matrículas escolares os pais assinam contratos se comprometendo a levar os filhos maiores de 15 anos para a colheita.

Dada a presença de observadores da Organização Internacional do Trabalho, o governo orientou seus cidadãos a responder o seguinte aos estrangeiros: “Eu colho algodão voluntaria-

↑ | Arraste para ler

→ **Onde elas estão**

Fonte UNODC





nal do Trabalho, o governo orientou seus cidadãos a responder o seguinte aos estrangeiros: “Eu colho algodão voluntariamente e quero ajudar a melhorar a economia do meu país”.

O que está por trás disso é o mercado do vestuário, uma indústria que esconde, em diversos locais do mundo, do Brasil à China, passando pela Rússia, um rastro de trabalho escravo e tráfico de pessoas. A colheita do algodão é apenas a primeira fase dessa indústria.

Um exemplo da segunda fase, a confecção, ocorre a meros 20 quilômetros de Florença, uma das cidades mais fantásticas do mundo em termos de arte, um marco da genialidade humana. Ali do lado está Prato, uma comuna toscana que transformou-se em destino de trabalhadores chineses traficados para fábricas de vestuário.

Um desses jovens chineses, de 16 anos, conseguiu escapar e disse a policiais que trabalhava sete dias por semana, com turnos iniciando às sete da manhã e se estendendo até meia-noite. A remuneração: 1 euro por hora, fora os descontos de dívida.

Por trás desse caso específico, as autoridades conseguiram descobrir, e prender, uma rede formada por pelo menos 75 pessoas, a maioria delas da França e da Espanha, países desenvolvidos, signatários dos principais tratados internacionais de respeito ao ser humano.

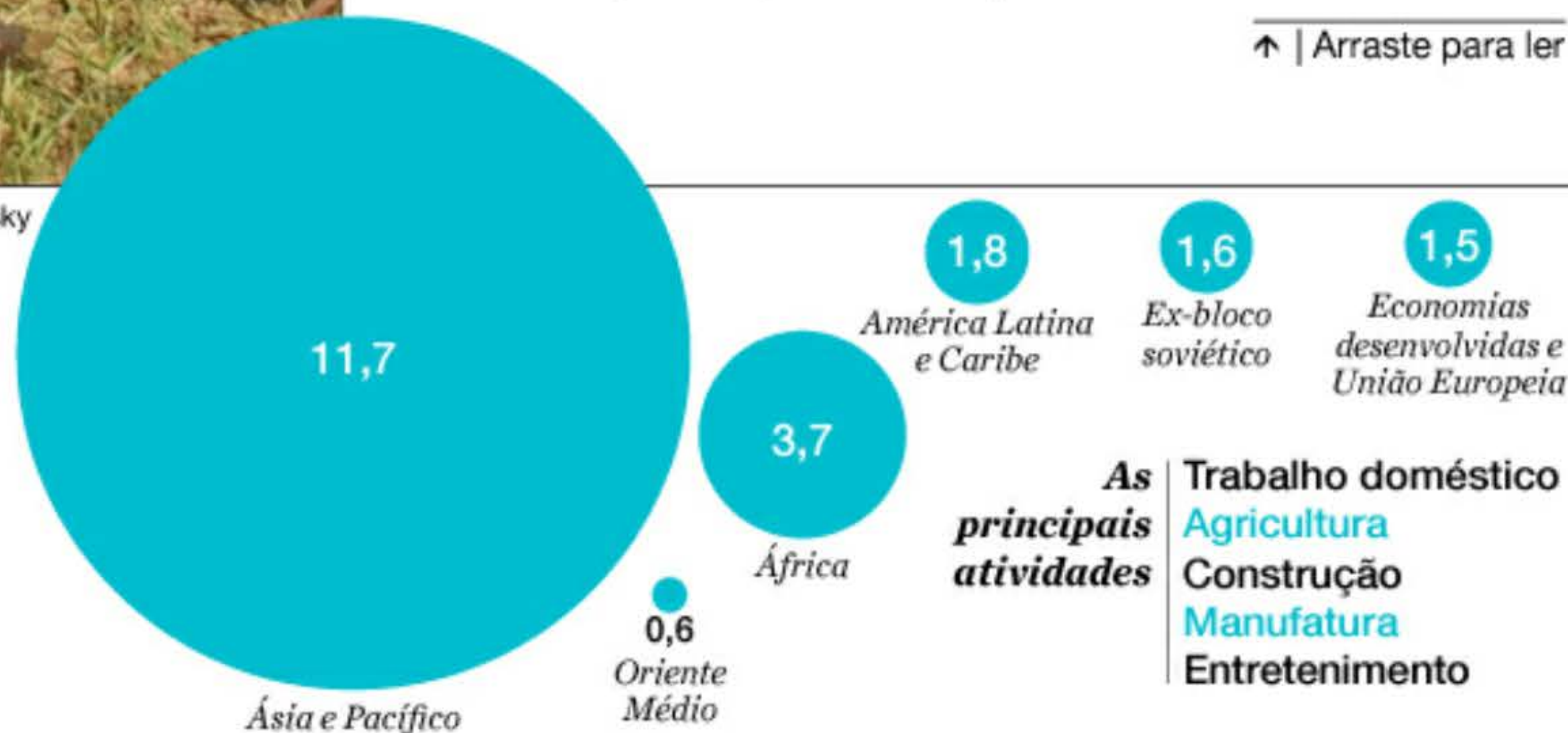
A terceira fase é a venda. E aí entram as grandes marcas varejistas, como a H&M. Em seu site, a empresa britânica admite o uso de algodão uzbeque, mas diz evitar o produto sempre que possível. Como o Uzbequistão é o segundo maior exportador de algodão do mundo, a empresa diz que “evitar o uso é um sério desafio”. Portanto, não teria como garantir um boicote – inclusive porque, antes de chegar a suas lojas, o algodão passa ainda por países como China e Bangladesh, onde as roupas são produzidas por oficinas subcontratadas.

↑ | Arraste para ler

© AP/Efrem Lukatsky

→ **Onde elas estão**

Fonte UNODC



PIRATAS

SEQUESTRO EM ALTO-MAR

Cravada na rota de petroleiros, a Somália é estratégica demais para ser apenas um Estado falido. Ela virou a mãe dos piratas contemporâneos, que sequestram navios em troca de milhões. Por **Maurício Horta**

Era uma vez um país sem governo. Com a queda da União Soviética (sempre ela), foi derrubado também em 1991 o governo socialista da Somália. E eis que esse país alcançou a façanha de poucos: tornou-se a mais perfeita definição de anarquia. Lutas entre clãs tribais, dezenas de tentativas de instituição de governo, insurgência islâmica aliada à al-Qaeda. Como se o sofrimento não bastasse, algumas secas provocaram nesse país consecutivos desastres humanitários, com um total de meio milhão de mortos.

Mas esse era um belo país, com pescadores empenhados que trabalhavam ao longo da extensa costa banhada pelo golfo de Aden – um naco do mar da Arábia por onde passam 3,4 milhões de barris diários em petroleiros vindos do Golfo Pérsico para o Canal de Suez. Pelas águas que esses pescadores tão bem conheciam, passava um décimo de todo o petróleo transportado por mar no mundo.

Somando rebeldes armados, pescadores experientes, inexistência de lei e desespero econômico, a Somália presenteou o século 21 com o retorno da pirataria. Entre 2005 e 2012, piratas somalis faturaram entre US\$ 339 milhões





© AP/Farah Abdi Warsameh

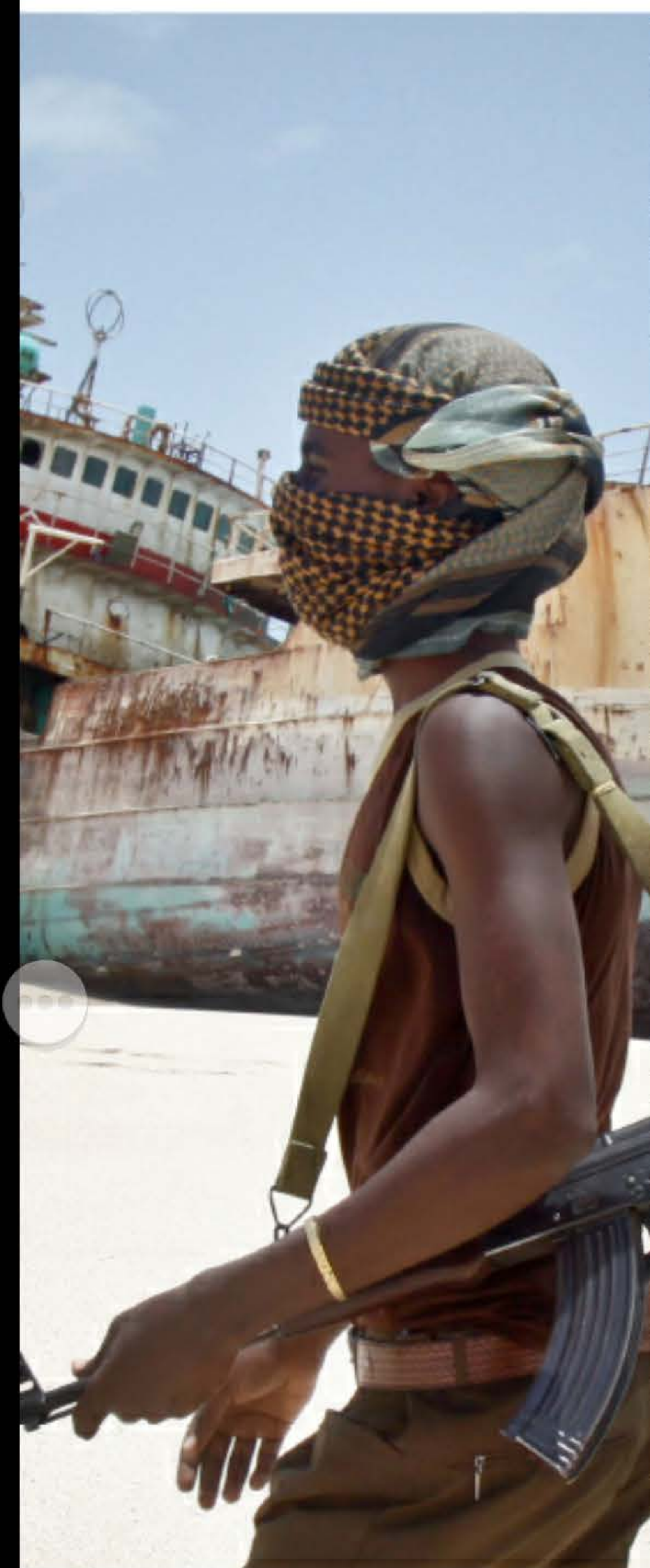
Pirata passeia em frente a um pesqueiro taiwanês encalhado – depois do pagamento de resgate e da liberação de sua tripulação.

e US\$ 413 milhões em resgates, segundo um estudo recente da ONU, do Banco Mundial e da Interpol. E se até 2008 eles ainda agiam de forma amadora, hoje são profissionais e conectados com uma rede internacional de crime.

Uma expedição grande pode custar US\$ 30 mil. Para isso, entram em cena os financiadores: ex-policiais, ex-militares, ex-funcionários públicos, ex-piratas e traficantes de qat, uma erva estimulante amplamente consumida na região. Cada expedição tem em média de três a cinco financiadores.

Feito o financiamento, é convocada a equipe-pirata. Jovens com maior conhecimento de eletrônicos ficam no rádio, ras-

↑ | Arraste para ler



© AP/Farah Abdi Warsameh

Pirata passeia em frente a um pesqueiro taiwanês encalhado – depois do pagamento de resgate e da liberação de sua tripulação.

com maior conhecimento de eletrônicos ficam no rádio, rastreando mensagens para localizar alvos e fugir de navios militares. Ex-pescadores lideram as operações marítimas, levando até o alvo barcos rebocadores com duas ou três lanchas lotadas de piratas. Estes, por sua vez, são jovens entre 20 e 35 anos, que nunca saíram da Somália e cresceram na guerra civil, primeiro como vítimas, depois como mercenários.

Quando os rebocadores se aproximam, as lanchas são soltas e começa o ataque. Diferentemente dos piratas dos desenhos animados e filmes de fantasia, os somalis não são assaltantes. São sequestradores, e de alto nível. Chegam com bazucas e granadas ameaçando afundar o navio (o que é bem assustador no caso de petroleiros). Quando entram em contato com a tripulação, estão armados com facões e fuzis Kalashnikov. Mas isso é só para intimidar. Apesar de eventuais mortes, o padrão é tratar bem a tripulação – afinal, só querem o dinheiro.

E dinheiro eles conseguem. Cada resgate coleta em média US\$ 2,7 milhões. Os financiadores ficam com 30% a 75% do valor do resgate – que é reinvestido em novas expedições ou em outros negócios.

Depois, é distribuído o dinheiro dos piratas de baixo escalão – entre US\$ 30 mil e US\$ 75 mil por pessoa. Quem tiver um bom comportamento – por exemplo, ser o primeiro a invadir o navio ou trazer seus próprios armamentos – ganha bônus de até US\$ 10 mil. Já quem não se comportar direito se dá mal: multa de US\$ 5 mil e demissão para quem maltratar refém e multa de US\$ 10 mil e demissão para quem desobedecer ordens.

Mesmo se comportando bem, alguns piratas não levam muita grana para casa. Todo gasto no mar é contabilizado – comida, bebida, qat. E os preços no navio são como em lanchonete de aeroporto: sempre maiores. O quilo de qat, que custa no máximo US\$ 50 nas ruas de Mogadíscio, chega a US\$ 100. Até crédito de celular é em dobro.

Depois de receber a grana que sobra, o dinheiro também vai rápido – em geral, com prostitutas ou escravas sexuais traficadas, qat, álcool e carros. Isso para não dizer de lugares onde é necessário pagar uma taxa de 20% para o Shabab – um grupo rebelde somali ligado à al-Qaeda. É por isso que dificilmente um pirata raso se limita à primeira viagem. Uns entram em várias expedições para gastar com mulheres e carros; outros trabalham para crescer na carreira e virar um financiador. O Estado pode não ser organizado na Somália. Já o crime...

↑ | Arraste para ler

LAVAGEM DE DINHEIRO

O CRIME LAVA VERDE

MAIS

Para esconder a origem suja de seu dinheiro, criminosos mantêm um pé na economia legal. Assim, eles se infiltram na nossa vida – do restaurante preferido até o jogo de futebol.

Por Felipe Seligman e Breno Costa

Em *Breaking Bad*, Walter White compra um lava a jato para lavar o dinheiro da metanfetamina.

A man with glasses and a white shirt is shown from the chest up, holding a large stack of US dollar bills. He is looking down at the money, which includes several \$100 bills. The background is slightly blurred, showing what appears to be a red and white striped awning or canopy.

Tudo começou no final da década de 1920, quando Al Capone o maior gângster de Chicago, o inimigo público número um da América – se viu diante de um dilema: estava ganhando dinheiro demais. A Lei Seca americana (1920 a 1933) fez da venda clandestina de álcool o seu negócio mais lucrativo. Rendia mais do que a prostituição e os jogos. Mas ele precisava encontrar uma forma de mascarar a sua fonte – e ter, afinal, como gastar o dinheiro tranquilamente.

O melhor caminho era usar de fachada algum negócio insuspeito. Aí, era só contabilizar o dinheiro do crime como parte do faturamento oficial. Isso funcionaria com um restaurante, por exemplo. Mas Al Capone escolheu uma lavanderia. Ou melhor, uma rede de lavanderias chamada Sanitary Cleaning Shops. É certo que esquemas de lavagem de dinheiro já existiam antes, mas essas máquinas fizeram algo a mais. Transformaram o termo “money laundering” em jargão policial. Depois jornalístico. Depois legal.

Passadas oito décadas, a história é a mesma. Em *Breaking Bad*, Walter White compra um lava-rápido para tornar lícita a sua grana. Na vida real, a ONU estima que até 5% do PIB mundial seja lavado.

A essência do esquema é simples. Digamos que João tenha uma boca de fumo e uma pizzeria. O estabelecimento rende mensalmente R\$ 5 mil; já as drogas dão R\$ 45 mil. Basta João escrever no caderno de contabilidade que a pizzeria faturou R\$ 50 mil para que esse dinheiro fique limpo. É verdade que o crime organizado é muito mais do que uma simples boca de fumo. E, aí, a história se complica. Pode ser necessário guardar o dinheiro fora do país

↑ | Arraste para ler

A man with short brown hair and glasses, wearing a white t-shirt, is shown from the chest up. He is holding a large, thick stack of US dollar bills, including \$100 and \$50 bills, in his hands. The background is slightly blurred, showing what appears to be a red and white striped awning or canopy.

Tudo começou no final da década de 1920, quando Al Capone o maior gângster de Chicago, o inimigo público número um da América – se viu diante de um dilema: estava ganhando dinheiro demais. A Lei Seca americana (1920 a 1933) fez da venda clandestina de álcool o seu negócio mais lucrativo. Rendia mais do que a prostituição e os jogos. Mas ele precisava encontrar uma forma de mascarar a sua fonte – e ter, afinal, como gastar o dinheiro tranquilamente.

mais. Transformaram o termo “money laundering” em jargão policial. Depois jornalístico. Depois legal.

Passadas oito décadas, a história é a mesma. Em *Breaking Bad*, Walter White compra um lava-rápido para tornar lícita a sua grana. Na vida real, a ONU estima que até 5% do PIB mundial seja lavado.

A essência do esquema é simples. Digamos que João tenha uma boca de fumo e uma pizzeria. O estabelecimento rende mensalmente R\$ 5 mil; já as drogas dão R\$ 45 mil. Basta João escrever no caderno de contabilidade que a pizzeria faturou R\$ 50 mil para que esse dinheiro fique limpo. É verdade que o crime organizado é muito mais do que uma simples boca de fumo. E, aí, a história se complica. Pode ser necessário guardar o dinheiro fora do país ou fazê-lo correr de mão em mão para ser despistado. Os investimentos precisam ser diversificados. Apartamentos de luxo, obras de arte, times de futebol. Os negócios de fachada variam conforme o caso – postos de gasolina, concessionárias de carros usados, estacionamentos. Ainda assim, a essência é a mesma. Veja na próxima página os quatro caminhos principais como o dinheiro sujo entra limpo na economia.

↑ | Arraste para ler

COMO A MÁQUINA FUNCIONA

O objetivo da lavagem é simples: colocar a grana do crime numa atividade legal. Veja abaixo os quatro principais caminhos que o dinheiro percorre.



A SUJEIRA

A essência da lavagem do dinheiro está em colocá-lo num negócio lícito [veja abaixo]. Mas, para não despertar a desconfiança de autoridades ou de parceiros, o criminoso pode antes ocultar o valor por um tempo usando um dos quatro caminhos à direita.

Dinheiro na cueca

Uma pessoa leva pessoalmente o dinheiro vivo até o país de destino.



Contrato de importação de serviços

O dinheiro vai ao exterior para pagar um serviço que não existe.



Doleiro

O dinheiro sujo é depositado na conta de um doleiro. No exterior, outro doleiro disponibiliza o valor equivalente, numa transação paralela ao sistema financeiro.



1

No exterior

2

No colchão

3

Com o laranja

4

Em negócios

AS FACHADAS

A lavagem recorre a alguns negócios tradicionais que têm uma coisa em comum: a dificuldade em definir os valores movimentados.

Compra e venda de objetos de arte

O criminoso "vende" uma obra para um laranja a um preço muito superior ao que o mercado pagaria. E esse valor inflacionado é pago com a grana do crime.

Compra e venda de animais de elite

O esquema é parecido com o da venda de objetos de arte. Afinal de contas, é bem complicado provar que o preço de um cavalo ou de um boi foi superestimado.

Concessionária de usados

Se veículos novos têm preço tabelado, os usados têm valor subjetivo, que depende do estado de conservação. E onde há valor subjetivo há espaço para lavar dinheiro.

Postos de gasolina

É difícil controlar quantos carros passam por um posto de gasolina. Não é tão complicado, portanto, emitir notas falsas de abastecimentos que nunca ocorreram. O dinheiro que entra vem do crime.

A OCULTAÇÃO

Para não chamar a atenção de conhecidos do criminoso e não revelar a origem do dinheiro para o governo, o criminoso precisa ocultar seus recursos.



O valor é depositado em contas em paraíso fiscal, com regras financeiras particularmente permissivas.



A grana é guardada em colchões, cofres, gavetas, armários – ou até debaixo da terra, como gosta de fazer o PCC.



O valor é depositado na conta de pessoas de fachada – conhecidos como “laranjas”. Assim, entra disfarçadamente para o sistema financeiro.

Se não for tão grande, a grana pode ser colocada diretamente no faturamento de uma empresa de fachada.

REINTEGRAÇÃO

É o passo final da lavagem: o dinheiro volta à economia legal. O passo básico é abrir uma empresa de fachada e incluir o dinheiro ilegal no faturamento. O negócio deve permitir a movimentação de grandes quantias e não pode ser muito controlado pelo Estado. Veja abaixo os mais comuns.

Infográfico Eduardo Asta

Quilo, quentinhas, pizzarias e rodízios

De forma semelhante aos postos de gasolina, restaurantes com muita rotatividade podem simplesmente incluir em seu faturamento o dinheiro a ser lavado.

Loteria

Por meio de funcionários da Caixa, criminosos descobrem os donos de bilhetes premiados*. Ao comprá-los – em geral pagando mais do que o valor do prêmio –, eles recebem do banco o valor limpo.

Futebol

O mercado futebolístico é uma lavanderia à parte. O valor dos jogadores é extremamente subjetivo e as bilheterias são facilmente fraudadas. Saiba como isso funciona na próxima página.

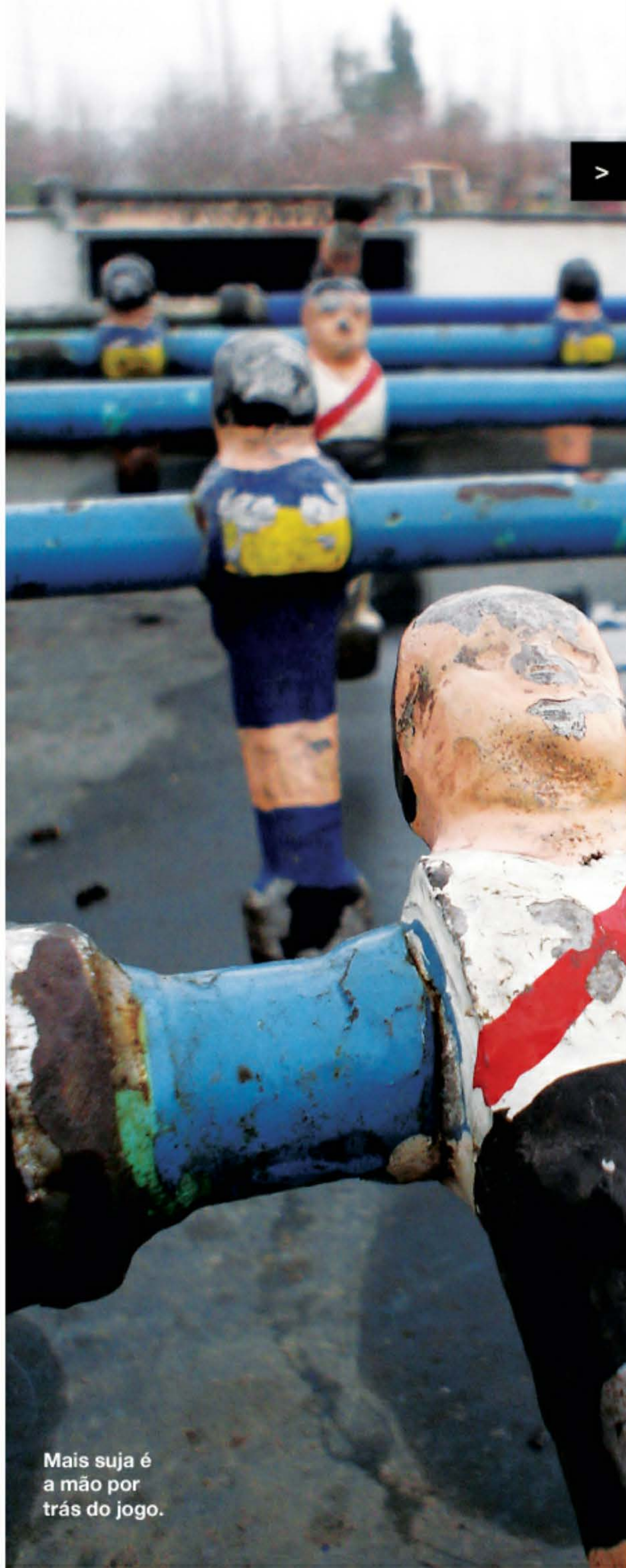


* No Brasil há pelo menos 70 “sortudos habituais”, três dos quais já acertaram na loteria 525 vezes, com uma movimentação de recursos de mais de R\$ 30 milhões.

JOGO SUJO

Como o crime transforma clubes de futebol em negócios de fachada.

Um jogador desconhecido de um país em desenvolvimento é negociado por milhões de euros. Investidores de países na Ásia e no Leste Europeu, mesmo com pouca tradição futebolística, saem comprando times europeus médios. Vendo isso a partir da arquibancada, não parece fazer lá muito sentido. Mas a história é outra do ponto de vista de criminosos que buscam negócios com boas lacunas para ANas duas últimas décadas, a economia esportiva cresceu e se internacionalizou freneticamente. E, dos esportes, nenhum é tão grande e tão internacional quanto o futebol. Para ter ideia de sua dimensão, a Fifa tem 38 milhões de jogadores e



Mais suja é a mão por trás do jogo.

301 mil clubes registrados pelo mundo. Aumentaram o troca-troca de jogadores e técnicos entre times de diferentes países, a qualidade dos estádios, as somas de dinheiro entre redes transmissoras e patrocinadores, e a venda de produtos de merchandising.

Nessa corrida armamentista, clubes precisam contratar bons jogadores e melhorar sua estrutura. Só que o investimento deve vir de algum lugar. Uma possibilidade é o clube se endividar com um banco. Outra é ele se abrir a investidores – em princípio, de olho nos direitos de mídia e em parte da venda de ingresso e de mercadorias.

Até aí, tudo bem. Mas não demorou para que o crime organizado percebesse na figura do investidor várias oportunidades para reintegrar dinheiro sujo à economia legal.

O caminho mais simples é inflar o número de torcedores presentes nos estádios. Se cabem 30 mil pessoas, mas só apareceram 15 mil, nada mais fácil do que registrar a presença de uns 22 ou 23 milhares de apaixonados. Rodada por rodada, o dinheiro começa a ganhar ares de legalidade.

Nesse ponto, a escolha do time é importante. Primeiro, não pode ser um totalmente desconhecido e sem torcida – afinal, fica difícil justificar a bilheteria quando o estádio é tradicionalmente vazio. Por outro lado, nada de comprar um time muito popular que lote as arquibancadas. Seria um desafio muito grande convencer o pessoal de que apareceram 50 mil pessoas, quando o limite é de 40 mil.

↑ | Arraste para ler





pular que lote as arquibancadas. Seria um desafio muito grande convencer o pessoal de que apareceram 50 mil pessoas, quando o limite é de 40 mil.

Mas o caminho mais simples é também o mais limitado na lavagem de dinheiro futebolística. O verdadeiro esquema é a compra e venda dos jogadores, que transforma o futebol numa lavanderia internacional.

A principal lacuna que permite a enorme circulação de dinheiro entre países é que o passe tem um valor subjetivo. A segunda é a quantidade de mãos intermediárias e de diferentes países envolvidos. Com agentes, empresários e familiares dos jogadores metidos no meio, a origem do dinheiro acaba se perdendo. Já a terceira lacuna é a confiança entre quem compra e quem vende o jogador.

Na prática, o esquema funciona da seguinte forma. O clube A de um país vende um jogador para o clube B de outro país por US\$ 20 milhões. Pelo menos é o que os dois clubes declaram publicamente. Mas, na verdade, o clube B pagou apenas US\$ 8 milhões. Os US\$ 12 milhões restantes não têm nada a ver com a compra – são recursos ilícitos que o clube A acaba de introduzir no sistema financeiro do seu país.

A crise econômica é especialmente auspiciosa para o esquema: clubes de futebol de todo o mundo têm tido mais dificuldade de conseguir empréstimos em bancos para sobreviverem, e estão à venda por preços bem camaradas.



VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Conselho Editorial: Victor Civita Neto (Presidente), Thomaz Souto Corrêa (Vice-Presidente), Elda Müller, Fábio Colletti Barbosa, Jairo Mendes Leal, José Roberto Guzzo

Presidente Executivo: Fábio Colletti Barbosa
Vice-presidente de Operações e Gestão: Marcelo Vaz Bonini
Diretor-Superintendente de Assinaturas: Fernando Costa
Diretora de Recursos Humanos: Cibele Castro

Diretora-Superintendente: Helena Bagnoli
Diretor de Núcleo: Dimas Mietto



Diretor de Redação: Denis Russo Burglerman
Redator-chefe: Alexandre Versignassi **Editores:** Bruno Garattoni, Emiliano Urbim, Felipe van Deursen
Repórter: Cristine Kist **Diretor de Arte:** Fabrício Miranda **Editor de Arte:** Jorge Oliveira
Designers: Paula Bustamante e Ricardo Davino



COLEÇÕES

Redator-chefe: Alexandre Versignassi
Editor de Arte: Jorge Oliveira
Colaboraram nesta edição: Maurício Horta (edição e textos), Anna Carolina Rodrigues, Breno Costa, Felipe Seligman e Pedro Ivo Dubra (textos), Verício Ferraz (direção de arte), Jonatan Sarmento (capa), Eduardo Asta (infografia), Alexandre Carvalho dos Santos (revisão) e Anderson C. S. de Faria (arte)

Esta publicação foi impressa com as fontes Chronicle e Helvética Neue

CRIME ORGANIZADO

ISBN 978-85-364-1683-0

é um livro da Editora Abril S.A., distribuído em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. Guia da Filosofia não admite publicidade redacional.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C928

Crime organizado. – São Paulo : Abril, 2014.

65 p.: il., color. ; 27 cm. – (Superinteressante)

ISBN 978-85-364-1683-0

1. Crime organizado. 2. Cartéis-Máfia. 3. Conflitos.

I. Título.

CDU 343-911

CDD 364-106